



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS (IL)
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO (LET)
LETRAS — TRADUÇÃO INGLÊS

ADRIELY DA SILVA RODRIGUES

**THE OUTBURSTS OF EVERETT TRUE: TRADUZINDO AS TIRAS CÔMICAS
DE A.D. CONDO**

BRASÍLIA, 2023

ADRIELY DA SILVA RODRIGUES

**THE OUTBURSTS OF EVERETT TRUE: TRADUZINDO AS TIRAS CÔMICAS DE
A. D CONDO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras –Tradução Inglês.

Orientador: Prof. Eclair Antonio Almeida Filho

BRASÍLIA

2023

ADRIELY DA SILVA RODRIGUES

**THE OUTBURSTS OF EVERETT TRUE: TRADUZINDO AS TIRAS
CÔMICAS DE A.D CONDO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras –Tradução Inglês.

Brasília, 27 de julho de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Eclair Antonio Almeida Filho
Universidade de Brasília - UnB

Prof. Pedro Henrique Chaves Reis
Universidade de Brasília - Unb

Prof. Myllena Ribeiro Lacerda
Universidade de Brasília - Unb

RESUMO

O presente trabalho efetua uma discussão sobre histórias em quadrinhos e como a tradução foi fundamental para a popularização do gênero no Brasil. Com base nos Estudos da Tradução, apresentou-se a primeira tradução para o português das tiras cômicas norte-americanas *The outbursts of Everett True*, de A.D. Condo, sob o título Os Arroubos de Severo Siso. Constatou-se que a tradução de tiras cômicas pode apresentar algumas dificuldades tradutórias, entre elas as principais dificuldades são transferir o aspecto cômico de uma língua estrangeira para outra, estruturas frases para que cabem em um espaço limitado sem prejudicar o sentido da frase e traduzir expressões idiomáticas e a sonoridade dos diálogos. Visou-se discutir também as principais características da história em quadrinhos, desenvolver um panorama histórico das histórias em quadrinhos nos Estados Unidos da América e no Brasil, abordar o papel da tradução na popularização e sobrevivência de quadrinhos no Brasil e, por fim, descrever o processo tradutório de *The Outbursts of Everett True* e os seus aspectos culturais e linguísticos. Para o desenvolvimento do panorama histórico e das características da arte sequencial, enquanto formatos e elementos específicos, foram utilizados como referencial teórico textos de Will Eisner (1989), Beatriz Sequeira de Carvalho (2017), Ivan Lima Gomes (2022) e Valdomiro Vergueiro (2017). Para apresentar questões sobre fidelidade na tradução e a invisibilidade do tradutor foram utilizados como base teórica os textos de Lawrence Venuti (1986), Paulo Henrique Britto (2012) Walter Benjamin (2008), entre outros. Concluiu-se que existem poucos projetos de tradução sobre tiras cômicas no Brasil, sendo necessário apresentar não apenas esse modelo que introduz uma linguagem visual que explora o lúdico, mas também demonstrar a tradução como uma ferramenta transformadora que detém de um processo único para cada texto cujo intuito é transpor as ideias, e a estética, de um texto original para o texto traduzido, dado que a tradução foi fundamental para a divulgação em massa de histórias em quadrinhos no Brasil, pode-se considerar esse presente trabalho como uma tentativa de apresentar uma nova área de pesquisa nos Estudos da Tradução.

Palavras-chave: *Tiras cômicas; The Outbursts of Everett True; Tradução; Histórias em quadrinhos.*

ABSTRACT

This essay intends to discuss comic strips and how translation was fundamental for the popularization of the genre in Brazil. Based on Translation Studies, I will present the first translation into Portuguese of the American comic strip *The Outbursts of Everett True*, by A.D. Condo, under the title *Os Arroubos de Severo Siso*. It was found that the translation of comic strips may present some translation challenges, among which the main ones are translating the humorous aspect from one foreign language to another, structuring sentences so that they fit into a limited space without impairing the meaning of the sentence and translating idioms and the sonority of dialogues. The paper objectives included discussion of the main characteristics of comics, a historical overview of comics in the United States and in Brazil, an exploration of the role of translation in the popularization and survival of comics in Brazil, and a description of the translation process of *The Outbursts of Everett True*, considering its cultural and linguistic aspects. To provide a historical overview and insights into the characteristics of sequential art as formats and specific features, texts by Will Eisner (1989), Beatriz Sequeira de Carvalho (2017), Ivan Lima Gomes (2022), and Valdomiro Vergueiro (2017) were used as theoretical reference, to present issues about fidelity in translation and the invisibility of the translator, the texts of Lawrence Venuti (1986), Paulo Henriques Britto (2012) Walter Benjamin (2008), etc. In conclusion, there are few translation projects on comic strips in Brazil, and it is necessary to present not only this model that introduces a visual language that explores the humor, but also to demonstrate translation as a transformative tool that has a specific process for each text that the translator works on, which aims to incorporate the ideas and aesthetics of an original text into the translated one. In view of the fact that translation was fundamental for the mass distribution of comic strips in Brazil, this work can be considered as an attempt to present a new area of research in Translation Studies.

Keywords: *Comic strips; The Outbursts of Everett True; Translation; Comics.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	25
Figura 2: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	27
Figura 3: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	28
Figura 4: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	29
Figura 5: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	30
Figura 6: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	31
Figura 7: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	33
Figura 8: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	34
Figura 9: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	35
Figura 10: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	36
Figura 11: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	37
Figura 12: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	38
Figura 13: Tira cômica de <i>The Outbursts of Everett True</i>	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PANORAMA SOBRE AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS.....	10
2.1 Quadrinho não é literatura?.....	10
2.2 Elementos fundamentais para a criação de uma história em quadrinho.....	13
2.3 Panorama histórico.....	14
3. OUTBURSTS OF EVERETT TRUE: CARACTERÍSTICAS DA OBRA.....	23
3.1 Porque escolher a tira cômica The Outbursts of Everett True.....	41
3.2 Sobrevida de uma obra esquecida.....	42
3.3 Teoria dos polissistemas: cânone literário.....	43
4. PROJETO DE TRADUÇÃO.....	48
4.1 Invisibilidade e a intermediação do tradutor.....	49
4.2 Tradução comentada.....	52
5. CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS.....	72

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta trazer pela primeira vez ao Brasil a tradução das tiras cômicas *The Outbursts of Everett True*, de A.D. Condo, publicadas no início do século XX. Propõe-se discutir também os contextos históricos que explicam a relevância das tiras cômicas nas culturas brasileira e norte-americana, os aspectos linguístico-culturais e as expressões idiomáticas presentes no texto, o objetivo principal do projeto é evidenciar estratégias de tradução e o seu papel como uma ferramenta transformadora, afinal, a tradução é uma ferramenta central para a sobrevivência dessa tira cômica, que foi esquecida pelo público ao longo dos séculos. Por se tratar da tradução de um texto humorístico que tem como ênfase críticas aos maus hábitos dos homens e à hipocrisia da sociedade da época, foi necessário levar em consideração algumas estratégias tradutórias, como a adaptação ou mesmo a domesticação, que foram utilizadas como base para a tradução de modo que o texto não cause estranheza no leitor.

Do termo em inglês “*comic strips*”, *The Outbursts of Everett True* estreou em 22 de julho de 1905, tendo como título *A chapter from the life of Everett True*. Essas *comic strips* se tratam de histórias em quadrinhos de dois ou mais painéis em preto e branco que eram publicadas regularmente no jornal norte-americano entre 1905 e 1927. A tira cômica conta a história do personagem principal Everett True, que neste projeto de tradução foi traduzido para Severo Siso, um senhor que combate diariamente os falatrões mal-intencionados da sociedade norte-americana. Essa tira foi uma publicação popular durante quase 50 anos, mas pouco conhecida atualmente. Essa é, portanto, uma tentativa de ampliar os estudos da tradução de quadrinhos que visa propor uma discussão acerca dos desafios sobre o processo tradutório de tiras humorísticas. Será utilizado neste projeto de tradução a coletânea de 1907, que contém 80 páginas no total e se encontra em domínio público.

No Brasil, as histórias em quadrinhos se tornaram cada vez mais populares entre o público infantil e infanto-juvenil. Um exemplo de tirinhas populares são as da Turma da Mônica, da Mafalda e de Garfield, que além de levar o público brasileiro aos risos com seus diálogos espontâneos, também mostram em suas narrativas situações do cotidiano, com as quais ensinam valores morais importantes para a sociedade. Uma tira cômica que exhibe comportamentos vistos como bons ou maus está, na verdade, propondo mostrar ao seu leitor valores morais que regem a ação humana, e esse é um ponto importante a ser discutido no presente trabalho, pois *The Outbursts of Everett True* agrega esse tema em sua narrativa e isso

consequentemente instiga debates sobre como alguns hábitos do cotidiano acabam se tornando uma microviolência.

As histórias em quadrinhos possuem uma linguagem autônoma e características únicas que podemos descrever como arte sequencial – ao estudar uma tirinha, por exemplo, podemos observar como ela utiliza uma combinação de ilustrações, elementos culturais e efeitos cômicos que consegue gerar em poucos quadros inúmeras discussões e debates entre leitores. A arte sequencial foi um produto desenvolvido para as massas, e utilizou a tradução para publicar e popularizar diversas histórias em quadrinhos, mas, infelizmente, são escassos os estudos sobre estratégias de tradução de histórias em quadrinhos nos Estudos da Tradução, de modo que a quantidade de pesquisas é ainda menor quando nos deparamos com a tradução de tiras cômicas. Com isso em mente, é importante trazer quadrinhos que caíram no esquecimento por falta de tradução para o português, como a tira cômica alvo deste projeto, *The Outbursts of Everett True*, que tem 118 anos de existência e traz desafios que ainda são controversos na área da tradução; tópicos como a intraduzibilidade e a infidelidade entre texto traduzido e texto original, pela busca de transmitir o mesmo sentimento exercido no leitor original para o leitor-alvo.

Para discutir tradução de histórias em quadrinhos, mais especificamente de tiras cômicas, é preciso ter em mente o aspecto humorístico e as especificidades da linguagem utilizada no texto. É relevante também dar importância aos signos não-verbais como o espaço limitado dos diálogos nos balões, as ilustrações e o contexto histórico em que se passa essa tirinha, pois, devido a essas características, o tradutor terá um grande desafio durante o processo tradutório. Traduzir uma tira cômica é comparável a traduzir um poema, sendo preciso ter uma estratégia pré-estabelecida, uma leitura investigativa e saber que ocorrerão diversas adaptações e mudanças em favor do público-alvo.

No intuito de organizar seu desenvolvimento, este trabalho foi separado em três seções. Na primeira, foi desenvolvido o panorama histórico das histórias em quadrinhos, no qual é abordado o surgimento e os aspectos de uma história em quadrinhos, seu impacto econômico e cultural nos Estados Unidos e no Brasil, e a canonização e reconhecimento crítico de algumas histórias em quadrinhos. Na segunda seção, são apresentadas as características e temas abordados na tira cômica *The Outbursts of Everett True*, de A.D. Condo. E, na última seção, trata-se sobre a Teoria da Tradução, o papel do tradutor, e as escolhas tradutórias com base na ideia de (in)fideliade e domesticação de textos, e, por fim, será também apresentada a tradução comentada da tira cômica, levando em consideração a oralidade, gírias e adaptações necessárias em favor do humor.

2 PANORAMA SOBRE AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS.

A história em quadrinhos é um veículo de comunicação gráfica popular que engloba um amplo número de leitores ao redor do mundo. Sua demanda na cultura de massas fez surgir cada vez mais novas edições de revistas, gibis e quadrinhos diários de jornal únicos em cada país. Por isso, apresentar o panorama histórico de histórias em quadrinhos é essencial nesta primeira parte, já que pretendemos discutir sobre um dos gêneros de histórias em quadrinhos, denominado *comic strips*, tiras cômicas ou tirinhas. Para tal, precisamos entender primeiro como surgiram os quadrinhos e questionar sobre a sua posição na área da literatura. Com base na dissertação de mestrado *O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos*, de Beatriz Sequeira de Carvalho (2017) do programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, será apresentada uma discussão com o intuito de descobrir qual é o espaço das histórias em quadrinhos na literatura. Também será utilizado o texto do cartunista e teórico Will Eisner (1989), *Quadrinhos e a arte sequencial*, para comentar as propriedades de uma história em quadrinhos, desde os efeitos estéticos até as manifestações culturais. Para o desenvolvimento do panorama histórico dos quadrinhos nos Estados Unidos e no Brasil, foi utilizado o texto de Valdomiro Vergueiro, teórico em panorama de histórias em quadrinho, bibliotecário e professor da Universidade de São Paulo, *Panorama das histórias em quadrinhos* (2017), o livro *Caricatura: a imagem gráfica do humor* (1999) do desenhista e aquarelista Joaquim da Fonseca, e o artigo *Histórias em quadrinhos em jornais, revistas e livros: um panorama transatlântico*, do pesquisador e professor de história do Brasil Ivan Lima Gomes (2022), entre outros.

2.1 Quadrinho não é literatura?

De acordo com a pesquisadora e especialista em gestão e estudos culturais Beatriz Sequeira de Carvalho (2017), é correto afirmar que os quadrinhos são considerados “A Nona Arte”, em vez de uma obra literária. As histórias em quadrinhos (HQ) são uma manifestação artística com características culturais que contêm em seu gênero a narrativa, a simbologia, o ritmo e a estética. Assim como a literatura, ela também traz hipóteses, questionamentos e premissas. Ainda que ambos os gêneros possuam semelhanças, as histórias em quadrinhos têm um processo cognitivo de leitura diferente do texto literário, e sustenta um processo narrativo gráfico que é difícil de reproduzir em outras manifestações artísticas. Carvalho explica que os

quadrinistas precisam representar em seus quadrinhos a passagem de tempo, movimento e perspectiva, além de precisar desenvolver narrativas curtas que pode variar entre humor, ironia, sarcasmo ou crítica em um espaço extremamente limitado. A literatura e os quadrinhos são manifestações literárias que estimulam o pensamento crítico e moldam o caráter de seus leitores, mas reproduzem processos criativos completamente diferentes. Certamente por haver comparações durante muitos anos entre literatura (uma manifestação tradicional com regras pré-estabelecidas) e a HQ (uma narrativa gráfica que ainda está se estabelecendo), estudiosos começaram a deslegitimar o valor literário dos quadrinhos, o que os fez serem vistos durante muitos anos como obra de relevância e cunho cultural inferiores ao que já era produzido pela literatura tradicional. Por serem um produto feito para as massas, eles questionavam o comprometimento do gênero em realmente cultivar a cultura nacional. Até serem reconhecidas por instâncias que as desprezavam e hoje legitimam a sua importância cultural, as histórias em quadrinhos foram invalidadas por muitos anos.

Por motivos que têm muito a ver com o uso e a temática, a Arte Sequencial tem sido geralmente ignorada como forma digna de discussão acadêmica. Embora cada um dos seus elementos mais importantes, tais como design, o desenho, o cartum e a criação escrita, tenham merecido consideração acadêmica isoladamente, esta combinação única tem recebido um espaço bem pequeno (se é que tem recebido algum) no currículo literário e artístico. Creio que tanto o profissional como o crítico são responsáveis por isso. (EISNER, 1989, p.5)

Ainda de acordo com Carvalho (2017), termos como “cultura de massa” eram utilizados de modo proposital no intuito de difamar a imagem das histórias em quadrinhos, alegando que algo feito para ser lido por todos não tinha como propósito ensinar nada novo; contestava-se a todo momento o seu caráter artístico e articulava-se que os quadrinhos eram apenas mais uma estratégia comercial da imprensa. O quadrinho é uma arte literária muito jovem, nasceu apenas no início do século XX. Logo, esta arte estava em desvantagem em relação à grande escola literária e não tinha muito espaço para contra-argumentar e discutir o seu valor cultural, até porque ainda estava em fase de desenvolvimento e muito do que publicavam na época eram piadas e críticas políticas. Nesse sentido, essa visão como “baixa cultura” dos quadrinhos em oposição à “alta cultura” da literatura era um pré-prejulgamento em visão da má qualidade de impressão das tiras da época e uma maneira de a literatura não perder a sua posição de prestígio ao ser comparada a uma tira cômica.

Para os intelectuais, a cultura é algo muito sério, pois é uma ferramenta usada para moldar os gostos e comportamentos dos seres humanos. Hoje, as histórias em quadrinhos “ultrapassaram a condição de instrumento de consumo para tornar-se símbolo da civilização contemporânea” (LUYTEN, 1987, p. 09). Nas palavras de Carvalho, “foi graças ao reconhecimento de *Maus* e à invasão do romance gráfico no mercado, que os quadrinhos

perderam o estigma de entretenimento barato e sem valor cultural” (CARVALHO, 2017, p. 21). Em 1992, *Maus* de Art Spiegelman ganhou o *Pulitzer Prize Special Awards and Citations*, uma das premiações mais importantes nos Estados Unidos. *Maus* é uma história em quadrinhos biográfica que narra o Holocausto, tendo sido a obra responsável por posicionar as histórias em quadrinhos em um espaço consagrado por críticos, e o primeiro quadrinho a receber um prêmio dessa magnitude.

Após conquistar esse espaço entre os críticos, as histórias em quadrinhos começaram a perder o estigma de arte menor. Algumas premiações exclusivas para histórias em quadrinhos foram surgindo ao longo dos anos, dentre elas o Prêmio Hugo de Melhor História em Quadrinhos nos Estados Unidos para quadrinhos em inglês ou que foram traduzidas para o inglês de fantasia ou ficção científica. No Brasil, importantes premiações dedicadas às histórias em quadrinhos são o Prêmio Angelo Agostini e o Prêmio Jabuti. Surpreendentemente, devido à sua popularidade em ascensão e riqueza visual, algumas obras literárias nacionais e estrangeiras estão sendo adaptadas em histórias em quadrinhos. No livro *Clássicos em HQ*, Renata Farhat Borges (2013) cataloga algumas obras nacionais e estrangeiras que foram adaptadas para histórias em quadrinhos; entre alguns exemplos estão: *Dom Quixote*, adaptação de Galhardo para a editora Peirópolis; *A Relíquia*, de Eça de Queirós, adaptado por Marcatti para a editora Boitempo; *A Divina Comédia*, de Piero Bagnariol, também para a editora Peirópolis; além da obra ganhadora do Prêmio Jabuti, *O Alienista*, de Machado de Assis, com adaptação feita por Fábio Moon e Gabriel Bá na categoria Livro Paradidático Infantojuvenil, em 2009. Inúmeras outras obras clássicas estão em processo de se tornarem um Romance Gráfico. As histórias em quadrinhos com o passar dos anos estão cada vez mais sendo uma opção de leitura para o público infanto-juvenil e adulto, pois conseguiram conquistar o seu espaço na sociedade e agora são reconhecidas como uma manifestação artística e cultural.

2.2 Elementos fundamentais para a criação de uma história em quadrinho

Will Eisner, além de ser um renomado quadrinista norte-americano, também é um importante teórico que descreve sobre os elementos essenciais de uma história em quadrinho, que pode ser encontrada em seu livro *Quadrinhos e a Arte Sequencial* (1989). Ele foi o responsável por introduzir o termo ‘arte sequencial’ para se referir às histórias em quadrinhos ou à banda desenhada. Segundo Eisner, a arte sequencial consegue causar um efeito nostálgico no leitor, pois estimula o imaginário com traços marcantes e cores vibrantes. Sobre as tiras cômicas, produz-se uma narrativa que contém um humor refinado e expõe a ironia e a hipocrisia que advêm das relações humanas. Eisner explica que, de uma forma geral, a linguagem dos

quadrinhos deve apresentar uma sobreposição de palavra e imagem, com uma série de imagens que se repetem, e devem reproduzir símbolos característicos das histórias em quadrinhos.

Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usadas vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da Arte Sequencial. (EISNER, 1989, p.08)

A linguagem padrão de uma HQ é representada por uma sequência de elementos visuais interligadas — são quadros emoldurados que, a depender da necessidade, podem ser modificados para designar uma recordação ou um sonho do personagem. Conforme Eisner (1989, p.38), “a função fundamental dos quadrinhos (tira ou revista) é comunicar ideias por meio de palavras e imagens, que envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e objetos) no espaço”. Como parte do processo criativo, o criador do quadrinho precisa capturar esse fluxo narrativo nos quadros para expressar a passagem do tempo, pois nesse espaço são desenvolvidos os pensamentos, ideias e ações. Para Eisner

Essencialmente, a criação do quadrinho começa com a seleção dos elementos necessários à narração, a escolha da perspectiva a partir da qual se permitirá que o leitor os veja e a definição da porção de cada símbolo ou elemento a ser incluído. Assim a execução de cada quadrinho implica o desenho, a composição, além do seu alcance narrativo. Boa parte disso se faz com a emoção ou intuição incorporadas no “estilo” do artista. (1989, p. 41)

A seguir, apresentaremos algumas convenções comumente utilizadas nas histórias em quadrinhos. Os balões são recursos fundamentais para o desenvolvimento de quadrinhos, pois são responsáveis pela ligação do texto verbal e não verbal, introduzem a fala ao quadrinho e contribuem para a medição temporal. Segundo Eisner, a primeira versão do balão era uma simples fita (legenda), que depois foi adaptada para sair da boca do emissor. Segundo o professor do Programa de Mestrado em Artes Visuais da UFPB Alberto Ricardo Pessoa (2016, p.21): “era comum a imagem e texto apresentarem redundância, já que a maioria dos diálogos nesses casos era descritiva e as cenas eram o retrato dessa descrição”. Ao longo dos anos, os cartunistas adaptaram os balões no intuito de auxiliar a narrativa da história.

- **Balão oval:** fala do personagem;
- **Balão nuvem:** pensamento ou sonho;
- **Balão pontilhado:** um diálogo sussurrado;
- **Balão trêmulo:** indica medo;
- **Balões intercalados:** intervalo de tempo;
- **Balão pontiagudo:** indica raiva.

Onomatopeia é uma figura de linguagem responsável em reproduzir elementos como ruídos e sons realizados por seres humanos, objetos, animais, sons da natureza, barulho de máquinas e automóveis, e inclui também o timbre da voz humana em textos que geralmente são usadas em histórias de quadrinhos. As onomatopeias são uma convenção muito utilizada nas histórias em quadrinhos e são derivadas de verbos da língua inglesa; uma onomatopeia pode variar entre idiomas, como o “Ai!” em português pode se tornar “Ouch!” em inglês.

Uma vez que as tiras cômicas são narrativas curtas que geram efeitos humorísticos com desfechos inesperados, elas também se articulam via imagem e texto, contêm uma sequência de quadrinhos que variam entre imagens coloridas ou em preto e branco e utilizam na linguagem dos quadrinhos gírias, dialetos, símbolos e onomatopeias. As tiras cômicas podem ser entendidas como uma nova maneira de contar piadas, e suas peculiaridades tornam-nas únicas, se as comparamos às charges, cujo foco é utilizar caricaturas de figuras públicas para fazer uma crítica de forma irônica ou satirizada para gerar o humor. Segundo Fonseca “A linguagem dos quadrinhos, com suas inovações, símbolos e suas coloridas onomatopeias (*crash, ka-boom, bang*) é tão familiar e aceita pelo público tal como é a linguagem do cinema” (1999, p.28). Atualmente, os artistas utilizam esses diferentes recursos gráficos em suas histórias em quadrinhos no intuito de trazer o leitor para "dentro" da história, esses pequenos quadrados conseguem lançar diferentes temas, linguagens e estéticas constantemente, como podemos observar no Romance Gráfico de *Maus*, de Art Spiegelman e nas tiras cômicas brasileiras denominada tira livre que se diferencia na abordagem não humorística e contém uma maior liberdade nos temas e nas narrativas. Gêneros como o terror, o romance, o romance policial, a ficção científica, os temas para o infanto-juvenil, as ideias filosóficas e os acontecimentos históricos são temas recorrentes em tiras cômicas atualmente.

2.3 Panorama histórico

O panorama a seguir toma como base o artigo do pesquisador e professor Ivan Lima Gomes (2022), *Histórias em quadrinhos em jornais, revistas e livros: um panorama transatlântico*, publicado na revista *Transatlantic Cultures*, e nos artigos do teórico de histórias em quadrinhos e professor da Universidade de São Paulo Waldomiro Vergueiro (2017). Gomes desenvolveu um panorama histórico sobre a origem das histórias em quadrinhos no mundo. De acordo com ele, cada história em quadrinho compõe a sua própria historicidade. Gomes explica que ainda é difícil assumir uma data definitiva sobre como surgiram as histórias em quadrinhos, já que manifestações como as pinturas rupestres, hieróglifos egípcios e

inscrições pré-colombianas são algumas reproduções do que hoje podemos caracterizar como arte sequencial.

As histórias em quadrinho nos Estados Unidos contam com quatro períodos específicos. Em cada era dos quadrinhos, surgiram autores que moldaram os aspectos dos quadrinhos como os conhecemos hoje, além de apresentarem inúmeros personagens icônicos que foram responsáveis pela popularização do gênero. De acordo com Gomes (2022), as primeiras publicações de histórias em quadrinho ocorreram no início do século XX, num período identificado como Era da Platina. O crítico explica que, para o surgimento das tiras cômicas, foi fundamental o barateamento das máquinas de impressão, pois naquele período surgiu um novo maquinário de impressão que conseguia reproduzir em cores as manchetes jornalísticas. Publicada em 1894, a primeira tira em cores “*The Yellow Kid*”, de Richard Outcault, foi uma tentativa dos jornais em trabalhar com essa nova ferramenta de impressão.

De origem irlandesa, as falas atribuídas ao menino [amarelo] eram grafadas de forma a buscar reproduzir o que seria o linguajar popular e o sotaque dos imigrantes pobres que ocupavam a Nova York de fins do século XIX. Foi importante para o surgimento da “imprensa de massas”, ao ponto de inspirar a expressão *yellow journalism*, usada de forma crítica para classificar periódicos sensacionalistas e tidos como pouco sérios. (GOMES, 2022)

Em decorrência disso, a popularização da tira modificou as estratégias mercadológicas e promoveu a popularidade dos quadrinhos nos jornais americanos. Em um período que se dedicava principalmente ao formato de tiras cômicas e charges, essa nova linguagem verbal e não verbal de leitura encontrou um público amplo. O desenvolvimento e o barateamento do maquinário de impressão colorida possibilitaram a publicação em massa das tiras cômicas de jornais em todo o país, e, conseqüentemente, novas medidas foram introduzidas para melhorar a qualidade dessas tirinhas.

Segundo Gomes (2022), desde 1833, as editoras publicam coletâneas de tiras cômicas. Esse procedimento durou até o final da década de 1930, quando algumas revistas em quadrinhos como *Superman*, *Popeye*, *Tarzan* e *Flash Gordon* começaram a ser reproduzidas. Dispondo ilustrações coloridas e histórias com continuidade, as publicações começaram a ocupar o espaço das revistas que compilavam tiras cômicas de jornais. Esse novo formato de histórias em quadrinhos foi a razão pela qual as tiras de jornais se tornaram uma leitura quase obsoleta nos EUA atualmente.

Entre a década de 1930 até o final da década de 1950, houve a Era de ouro das revistas em quadrinhos, marcada pelo período de criação e desenvolvimento do que entendemos de HQ's hoje, pela popularização do gênero e pela origem dos super-heróis. Na época, as editoras de histórias em quadrinhos tiveram a ideia de vender o suplemento de jornal como uma revista,

porém, devido à falta de técnica e às impressões ruins, essa iniciativa resultou em um produto de péssima qualidade. Gomes (2022) explica que as impressões na época tinham de ser em cores primárias e berrantes, devido à falta de técnica que os editores de jornal tinham com o maquinário de impressão. Por sua vez, os balões tinham letras pequenas difíceis de ler. Durante esse período, houve a criação da primeira revista em quadrinhos “*Action Comics*” pela editora norte-americana DC. Entre a Grande Depressão e a II Guerra Mundial, personagens populares como o *Superman* foram surgindo; quadrinhos como *Capitão Marvel* vendiam meio milhão de exemplares mensalmente e conseguiram tornar as histórias em quadrinhos populares. A revista em quadrinhos do *Superman* foi a responsável por iniciar um novo gênero narrativo específico na linguagem das histórias em quadrinhos. “O personagem só conseguiu se tornar um sucesso de público quando publicado no formato de revistas em quadrinhos; seus autores tentaram publicá-lo anteriormente como tiras cômicas, mas sem sucesso”, afirma Gomes (2022). Segundo o crítico, “estima-se que mais de 700 super-heróis povoaram revistas em quadrinhos desde o fim dos anos 1930 até a primeira metade da década de 1940, chegando à marca de 40 títulos diferentes em 1944”.

A Era de Prata (1956 - 1970) foi o período em que foi implementada a censura aos quadrinhos. Gomes (2002) explica que o incitador responsável pela repressão introduziu ao público em 1954 o livro *A Sedução do Inocente*, de Fredric Wertham, publicação que insinua em seus trechos que nas revistas de super-heróis e tiras de terror havia conteúdos inadequados às crianças, temas com elementos de perversões sádicas. Wertham afirma que as histórias em quadrinhos eram responsáveis por transformar os jovens em delinquentes, motivando-os ao uso de drogas e práticas criminosas. Essa publicação trouxe sérios problemas para as histórias em quadrinhos na época, como a implementação da censura *Comics Code Authority*, e reações extremas de alguns adultos, como queimar os quadrinhos de seus filhos e exigir banir de circulação revistas e tiras. Entretanto, a Era de Prata também representa o período em que os super-heróis retornam à popularidade: editoras como Marvel e DC foram criadas durante essa época, e como estratégia para evitar a censura e a represália, as editoras começaram a focar em temáticas como ficção científica e fantasia, assim, super-heróis como *Hulk*, *Homem-Aranha* e *The Flash* são considerados fenômenos culturais relevantes até hoje.

Nesse período histórico, as tiras de jornal também traziam histórias com temáticas sobre mistério e contos de terror. Vale destacar que o tratamento oferecido às revistas de histórias em quadrinhos e às tiras cômicas de jornais nesse momento era bastante diferente, pois, enquanto as tiras cômicas eram vistas como um “reconhecimento da crítica cultural e o entretenimento da leitura partilhada em família através do jornal” (GOMES, 2022), as revistas eram constantemente censuradas e a população rejeitava seu conteúdo.

Vejamos o caso da série *The Spirit* (1940-), de Will Eisner. Ao contrário de *Superman*, *Batman* e outros super-heróis publicados em revistas em quadrinhos, a HQ e seu autor não seriam importunados pelos críticos que se seguiram às vendas cada vez mais expressivas destas publicações. Por quê? *The Spirit* era uma espécie de revista em quadrinhos de super-herói publicada como um suplemento dominical de jornais. Ao ingressarem em outros contextos, as fronteiras entre tiras cômicas e revistas em quadrinhos poderiam ser borradas, causando algumas interpretações bastante específicas em torno das HQs e seus personagens. (GOMES, 2022)

Na Era de Ferro ou Era moderna, que teve seu início em 1970 e continua até atualmente, introduziram-se temas mais maduros que abordam questões sociais. Segundo Gomes (2022, p. 20): “o direcionamento das HQs para um público adulto se consolidou nos anos 1980, a partir de trabalhos contendo enredos complexos, tramas elaboradas pensadas como obras fechadas e que ganhariam a alcunha de Romance Gráfico, do inglês “*Graphic Novel*”. Inicia-se um período de reconhecimento cultural das histórias em quadrinhos, e debates em torno da diferença entre cultura erudita e cultura em massa começam a surgir. Temas como o uso indevido de drogas, violência e morte de personagens demarcam esse período, e como foco principal começaram a introduzir nas histórias em quadrinhos questionamentos morais entre heróis e vilões. Se anti-heróis como Wolverine se tornaram populares nessa época, heróis como o Demolidor e Batman, o Cavaleiro das Trevas, de Frank Miller discutiam temas mais complexos. Will Eisner foi um dos quadrinistas a estabelecer o prestígio narrativo às histórias em quadrinhos enquanto formato de romance gráfico, e a obra *Maus*, de Art Spiegelman, estabeleceu a posição de prestígio do gênero ao vencer o prêmio Pulitzer em 1992, essa posição mostrou aos eruditos uma nova perspectiva sobre as histórias em quadrinhos.

De acordo com a especialista em Tradução - Inglês pela Universidade de São Paulo, Kátia Regina Vighy Hanna e o teórico Waldomiro Vergueiro (2020), os Estados Unidos foram um grande fator para a introdução de histórias em quadrinhos no Brasil. A importação de quadrinhos, principalmente produtos oriundos dos Estados Unidos, foi responsável por introduzir novos formatos e narrativas aos leitores brasileiros, como as *comic book*, as *comic strips*, e as *graphic novels*. Além disso, também foi responsável em apresentar para o brasileiro um novo ramo mercadológico, pois apresenta as agências de distribuição de quadrinhos, bancas e livrarias que até hoje são grandes empresas que contribuem para o crescimento da economia no país. Em 2021, a Associação Brasileira de Licenciamento de Marcas e Personagens (Abral) divulgou o faturamento de R\$ 21,5 bilhões ao país com vendas de produtos geeks relacionados à cultura pop. De modo geral, o mercado editorial norte-americano e os seus produtos, assim como a importação de histórias em quadrinhos vindos da Europa e Ásia, foram responsáveis por moldar a tradução de quadrinhos no Brasil. As histórias em quadrinhos são um fenômeno mundial: desde a sua primeira aparição no jornal diário, os quadrinhos percorrem

exponencialmente entre diferentes línguas e culturas, e apresentam personagens que fazem hoje parte da herança cultural brasileira.

No século XIX, o humor gráfico foi introduzido nos jornais brasileiros com destaque para as áreas das charges e caricaturas, que influenciaram os costumes e a política nacional, posto que “em paralelo às influências culturais, é também importante ter em mente que variadas limitações econômicas exerceram e continuam a exercer forte pressão sobre os mercados latino-americanos de quadrinhos.” (VERGUEIRO, 2017, p.33). Vergueiro acrescenta que o impacto e sucesso do humor gráfico no país podem ser explicados pelo alto índice de analfabetismo do país, e pelo fato de que os próprios artistas desenvolveram um humor cativante nas tiras cômicas, que até hoje deixa uma impressão positiva no leitor brasileiro.

A caricatura é a representação plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo, ação ou ideia interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto ridículo ou grotesco. É um desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa ou de um fato. Na maioria dos casos, uma característica saliente é apanhada ou exagerada. Geralmente a caricatura é produzida tendo em vista a publicação e com destino a um público para quem o modelo original, pessoa ou acontecimento, é conhecido. (FONSECA, 1999, p.17)

Em 1831, o primeiro humor gráfico impresso no Brasil foi de um autor anônimo, publicado no jornal de Pernambuco “O Carcundão”, era um desenho que combinava a imagem de um homem e um burro, uma analogia às autoridades e ao sistema político da época. De acordo com Vergueiro (2017), os quadrinistas tinham como tema charges voltadas a críticas à política ou aos costumes sociais. Fonseca afirma que poucos artistas tiveram produções suficientes para serem consideradas histórias em quadrinhos. Como destaque, o quadrinista Angelo Agostini (1843-1910) criou artes sequenciais similares às histórias em quadrinhos, tornando-se pioneiro das tiras cômicas e sendo o responsável pela popularidade dos quadrinhos no país. Ele publicou no jornal Vida Fluminense “As Aventuras de Nhô Quim, ou Impressões de uma Viagem à Corte”, com caricaturas e publicações humorísticas contendo críticas sociais e políticas. Muitos críticos brasileiros afirmam que as obras de Agostini são uma referência, até hoje, para as histórias em quadrinhos mundiais.

Sua importância é reconhecida nacionalmente, tanto que o dia de aniversário do lançamento de As aventuras de Nhô-Quim, 30 de janeiro, foi proclamado pela Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo, em 1984, como o Dia do Quadrinho Nacional. Trata-se de uma justa homenagem a um artista que tanto fez pela linguagem gráfica sequencial no País. (VERGUEIRO, 2017, p. 45)

Agostini foi o responsável em criar a capa da revista “O Tico-Tico”, a primeira revista a publicar histórias em quadrinhos no Brasil voltada ao público infantil. Ela circulou no país entre 1905 e 1960, continha passatempos, poemas e datas comemorativas, sendo seu personagem mais famoso o Chiquinho, uma adaptação do personagem “*Buster Brown*”, de

Richard Outcault, o mesmo autor das tiras cômicas “*The Yellow kid*”, a tal ponto que, durante muitos anos, muitos brasileiros acreditaram que Chiquinho fosse uma obra original.

No Brasil, sofreu apropriações culturais bastante peculiares. Publicado n’ O Tico-Tico, o personagem-título é rebatizado e passa a se chamar Chiquinho. Passados alguns anos de tradução e adaptação das HQs originais, artistas brasileiros assumiram a produção da série, adicionando novos amigos em histórias ambientadas no Brasil. A série sobreviveu por décadas ao encerramento da publicação das tiras cômicas originais nos EUA. Ainda que tais adaptações tenham ocorrido com outras importantes HQs, Chiquinho é quem assumiu o posto de carro chefe d’O Tico-Tico, ao ponto de muitos leitores acreditarem tratar-se de uma HQ legitimamente brasileira. E não era? (GOMES, 2022)

Segundo Vergueiro (2017), a revista Tico-Tico foi responsável em trazer algumas obras norte-americanas bastante populares para o Brasil, com algumas escolhas tradutórias interessantes. Os primeiros quadrinhos foram dos personagens Mickey Mouse, de Walt Disney (1901-1966), ilustrado por Ub Iwerks (1901-1971), traduzido como Ratinho Curioso no Brasil; Popeye, de Elsie C. Segar (1894-1938), traduzido para Brocoió; o Gato Félix, de Pat Sullivan (1887-1933), entre outros. Por sua vez, vale citar algumas obras de artistas brasileiros que também foram publicados na revista, entre eles Reco-Reco, Bolão e Azeitona, por Luiz Sá (1907-1979); Bolinha e Bolonha, por Nino Borges e Barão de Rapapé, por Max Yantok (1881-1964). Vergueiro explica que a revista Tico-Tico é um importante marco entre os títulos publicados no Brasil porque foi pioneira ao trazer histórias em quadrinhos para o país, sendo seu período histórico essencial para pesquisas e estudos de quadrinhos no Brasil.

Os lançamentos norte-americanos eram importados ao Brasil pelos *syndicates*, uma distribuidora especializada em importar e distribuir tiras cômicas para revistas e jornais. Segundo Gomes (2022), no fim de 1960, o teórico Armand Mattelart declarou que uma das *syndicates*, a *King Features Syndicate*, publicavam mais de cinco mil periódicos em 100 países e traduzir para mais de 30 idiomas. Sobre tradução, o professor, pesquisador e tradutor Dennys Silva-Reis (2012) explica que os tradutores de *syndicates* eram encarregados de adaptar as histórias em quadrinhos pensando no leitor brasileiro; por isso, a tradução de nomes de personagens era uma escolha tradutória frequente nos periódicos.

Algumas empresas no Brasil também ficaram de olho nesse novo mercado: um dos jornais que decidiu investir nesse mercado foi o jornal paulistano A Gazeta, que foi publicada com o título “Gazeta infantil” em 1929, mas logo foi apelidada pelo público como “A Gazetinha”. No início, publicavam apenas uma vez por semana e, com a popularização da tira de jornal, começaram a publicar até três vezes por semana. Vergueiro (2017) menciona que a primeira fase de publicação da Gazetinha, de 1929 a 1930, trazia poucas histórias em quadrinhos estadunidenses, como destaque o quadrinho “*Little Nemo in Slumberland*”, de Winsor McCay (1869-1934). Entretanto, o teórico observa que o período mais produtivo da

Gazetinha foi a sua segunda fase de publicação, de 1933 a 1940, pois foi a época em que mais se importaram histórias em quadrinhos estrangeiras, que aportavam no Brasil quase ao mesmo tempo em que eram lançadas no país de origem. “Por exemplo, [...] o personagem Superman passou a ser publicado pela Gazetinha em abril de 1939, somente um ano depois de sua estreia nos Estados Unidos” (VERGUEIRO, 2017, p. 72). A Gazetinha também publicou quadrinistas brasileiros, dentre os quais estão Nino Borges, Zaé Junior, Amleto Sammarco, Messias de Mello, etc. A Gazeta fez uma pausa durante a Segunda Guerra Mundial, mas logo voltou a publicar até a década de 1950.

De acordo com Vergueiro, o Suplemento infantil fez a passagem de tiras de jornais para revistas em quadrinhos no Brasil, uma tentativa bem-sucedida realizada pelo jornalista Adolfo Aizen (1907-1991), que entrou em contato com as versões coloridas das histórias em quadrinhos em sua viagem aos EUA. Quando retornou ao Brasil, fez essa proposta ao jornal onde trabalhava, mas foi recusado. Não tendo outra escolha, começou a procurar outros jornais até encontrar o jornal A Nação, que aceitou a proposta de publicar esses suplementos. Ainda segundo Vergueiro, o foco do Suplemento Infantil era o público infantil; lá se publicavam histórias em quadrinhos, matérias educativas e culturais. Quadrinhos nacionais como “Os exploradores da Atlântida ou As aventuras de Roberto Sorocaba”, de Monteiro Filho (1909-1992). Também publicaram personagens famosos como Flash Gordon, Tarzan, Dick Tracy, Jim das Selvas e Mickey Mouse. Com o sucesso da revista Suplemento Infantil, outras empresas jornalísticas começaram a trazer novas publicações para o Brasil, o que fez o leitor brasileiro se familiarizar com os famosos personagens norte-americanos e trouxe a popularização do gênero da arte sequencial ao país.

O sucesso de Aizen fez com que o seu antigo patrão Roberto Marinho começasse a investir no mercado de quadrinhos. De acordo com Hanna e Vergueiro (2020), Marinho decidiu abrir a sua própria empresa de jornal de quadrinhos, O Globo Juvenil, em 1937. Alguns exemplos de personagens que fizeram a sua aparição na revista foram o personagem Ferdinando (Li'l Abner), de Al Capp (1909-1979); Brucutu (Alley Oop), de Vincent T. Hamlin (1900-1993) e Zé Mulambo (Abbie an' Slats). A concorrência entre as duas editoras foi se intensificando com o tempo, e começou uma competição para trazer personagens com os quais o público mais se cativasse. Naquela época, a competição gerou inúmeras publicações de histórias em quadrinhos no Brasil.

Em 1937, o Suplemento lançou a revista Mirim em tamanho tabloide; ao perceber essa estratégia a revista O Globo decidiu criar também uma nova revista chamada Gibi, com lançamentos mensais e publicando histórias em quadrinhos como Capitã Marvel e Tocha Humana, e “com o tempo, a revista Gibi deu origem também ao Gibi Mensal, que se manteve

nas bancas até o início da década de 1960, com mais de 300 edições publicadas e com a divulgação de dezenas de personagens dos quadrinhos norte-americanos” (VERGUEIRO, 2017, p. 83). A revista Gibi foi tão popular no Brasil que até hoje o público se refere às histórias em quadrinhos como gibis. Em uma estratégia de mercado, O Globo conseguiu comprar os direitos dos personagens veiculados pelo Suplemento Juvenil, o que fez com que a empresa falisse em 1945.

Com o fechamento do Suplemento Juvenil, houve uma mudança no mercado de histórias em quadrinhos no Brasil. Hanna e Vergueiro explicam que algumas editoras especializadas em HQ começaram a surgir, como a Editora Brasil-América Ltda. (EBAL), fundada por Adolfo Aizen em 1945, que foi uma das editoras mais bem-sucedidas da América Latina, trazendo títulos como Batman, Superman e Mulher Maravilha. Também trouxeram obras clássicas da literatura brasileira para o mundo dos quadrinhos. Na década de 1940, algumas outras editoras como a La Selva, que lançava histórias de terror norte-americano, a editora O Cruzeiro, que trouxe títulos infantis como Luluzinha, Gasparzinho, Manda Chuva e Zé Colméia, também se destacaram. Na década de 1950, foi criada a editora Abril, que foi responsável por publicar as histórias em quadrinhos da Disney no Brasil. Em 1970, publicaram a revista Turma da Mônica, do quadrinista Mauricio de Sousa. Esse surgimento incessante de novas editoras fez com que os leitores brasileiros conhecessem e tomassem um gosto pelos quadrinhos que perdura até hoje.

Durante a *Comics Code Authority* (CCA) nos Estados Unidos, a censura também foi transportada para o Brasil com o selo de Código de Ética nos Quadrinhos, que chegava estampado nas capas das revistas. As editoras começaram a usar o selo a partir de 1961, e assim foi usado nas publicações da EBAL, O Cruzeiro, Abril e Record. A ideia era transmitir ao leitor a mensagem de que essas editoras agiam com responsabilidade perante o público infantil. O selo de censura CCA não é mais usado desde que a Marvel anulou seu uso em seus quadrinhos em 2001. Desde então, avaliavam-se cada vez menos os quadrinhos, até a censura ser completamente inutilizada pelas editoras norte-americanas.

Atualmente, as histórias em quadrinhos estão em um novo processo de transformação, principalmente durante a nova era da tecnologia, em que diversos artistas e quadrinistas comentam como o seu principal veículo de publicação vem sendo cerceado pelo formato digital. Mas, felizmente, o gibi ainda ocupa um espaço privilegiado na cultura brasileira. Os quadrinhos ainda são uma leitura recorrente no cotidiano, com destaque para a Turma da Mônica (Mauricio de Sousa), uma série popular de histórias em quadrinhos que está presente na infância de muitos brasileiros.

A linguagem dos quadrinhos segue um ciclo de mudança que acompanha as gerações de leitores; como resultado da popularização da cultura pop, a geração atual está mais

interessada em filmes, animações e histórias em quadrinhos, e isso permite que as HQ's, tiras cômicas e charges permaneçam relevantes no mercado, algo fundamental para a sobrevivência de qualquer obra. Hoje encontramos tirinhas facilmente nas redes sociais, e muitos educadores utilizam as histórias em quadrinhos em salas de aula para desenvolver a compreensão e a interpretação de textos. Em entrevista para a revista Digital Esquinas da Faculdade Cásper Líbero, Mauricio de Sousa comenta sobre a sua participação na alfabetização da população brasileira.

A minha medalha no peito é saber que nossas histórias alfabetizaram e estimularam a leitura das crianças. Isso aconteceu comigo, quando tinha quatro ou cinco anos, levei para minha casa uma revista velha que achei na calçada. Adorei os desenhos e pedi para meus pais lerem para mim. Eles começaram a me trazer mais gibis, até que minha mãe resolveu me ensinar a ler. Depois disso, não parei mais. É a mágica dos quadrinhos. (SOUSA, 2023)

A partir do comentário realizado por Mauricio de Sousa, pode-se concluir que as histórias em quadrinhos é uma ferramenta que proporciona a capacidade de interpretação, raciocínio lógico e incentivam uma leitura educativa. Os balões contêm diálogos simples e divertidos que pode beneficiar o aprendizado como a leitura e a escrita, além disso as histórias em quadrinhos se aproximam do cotidiano, nele mostra personagens vão à escola e ao médico, tem amigos e animais de estimação, e tem uma rotina repleta de obrigações e tarefas no fim do dia. É por esses e outros motivos que as histórias em quadrinhos são tão populares no Brasil, e *The Outbursts of Everett True* mostra essa dinâmica educativa sem deixar de lado o aspecto humorístico, é uma tirinha que mostra o convívio social no mundo adulto e apresenta metáforas, o que é pontos de vista, retrata eventos históricos nos Estados Unidos e uma cultura como um todo.

3 THE OUTBURSTS OF EVERETT TRUE: CARACTERÍSTICAS DA OBRA.

The Outbursts of Everett True é uma tira cômica do jornal americano *Newspaper Enterprise Association*, publicada nos Estados Unidos entre 1905 e 1927 pelo cartunista Armundo Dreisbach Condo. No Brasil, apesar do alto consumo de literatura estrangeira e da familiaridade com as charges publicadas desde meados do século XIX, os brasileiros ainda não foram apresentados aos quadrinhos de Everett True. De acordo com a Wikipédia da tira cômica, Condo e a companhia *The Saalfield Publish Company* publicaram uma compilação da obra em 1907, que foi posteriormente reimpressa em 1921 pela *The Vestal Press Ltda.* Durante a publicação de *The Outbursts of Everett True* na editora *Newspaper Enterprise Association* (NEA), a tira foi considerada a publicação mais popular dessa coluna editorial. Foi lida pelos leitores até 1969, quando era publicada na *syndicate Alley Oop*, mas, aos poucos, a tira cômica foi esquecida até que, em 1983, uma de suas coleções foi reimpressa. O quadrinista Tony Isabella e outros artistas começaram a utilizar o personagem na tira *Comics Buyer's Guide* e *The Comics Journal*, em que Everett True guerreava contra os artistas de quadrinhos, escritores, editores e distribuidores. Em 2015, foi publicada uma nova coleção das tiras cômicas e, atualmente, as tiras cômicas estão em domínio público.

De acordo com professora da Universidade de Bristol, Reino Unido, Corinne Squire (2014), entende-se por narrativa uma cadeia de signos que podem abordar conceitos sociais, históricos e culturais, o que implica que a narrativa pode ser entendida como um signo que transita temporalmente, afinal, um texto não deixará de existir mesmo após centenas de anos após sua primeira publicação, mas pode ocorrer de a “leitura” desse texto mudar entre gerações, o que pode ser associado aos valores sociais ou culturais distintos de cada época. As histórias em quadrinhos visam contar uma história fictícia ou com verossimilhança e têm a capacidade de relatar os acontecimentos históricos e culturais de sua época. Esse aspecto texto e imagem tem a habilidade de tecer uma narrativa não linear, que pode ser lida da direita para a esquerda, da esquerda para a direita ou de cima para baixo em uma única página. Nas histórias em quadrinhos, o efeito narrativo desenvolve a sua coesão a partir de personagens, cenários e, principalmente, do conteúdo linguístico, pois a linguagem interage tanto com a escrita, quanto com a imagem.

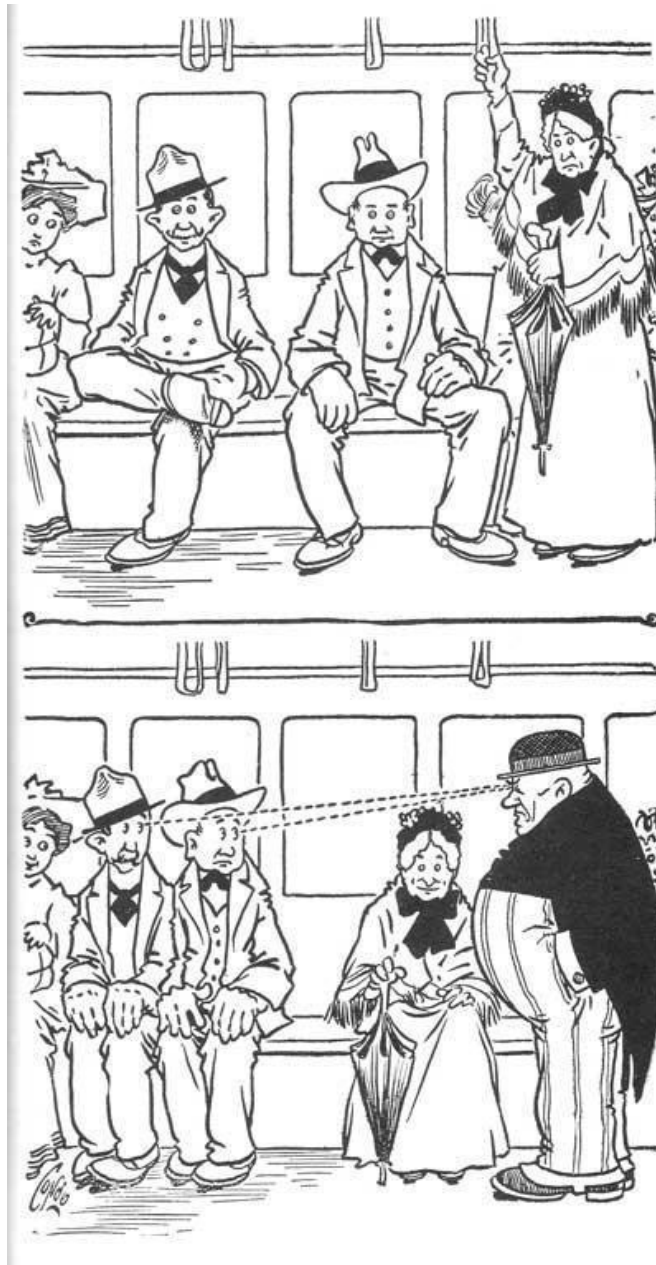


Figura 1: *The Outbursts of Everett True*, A.D. Condo (Fonte: compilação de 1907)

É possível uma história conter apenas imagens, como mostrado na Figura 1, porém, quanto mais elementos são utilizados na tira, melhor se torna a coesão na página. Na imagem podemos observar algumas características básicas das tiras cômicas: temos uma sequência de duas figuras, de modo que no primeiro painel é apresentada ao leitor a problemática da história e, no segundo painel, a solução. Percebe-se que não há balões ou diálogos, sendo essa uma característica bastante utilizada em tirinhas, pois eles aderem à linguagem não-verbal. A crítica retrata dois homens adultos que ocupam espaçosamente os assentos do veículo de transporte público — comportamento conhecido como *manspreading* —, eles veem uma idosa em pé e

decidem ignorá-la. Everett True é o desfecho da comicidade, ameaçando-os com um olhar de advertência.

The Outbursts of Everett True é uma tira do gênero humorístico caracterizada pela sequência de figuras desenhadas em preto e branco que varia entre dois e três painéis; além disso, apresenta uma série de diálogos com um único formato de balão ou, em alguns casos, painéis sem diálogos. O layout dos quadrinhos é de formato e proporção rígidos, é preciso ter em mente que o quadro serve para conter a visão do leitor em uma direção. São tiras que, com uma piada curta, retratam a condição humana do cotidiano, que trazem ao leitor uma reflexão sobre as questões sociais ainda pertinentes à sociedade atual. O aspecto humorístico é bem simples e metódico, inicia-se com um painel com algum indivíduo que faz algum tipo de comportamento ou conduta negativa que enfurece o personagem principal, logo em seguida ocorre a punição, que varia entre golpes e lições de moral. Todas as vezes que Everett pune alguém, sua reação é vista como algo positivo pelos personagens secundários que estão espalhados no cenário de fundo.

O autor ficou popular pela obra *The Outbursts of Everett True*, porém, assim como a obra, atualmente sabe-se pouco sobre ele. Armundo Dreisbach Condo nasceu em 1872, em Freeport, Illinois, Estados Unidos, e ingressou na imprensa trabalhando como tipógrafo em 1880. Alguns anos depois, foi contratado pela Toledo News-Bee como cartunista editorial e trabalhou por alguns anos na Cleveland Press. Por fim, foi contratado pela Newspaper Enterprise Association, onde publicou sua história mais famosa *The Outbursts of Everett True* de 1905 até 1927, quando precisou se retirar devido aos problemas de saúde. Outras obras autorais de Condo incluem os quadrinhos “*Diana Dillpickles*”, “*Osgar und Adolf*” e “*Mr. Skygack, from Mars*”.

Durante a década de 1920 nos EUA, novas indústrias foram desenvolvidas, como o rádio, automóveis e o cinema. A tira cômica narra os aspectos dessa nova indústria dos automóveis, a popularização do cinema e o uso do rádio, e certamente a revolta de Everett com o “barulho” do *Jazz*. Devido a introdução dessa nova tecnologia à sociedade, é possível deduzir da tira cômica que a população norte-americana estava em um processo de adaptação de uso desses novos produtos. Ao ler a tira cômica *The Outbursts of Everett True*, podemos ver o cotidiano de Everett True, a tira expressa temas como os perigos de andar na rua em uma época em que não existiam muitas leis formais de trânsito, bem como o personagem principal, que se irrita com os vizinhos, amigos, colegas de trabalho e indivíduos do cotidiano, como podemos ver nas Figuras 2 e 3.

Na Figura 2, podemos ainda ver que Everett está sentado em um banco na praça pública lendo o seu jornal e um homem ao seu lado fuma tranquilamente o seu cigarro, a fumaça voa

em direção a Everett e, por sua expressão, é possível observar que ele está irritado com a situação; no quadro seguinte, vemos que o homem não está mais presente e o seu chapéu e cigarro estão jogados no chão e, pela expressão de Everett, subentende-se que a situação foi resolvida com sucesso.

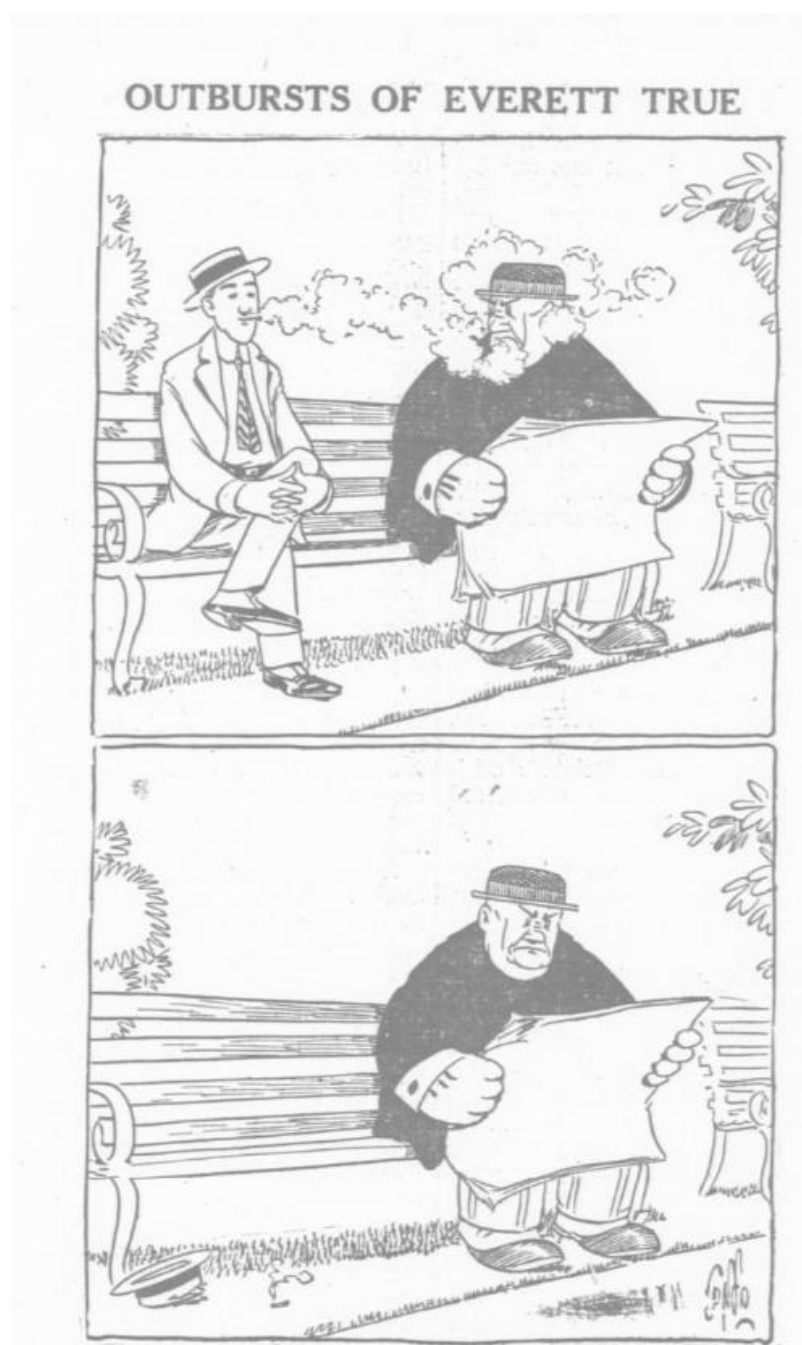


Figura 2: *The Outbursts of Everett True*, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

Na Figura 3, Everett está de carona em um carro que acaba de sofrer uma colisão contra um poste de luz, o quadrinho abaixo mostra Everett batendo no motorista com uma estrutura do carro e diz que não seria um problema se apenas os motoristas “barbeiros” se machucassem com essas colisões.



Figura 3: *The Outbursts of Everett True*, A.D. Condo (Fonte: *Chronicling America*).

Como convenção das tiras cômicas, este personagem traz como proposta algumas reflexões sobre a sociedade, como o machismo, a hipocrisia e a violência policial, problemas sociais esses que ainda permeiam a sociedade contemporânea. Na figura 4, podemos observar uma jovem prestes a se casar com um senhor de idade, Everett durante a cerimônia questiona o próprio padre por aceitar e validar esse casamento entre o senhor rico e a moça ingênua.

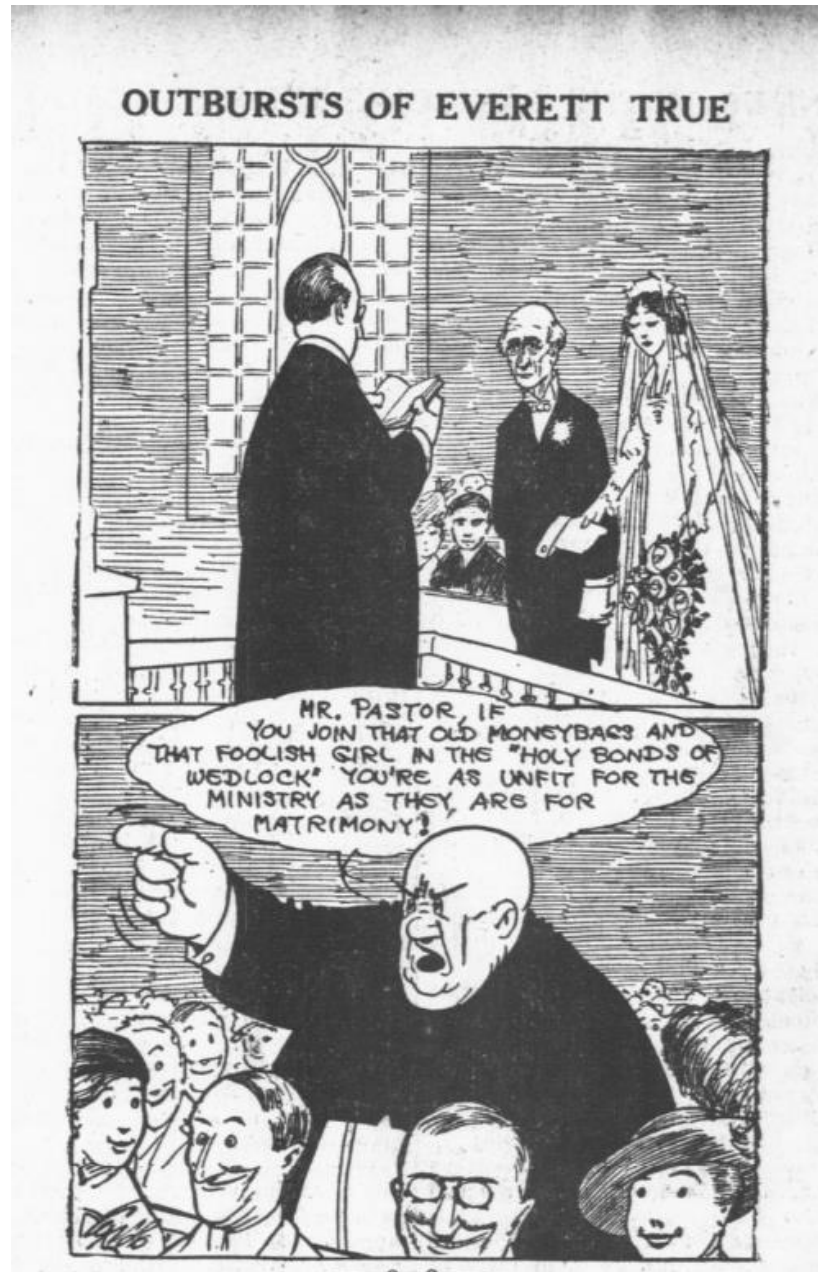


Figura 4: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

Na imagem 5 podemos observar um diálogo entre Everett True e um juiz, ao fundo está um policial com um olho roxo e alguns hematomas na bochecha. O juiz gera uma multa de 50 dólares a Everett por agredir um policial. No painel seguinte, Everett explica a motivação para tal ação, dizendo que não se importa com o dinheiro, mas que jamais vai aceitar violência policial contra jovens e mendigos.

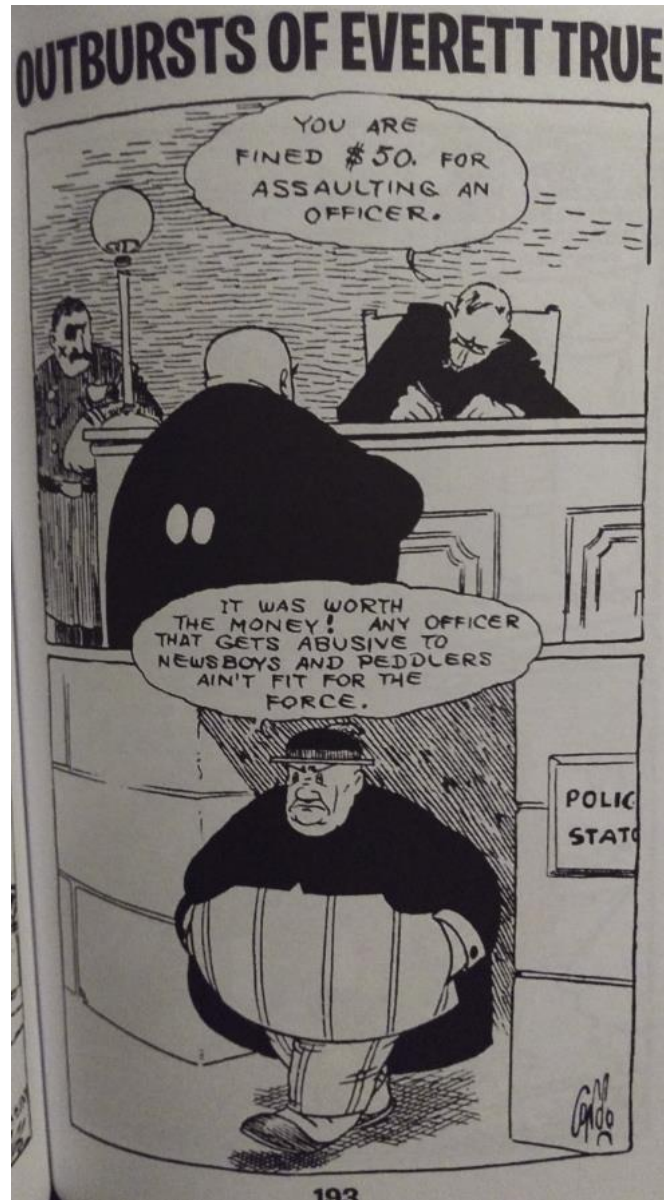


Figura 5: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Tumbex).

Na introdução da obra compilada em 1907, Condo explica a principal função do personagem principal da história. Everett é um personagem cômico descrito como alguém que tem a liberdade de aplicar julgamentos e determinar a penalização dos outros com base em suas ações. No entanto, não tem superpoderes ou utiliza um item que o fortalece, apenas desfere socos, bate com o seu guarda-chuva e profere insultos àqueles que são mal-educados com outras pessoas.

Em algum momento somos todos militantes. Severo Siso não tem a nossa deficiência em lidar com a peste humana. Sua conduta é um protesto contra os chatonildos que estão ao nosso redor. Ele não é um reformador, mas sim um carrasco, infligindo punição onde quer que se depare com pilantras dignos do tratamento penal¹. (CONDO, 1907, p.03. *tradução nossa*)

¹ No original: Everett True lacks our weakness in treatment of the human pest. He is a living protest against the incarnate irritants that are with us always. He is not a reformer, but rather an executioner, inflicting punishment where he comes in contact with fit subjects of penal treatment.

A tira foi publicada durante um dos períodos mais difíceis na história dos Estados Unidos da América; como dito anteriormente, a proposta dessa tira cômica é mostrar e ensinar o conceito do politicamente correto para os seus leitores, e isso inclui, em algumas tiras, o questionamento da natureza de políticos e líderes religiosos pelo personagem principal.

Como podemos ver na Figura 6, Everett questiona, em cima de um palco, a natureza corrupta do prefeito da cidade, que está no cargo há mais de trinta anos, os eleitores que escutam seu discurso prontamente concordam e fazem comentários humorísticos sobre as possíveis consequências que Everett sofrerá por falar sua opinião abertamente. Um aspecto negativo retratado na imagem é que, em meio à multidão de personagens, apenas uma mulher está presente, em um ambiente político em que decisões sobre o futuro da população estão sob discussão, de modo que podemos inferir pelo contexto da tira que ou que as mulheres não participavam por livre e espontânea vontade, que não podiam participar dessas reuniões, ou que o quadrinista não quis incluir personagens femininos por ideologia própria.

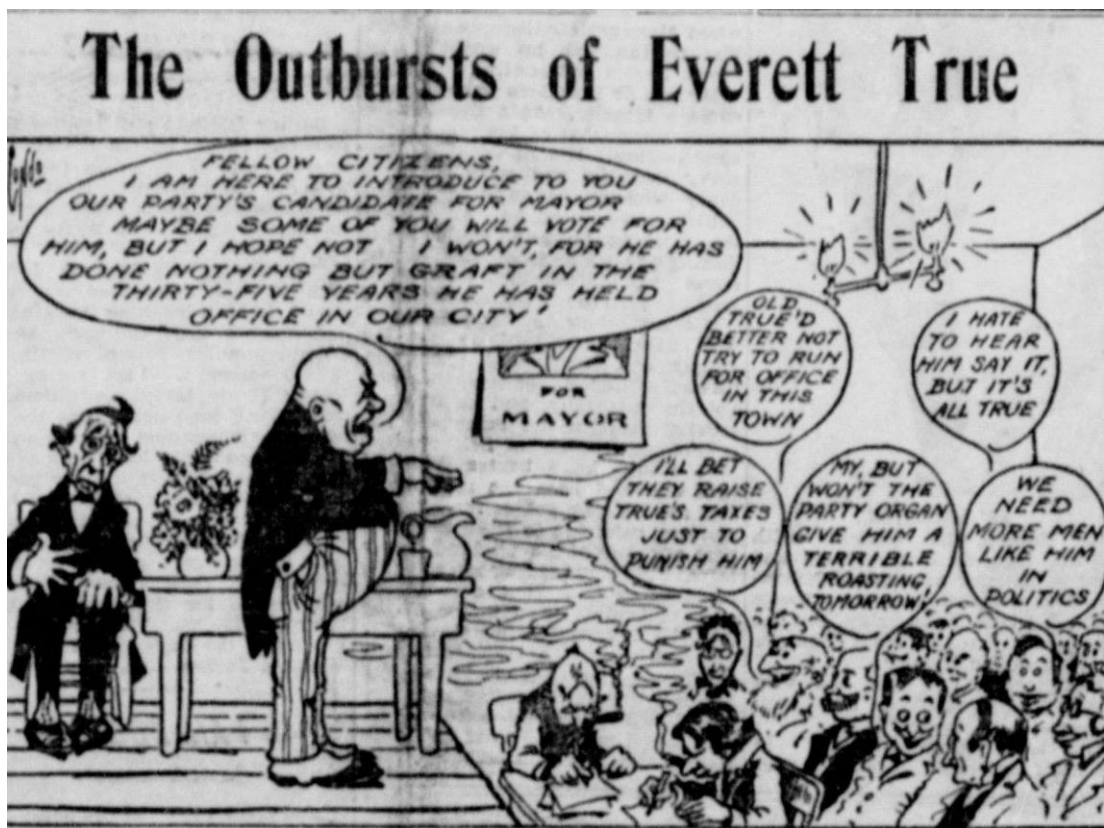


Figura 6: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

De acordo com Eisner (1989), a história em quadrinhos é a arte sequencial que se comunica com uma linguagem que remete a uma memória do criador para o seu público, a partir dessa experiência, surge um cruzamento entre ilustração e prosa a partir da essência da

arte (perspectiva, simetria e gráfico) e da literatura (enredo, sintaxe e personagem). O quadrinho tem espaço para se aproximar de seu leitor e induz reflexões ao utilizar como recurso as piadas para gerar efeito de humor. O leitor, com base na sua própria experiência pessoal, consegue analisar e assimilar a seu contexto a crítica que a tira cômica se refere, muitas representações e ensinamentos morais são feitos nos quadrinhos no intuito de aproximar os personagens aos seus leitores.

Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usadas vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da Arte Sequencial. (EISNER, 1989, p.8)

Em uma visão do século XXI, esperam-se tiras cômicas com falas retrógradas sobre as lutas sociais e piadas ofensivas direcionadas a um grupo social vulnerável na sociedade. Entretanto, o personagem de *Outbursts of Everett True* foge dessa proposta, transmite em suas tiras sua ética moral e como é necessário respeitar os direitos do indivíduo e do coletivo, propõe piadas de situações do cotidiano que muitos leitores vão refletir e assimilar com a sua própria experiência pessoal. É preciso reconhecer, no entanto, que em alguns casos ocorrem contradições sobre certo e errado; com uma obra de um tempo passado, é importante destacar as diferenças e as semelhanças que podemos observar entre sua época e a nossa, como na Figura 7, em que o personagem obriga jovens a se alistarem para a guerra, e mostra o sentimento de patriotismo e apoio aos militares que existe nos Estados Unidos da América. Nesse período, alguém não se alistar era visto como covardia, hoje, sabemos que a realidade de militares norte-americanos é serem expostos não apenas à violência, mas também à falta de apoio psicológico do governo.



Figura 7: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

Vamos analisar as situações apresentadas pelas Figuras 8 e 9 e compará-las com as situações que acontecem hoje em dia nos EUA e até no Brasil. A Figura 8 mostra um provável imigrante italiano tentando se comunicar com Everett, mas, pela descrição, vemos que ele ainda não é fluente em inglês; logo em seguida, chega um terceiro personagem, rindo da maneira como o personagem italiano está falando. No segundo painel, Everett lhe questiona se sabe falar italiano, ele responde que não, em seguida Everett o pune, inferindo-se pela tira que, se o terceiro personagem não sabe falar a língua do imigrante, não há motivo para tratá-lo de forma desrespeitosa.



Figura 8: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

Desde o século XX, percebe-se que o tratamento dos estadunidenses contra imigrantes ainda é de muita descortesia. Na figura 9, percebemos como alguns problemas antigos ainda persistem nos tempos modernos, Everett mostra estar no período que aparenta ser da gripe espanhola, questiona o personagem masculino por não usar a máscara – que, como sabemos ajuda a não propagar a contaminação –, o segundo personagem responde que ele e qualquer outra pessoa vão pegar essa doença de qualquer jeito, então prefere “pagar para ver”. Everett o pune.



Figura 9: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

The Outbursts of Everett True estreou em 22 de julho de 1905 tendo como título *A chapter from the life of Everett True*. Ao analisar a obra pelo período de publicação até a sua finalização oficial após a morte de Condo em 1927, percebe-se que a obra retrata alguns aspectos do cotidiano urbano da época, por exemplo, a popularização do cigarro, as imprudências de motoristas ao dirigir nas ruas, o uso de ferrovias e bondes como transporte público, alguns políticos e figuras populares da época como Charles Chaplin, além de propagandas a favor dos militares, entre outros. Os leitores podem gostar de como Everett lida com as situações estressantes do dia a dia, tem total liberdade para falar e agir como quiser, a menos que sua esposa, a Sra. True, diga o contrário. Entretanto, em alguns casos, as reações dele ao lidar com a situação são fora de proporção, por exemplo, na tira traduzida no presente

trabalho veremos que, quando o encanador diz o valor total do serviço prestado a Everett, ele decide jogar o encanador na banheira e começa a estrangulá-lo debaixo d'água; outro caso é quando um colega chega atrasado para se encontrar com Everett e ele o pune por fazê-lo esperar. A tira de jornal consiste numa obra humorística mediada pela violência. Talvez no contexto atual, algumas pessoas consigam se identificar com as reações de Everett True devido aos acontecimentos representados pelo cartunista, já outras reações, como dito anteriormente, foram propositalmente exageradas e podem não gerar humor no leitor contemporâneo. Na obra, percebe-se um padrão na narrativa, de modo que outros temas recorrentes nas tiras temas são sobre a desonestidade e imprudência. Dificilmente a tira discutirá sobre temas considerados tabus, como violência sexual, racismo ou a pobreza recorrente na época. São raras as ocasiões em que Everett pune uma mulher, animal, criança ou idoso como visto nas figuras 10, 11 e 12.

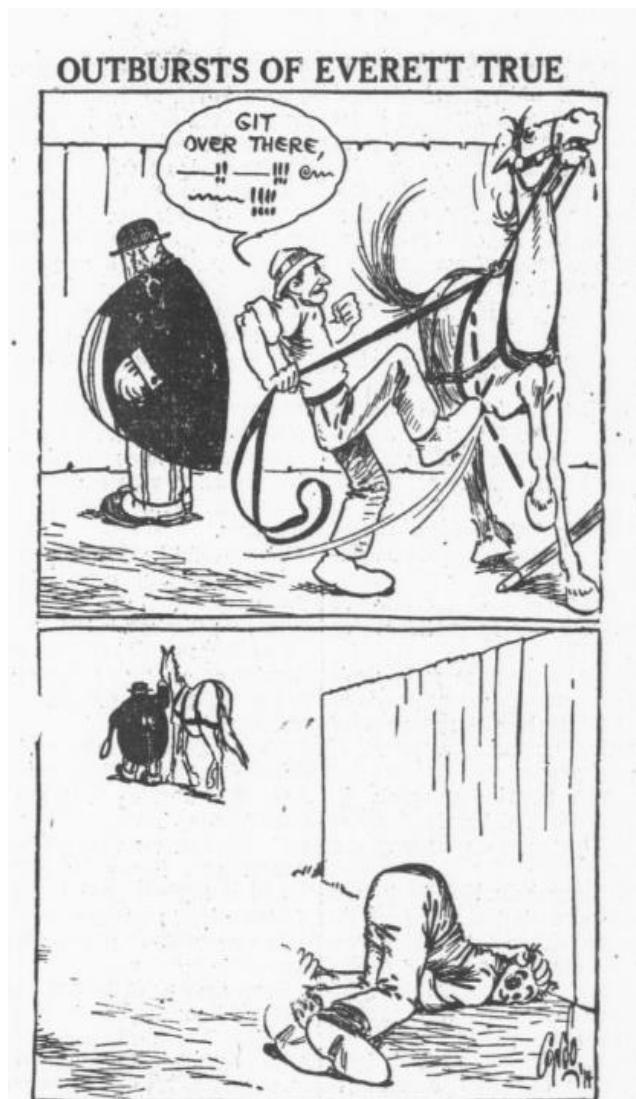


Figura 10: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

Na figura 11, podemos observar Everett perguntar ao garotinho se ele gosta de ir à escola, o garotinho responde que não; no quadrinho seguinte, ele recompensa o menino com uma moeda pela honestidade.

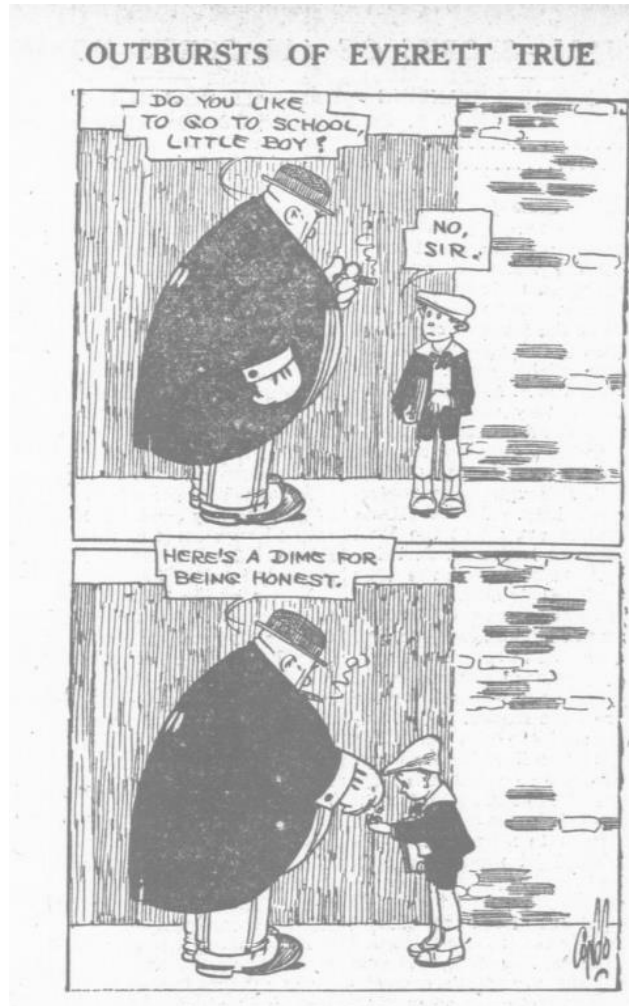


Figura 11: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

Na figura 12, a governanta da casa de Everett True diz que alguém está na porta e pede para se encontrar com o chefe da casa, logo em seguida a esposa de Everett se levanta para atender à porta. As figuras 10, 11 e 12 são temáticas comuns geralmente abordadas nos quadrinhos de *The Outbursts of Everett True* e, como podemos observar, são propostas sociais que promovem igualdade e justiça social.

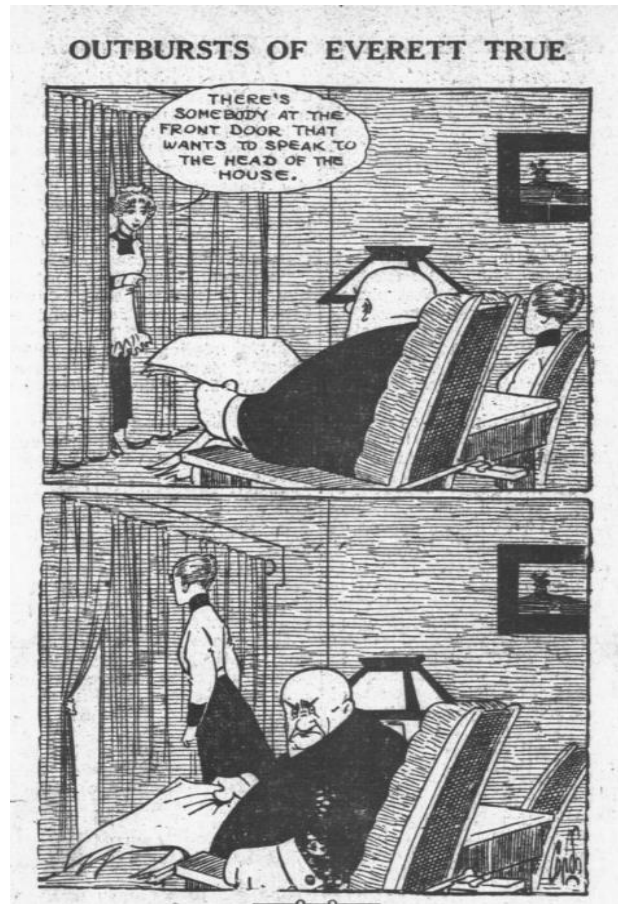


Figura 12: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

Com a popularidade das tiras cômicas, a indústria cinematográfica decidiu fazer uma adaptação para o cinema: o filme mudo em preto e branco *Everett True breaks into the movies* foi lançado em 1916, com a direção de John E. Willis e produzido pela *American Bioscope Company*. Um breve resumo: A história começa com Everett True lendo o seu jornal matinal e repara no anúncio de “precisa-se de homens fortes para estrelar em um filme”, ele decide se candidatar e é aceito pela produção do filme. No entanto, sua esposa não fica satisfeita ao descobrir sobre as cenas de romance entre seu marido e atriz coadjuvante. Em seguida, vemos uma sequência de perseguição da Sra. True atrás de Everett True até conseguir pegá-lo e brigar com ele após arrastá-lo para casa, até os diretores do filme conversarem com sua esposa e mostrarem a ela o contrato de um milhão de dólares caso Everett True aceite o papel.

A adaptação para o cinema contém cenas típicas dos filmes preto-e-branco da época, com muitas perseguições e pessoas caindo ao serem empurradas pelos personagens, e não apresenta qualquer conexão com os temas sociais abordadas nas tiras cômicas. Esse fato é comentado em uma das tiras de *The Outbursts of Everett True*.

Na figura 13, podemos observar Everett adentrando um estúdio de cinema, ele diz ao possível responsável pela adaptação para o cinema para parar de dramatizar obras da maneira que deseja, que um produtor deve pegar uma obra só quando souber adaptá-la de maneira

correta, em seguida, fala como assistiu a uma das produções desse homem e como a adaptação para o cinema não está fiel ao conteúdo original. Algo que aconteceu com a própria adaptação de Everett True para o cinema e, pelo que entendemos, o personagem não gosta quando o filme é o oposto da história original.



Figura 13: The Outbursts of Everett True, A.D. Condo (Fonte: Chronicling America).

Everett True também recebeu uma *ode* em sua homenagem. Feita pelo poeta norte-americano Berton Braley (1882-1966), que nasceu em Madison, Wisconsin. Influenciado pelo pai juiz Arthur B. Braley a escrever, seu talento foi surgindo quando aos 11 anos publicou um conto de fadas chamado “*Why The Grass Is Green*” (Por que a grama é verde). Durante a sua carreira como poeta, escreveu 11 mil versos e diversos contos, tornando-se um dos poetas americanos mais lidos de sua época. Com Everett True, ele se inspira com o seu caráter moral para escrever um poema.

To Everett True, by Berton Braley

*Ó Everett True, Ó Everett True,
 If we had a million or more like you
 With shoulders broad and with jawbones grim,
 To keep the pests of the land in trim,
 Things might not seem so bright and fair
 To practical jokers everywhere,
 And boors and mashers might find that life
 Was full of trouble and woe and strife
 And cads might mutter and fools might fuss
 But you'd hear no kick from the rest of us.*

*There's never a mortal, Everett True,
 That hasn't wanted, at times, to do
 The sort of a stunt that you work so well
 When you slam some mutt with your old umbrella
 And if a million or two or three
 Of decent people would all agree
 To take a whak at your job awhile
 They'd make things better in rapid style;
 The thieves and grafters would get their dues
 From a husky army of Everett True.*

*Oh Everett True, dear Everett True.
 If the German people had men like you
 To bash the kaiser and baste the crew
 Of frenzled junkers who've waded through
 Vast seas of blood with the end in view
 Of ruling the world as they want to do-
 It wouldn't be long ere the rosy hue
 Of the dawn of pence would come anew
 And the Hohenzollerns be knocked askew;
 Of course the chances for that are few
 But anyhow, here is a verse to you
 Oh rough, irascible Everett True!*

Para Everett True, de Berton Braley²

Oh Everett True, Oh Everett True,
Se tivéssemos um milhão ou mais como você
Com ombros largos e maxilares duros,
Para manter as pragas do porto seguro,
As coisas poderiam não ser tão belas e justas
Para todos os piadistas egotistas,
E os rufiões e os malandros descubram que a vida
Está cheia de problemas, tristezas e dívida
E os covardes poderiam resmungar e os tolos poderiam se preocupar
Mas nenhum de nós você ouviria reclamar.

Nunca houve um ser mortal, Everett True,
Que não quisesse, às vezes, fazer
O tipo de façanha que você faz com prazer
Ao bater em algum patife com seu velho guarda-chuva
Entre um milhão, dezenas ou centenas
Concordasse as pessoas dignas
Para dar uma bronca veemente
Eu sei que as coisas melhoraram rapidamente;
Os ladrões e os vigaristas recebem os débitos
De um exército robusto de Everett True.

Oh, Everett True, querido Everett True.
Se o povo alemão tivesse homens como você
Para bater no kaiser e dar apoio ao esquadrão
De Junkers alemães que percorrem
Vastos mares de sangue para a missão
De governar o mundo como eles querem
Não demoraria muito para que o tom rosado
Do amanhecer viesse apressado
E os Hohenzollerns fossem derrubados;

² Tradução nossa

É claro que as chances de isso acontecer são limitados
 Mas, de qualquer forma, aqui vai um verso para você
 Oh, áspero e irascível Everett True!

3.1 Por que escolher a tira cômica *The Outbursts of Everett True*?

A história em quadrinho é um fenômeno cultural e transformativo que aos poucos está sendo inserido no ambiente acadêmico brasileiro. Aplicar estudos sobre sua linguagem, arte e representatividade é um processo em fase de crescimento, e formalizar os estudos da tradução de histórias em quadrinhos é um passo necessário para ser possível divulgar obras antigas e desconhecidas para a nova geração de leitores. A tira cômica *The Outbursts of Everett True* foi uma tira de jornal popular nos Estados Unidos no início do século XX, durante a época de produção em massa dos quadrinhos, que, apesar da concorrência, se destacou entre as demais tiras durante o seu período de publicação por criticar o comportamento imoral do homem. É um quadrinho que mostra os problemas sociais norte-americanos no início do século XX e que ainda atingem uma grande parcela da sociedade atualmente.

É uma experiência necessária lermos quadrinhos com esse tipo de proposta. Ainda é propagado que a maioria das pessoas antigamente não via o assédio como um problema social, por exemplo, mas agora temos indícios de que essa opinião não era totalmente aceita também. Everett True traz pautas para debate sobre casos que ainda são relevantes para os padrões atuais, e é curioso observar como, após um período de mais de 100 anos, algumas ofensas ainda perduram. Durante o seu período de popularidade, *The Outbursts of Everett True* não foi apresentado aos brasileiros pelos *syndicates*, nem as editoras nacionais tiveram interesse em trabalhar com a tira após entrar em domínio público. Uma tira que teve mais de 50 anos de publicação trouxe à tona questionamentos sobre o comportamento de homens e mulheres, e uma solução controversa para os padrões atuais sobre como lidar com tal comportamento, um humor gráfico que traz aspectos da cultura e momentos históricos, e aspectos bons e ruins da história norte-americana. Acredito que, se o quadrinho fosse introduzido ao público brasileiro, seria apreciado pelo aspecto humorístico e pela crítica social, pois atualmente ainda existem muitas lutas por aceitação, igualdade e respeito na sociedade contemporânea. Everett ensina que o respeito é inato e que não há mal em defender-se contra pessoas mal-educadas, pois, como Eisner diz, o quadrinho tem um espaço ilimitado para exercer uma narrativa que desempenha uma crítica. *The Outbursts of Everett True* é um produto sócio-interativo que reage aos momentos históricos norte-americanos, que apesar de sua marca temporal e cultural, estabelece uma experiência universal a qualquer leitor.

De acordo com Vergueira (2017), a popularização das revistas em quadrinhos entre as crianças brasileiras surgiu um pouco antes da televisão, um aparelho eletrônico a que apenas a classe alta tinha acesso na época. Isso fez com que as revistas em quadrinhos se tornassem o produto de entretenimento predileto dos jovens leitores brasileiros, uma preferência ainda recorrente aos leitores do século XXI. Do mesmo modo que o jornal físico já não é mais uma opção de leitura entre os jovens em plena era da tecnologia, o surgimento de novos modelos de histórias em quadrinhos, mercado competitivo, poucas divulgações e compilações contribuem para o desinteresse de ler tirinhas cômicas. Por esses e outros motivos, personagens como Everett True deixam de ser apresentados ao grande público, e isso contribui para o desaparecimento da tira. Gomes (2022) cita que uma possível explicação para o “desaparecimento” de alguns quadrinhos no mercado equivale no surgimento de novos modelos de histórias em quadrinhos, ou seja, é uma consequência da produção em massa que implica mais em acréscimos de outras edições e apresentação de novas leituras sobre outras já estabelecidas do que de fato em uma substituição e desaparecimento.

3.2 Sobrevida de uma obra esquecida

Como uma das possíveis soluções para trazer *The Outbursts of Everett True* de volta à vida, é necessário que repertórios literários e instituições consagradas queiram exibi-los aos olhos do público geral, para isso é necessário estabelecer uma conexão entre obra e leitor via tradução do inglês para o português das tiras cômicas. Para debater sobre a sobrevivência de uma obra esquecida é preciso primeiro entender qual é o papel da tradução neste projeto.

Em “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin (2008) observa que a tradução tem um papel fundamental em relação à obra original: o essencial dela não se resume à comunicação ou a um papel de intermediário que consegue apenas transmitir a comunicação das palavras originais. Podemos falar de uma vida ou sobre um momento inesquecível, quando todos os outros já esqueceram? Benjamin diz que a tradução nasce do original, ao mesmo tempo em que a tradução necessariamente nasce depois da época da formação e nascimento da obra, e tem como função a “sobrevivência” do texto, de modo que consegue prolongar e continuar a vida de obras importantes – ou, como neste caso, de obras que “desapareceram”. Essa sobrevida através da tradução é uma solução para tirinhas como *The Outbursts of Everett True*, que não tiveram a sorte de se tornar um quadrinho estabelecido no país de origem.

É evidente que uma tradução, por muito boa que seja, nunca consegue afetar ou mesmo ter um significado positivo para o original. [...] Do mesmo modo que as exteriorizações vitais se mantêm intimamente relacionadas com os seres vivos, sem, todavia, os afetar, a tradução nasce também do original, procedendo neste caso

não tanto da vida como antes da “sobrevivência” da obra. Isto porque a tradução é posterior ao original, e, como os tradutores predestinados nunca as encontram na época da sua formação e nascimento, a tradução indica, no caso das obras importantes, a fase em que se prolonga e continua a vida destas. (BENJAMIN, 2008, p.27, Tradução de Fernando Camacho)

O projeto de tradução de *The Outbursts of Everett True* é uma tentativa de colocar em prática o que diz Benjamin: a tradução é uma ferramenta transformadora que é capaz de conceder uma sobrevida às obras desconhecidas pelo público brasileiro. Ainda que ainda não seja a solução para as adversidades atuais da tira cômica do cartunista Condo, a tradução ainda tem a capacidade de prolongar e continuar a “vida” de *The Outbursts of Everett True* mesmo após 118 anos desde o seu lançamento. Esse é um dos pontos fascinantes a respeito da tradução, mesmo séculos após a primeira impressão de uma obra, ela ainda será capaz de apresentar uma nova versão da obra original a um novo grupo de leitores, e assim poderá narrar as suas histórias por mais alguns anos.

3.3 Teoria dos polissistemas

Quem tem o hábito de ler tiras cômicas de jornais sabe reconhecer personagens como Mafalda, Calvin e Hobbs, Peanuts, Turma da Mônica e Garfield, favoritos de leitores no mundo inteiro. Cada obra esteve ou está presente na infância de muitos leitores e essa circunstância é responsável em agregar valor a esses quadrinhos específicos, já que a sua popularidade justifica as frequentes publicações ao redor do mundo. São mídias ainda influentes que retêm dezenas de traduções atualmente, e isso gera frequentes divulgações, compilações e adaptações para o audiovisual ou para venda de produtos, o que faz com que essas tiras ainda sejam relevantes ao público geral, extremamente respeitadas e premiadas, podendo ser classificadas como parte integrante do cânone das tiras de jornal. É preciso salientar, porém, que os quadrinhos não sobrevivem apenas de talento e criatividade do autor, e existe um sistema que influencia essa canonicidade e a divulgação de cada obra atualmente.

A Teoria dos Polissistemas (*Polysystem Theory* ou *Polysystem Studies*) começou a ser apresentada pelo israelense Itamar Even-Zohar no final da década de 1960, e, com a implementação de sua pesquisa nos Estudos da Tradução, passou a atualizar seus próprios textos até a década de 1990. A teoria dos polissistemas é uma proposta sobre como uma determinada cultura é, na verdade, um grande sistema que se relaciona com outros sistemas. Even-Zohar define polissistema como “um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com interseções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que

funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes³.” (1990, p.3, tradução de Marozo, Rizzon e Cunha). Os sistemas são redes dinâmicas, abarcam suas próprias hierarquias com uma ligação entre eles, que estão em contínua mudança. Ainda que a tradução seja uma ferramenta essencial para a sobrevivência de uma obra, a teoria dos polissistemas de Even-Zohar expõe uma discussão sobre a relação de poder entre os elementos dos sistemas, disputas essas nomeadas como centro e periferia, que podem ser inovadoras (criar ideias e modelos) ou conservadoras (reforçar itens e modelos já consagrados). Entre os polissistemas estão os sistemas literários; o centro é a posição que detém o poder soberano num sistema literário, e a periferia é a posição ocupada pelo sistema ou repertório mais “fraco”. Porém, vale enfatizar que essas posições de centro e periferia são posições instáveis que estão em constante tensão, e são passíveis de mudanças – em algum momento, obras que estão em uma posição de centro podem ser rebaixadas e perder a sua posição para uma obra periférica.

O polissistema literário compõe diversos sistemas que se relacionam com outros sistemas culturais e semióticos, e encontra-se nesse centro um grupo que determina o repertório canônico e impõe seus modelos literários sobre os outros integrantes do sistema, que geralmente ocupam uma posição periférica. É esse grupo que dita o que é o cânone literário, que podemos descrever como o elemento com a posição mais privilegiada dentro do polissistema, e é ela que molda a cultura local. A tradução é uma parte integral das forças inovadoras, é um sinal de que eventos importantes na história da literatura estão prestes a acontecer, uma vez que, dentro do repertório, “os textos são selecionados de acordo com sua compatibilidade com as novas abordagens e o papel supostamente inovador que podem assumir dentro da literatura alvo⁴” (EVEN-ZOHAR, 1990, p.4, tradução de Braga), pois “são muitas vezes os escritores de maior prestígio (ou membros da vanguarda prestes a se tornar escritores de prestígio) que produzem as traduções mais apreciadas ou conspícuas⁵” (EVEN-ZOHAR, 1990, p.4, tradução de Braga).

O termo polissistema enfatiza uma rede de relações que possibilitam a compreensão de qualquer campo semiótico, são modelos de comunicação humana como a cultura, linguagem, sociedade e literatura; isso quer dizer que uma literatura infantil não será considerada um modelo único no seu gênero, mas será comparada à literatura para adultos; que a literatura traduzida não será desconectada da literatura original; que a produção de literatura de massas

³ No original: a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent.

⁴ No original: the texts are chosen according to their compatibility with the new approaches and the supposedly innovative role they may assume within the target literature.

⁵ No original: This implies that in this situation no clear-cut distinction is maintained between "original" and "translated" writings, and that often it is the leading writers (or members of the avant-garde who are about to become leading writers) who produce the most conspicuous or appreciated translations.

(como as histórias em quadrinhos) não será colocada em uma posição de “não literatura” no intuito de não reconhecer a sua posição de dependência mútua com a literatura tradicional.

Através das obras estrangeiras, novas características são introduzidas na literatura-alvo, mesmo que essas características ainda sejam inexistentes para o modelo literário. Dentre os novos modelos, a tradução pode elaborar novos repertórios, como novas linguagens, novas técnicas e padrões literários. No caso das histórias em quadrinhos, o gênero está em uma posição que Even-Zohar descreve como uma literatura “jovem”, que estaria em uma posição “periférica” ou “fraca” dentro do âmbito de literaturas consagradas. No primeiro caso, uma literatura traduzida consegue satisfazer sua linguagem para estudá-la como funcional e útil para seu público leitor, e beneficia-se de outras literaturas. Devido à sua posição como literatura jovem, a tradução é um de seus sistemas mais importantes. No segundo caso, literaturas recentemente estabelecidas têm uma posição periférica dentro da hierarquia literária pois “podem também não possuir um repertório que se percebe extremamente necessário perante – e em termos da presença – da literatura adjacente. Essa lacuna pode então ser preenchida, total ou parcialmente pela literatura traduzida⁶” (EVEN-ZOHAR, 1990, p.05, tradução de Braga).

Segundo Even-Zohar, geralmente, o repertório canônico está no centro dos polissistemas; assim, o grupo que lidera o polissistema é quem determina a canonicidade de certo repertório. Eles decidem o que é cânone, ou, se necessário, modificam o repertório no intuito de manter o controle dos polissistemas. Caso fracassem, esse grupo, com o seu repertório canonizado, será reprimido por outro grupo que está no processo de se tornar centro e canonizará um novo repertório, e assim ciclicamente. Ainda que haja muitas influências nas decisões, a literatura por si só não consegue ditar quais literaturas são centrais ou periféricas. Para organizar os elementos que constituem o polissistema, Even-Zohar utilizou o esquema de comunicação e linguagem desenvolvido por Roman Jakobson (1969, p.123), e o adaptou para explicar a relação dentro do sistema literário. Como base, o presente trabalho se utilizará da tese de Carvalho (2005), “*A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*” para explicar as categorias dos polissistemas.

Instituição: A literatura é uma instituição sociocultural constituída por ideologias literárias. As instituições podem ditar em diferentes seções dentro do sistema; entre elas, estão as editoras, os periódicos, os críticos, os grupos literários, as universidades ou qualquer outro meio capaz de impor suas preferências, ditar pautas ou normas nas disputas de poder, que criam e seguem suas próprias leis. Even-Zohar explica que se deve estudá-las como um dos fatores integrais dentro do sistema literário.

⁶ No original: They may also "lack" a repertoire which is felt to be badly needed vis-à-vis, and in terms of the presence of, that adjacent literature. This lack may then be filled, wholly or partly, by translated literature.

Repertório: O repertório é um conjunto de leis e elementos que reagem à produção de qualquer texto. Leis e elementos que estão fadados em algum momento às mudanças em diferentes períodos e culturas. Esse setor é a parte central em que ocorrem os conflitos dentro do sistema literário ou em qualquer sistema semiótico.

Produtor: Os produtores são os autores de textos literários. Como criadores, eles estão em uma posição que lhes concede um discurso de poder que legitimará o repertório literário.

Consumidor: Even-Zohar diz que o termo ‘leitor’ está associado ao indivíduo para o qual se produz literatura; por isso, é preferível o termo ‘consumidor’. Existem dois tipos de consumidores: o direto, que está em um grupo social que consome a literatura cânone e tem mais interesse em estudá-la do que apenas lê-la, e o indireto, que são os consumidores literários que compartilham e interpretam fragmentos de uma obra publicada, por vezes através de outros agentes culturais, como instituições ou consumidores diretos.

Mercado: Carvalho explica que esse é o sistema que envolve a compra e venda de produtos literários, local que promove a literatura. São as livrarias e clubes do livro, que às vezes se relacionam com a norma “Instituição”, por exemplo, as instituições de ensino.

Produto: Segundo Carvalho, o produto não é apenas a obra literária, mas também são as referências que ajudam a estabelecer o modelo canônico como citações, resumos, resenhas, críticas, etc.

Sustenta-se que um sistema funciona melhor com um cânone do que sem ele. Parece que um cânone estático é condição primária para que um sistema seja reconhecido como atividade distinta na cultura. Também é óbvio que, em um nível superficial, os produtores de textos (escritores) lutam para que seus textos sejam reconhecidos e aceitos como tais. Contudo, para estes mesmos escritores, o que realmente importa é que seus textos sejam considerados manifestações, realizações exitosas, de um certo modelo a ser seguido. Seria uma terrível decepção para os escritores que seus textos fossem aceitos, mas fossem negados seus modelos literários⁷. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.12, Tradução de Marozo, Rizzon e Cunha)

Apesar de a história em quadrinho não ser considerada uma obra literária, o polissistema de Even-Zohar explica de forma efetiva o processo de canonização de obras como Garfield ou Turma da Mônica no repertório literário. São exemplos de tiras que atualmente são populares no Brasil e no mundo, classificadas como tiras clássicas pelo público geral e, além de possuírem traduções para incontáveis idiomas, também apresentam um fluxo contínuo de novas publicações e adaptações para o audiovisual, como animações, filmes e videogames. São

⁷ No original: It has been argued that a system can manage with a canon better than without one. It seems that a static canon is a primary condition for any system to be recognized as a distinct activity in culture. It is also obvious that on a superficial level text producers (writers) struggle for their texts to be recognized and accepted as such. But even for these writers themselves what really matters is that their texts be taken as a manifestation, a successful actualization, of a certain model to be followed. It would be a terrible disappointment for writers to have their particular texts accepted but their literary models rejected.

exemplos que respondem porque alguns quadrinhos ainda são leituras relevantes, ainda que o público não tenha mais o costume de ler tiras cômicas no jornal.

A posição atual de *The Outbursts of Everett True* é uma condição previsível dentro da dinâmica dos polissistemas. Como informado anteriormente, no Capítulo 3 deste trabalho, *The Outbursts of Everett True* foi um quadrinho popular em sua época, mas que, ao longo do tempo, foi perdendo a sua popularidade para novos quadrinhos. Infelizmente, a tira cômica continua pouco conhecida em comparação a outros quadrinhos humorísticos mais atuais. Com isso em mente, a tradução pode assumir um papel nesse ponto de virada, já que o sistema é passível de mudanças. Logo, uma tira publicada no jornal diário norte-americano por quase duas décadas, que acomoda um acervo enorme de tiras cômicas em domínio público, com um humor gráfico que contém piadas, ironia e críticas à política e à sociedade pode retornar e se infiltrar ao dinamismo dentro do polissistemas e assumir uma nova posição, podendo ela ser central ou periférica. A tradução tem a vantagem de transportar essas leituras a um novo público e validar a releitura da tirinha de jornal, discussões e releituras da obra humorística são fundamentais para que obras esquecidas voltem às livrarias e aos consumidores. Dito isso, a tradução se torna uma ferramenta que possibilita essa reafirmação cultural de obras como *The Outbursts of Everett True*, mesmo que somente na língua de chegada. O intuito deste trabalho é mostrar que todo tipo de leitura é válido, principalmente de textos antigos, desde que seja feito de forma consciente.

4 TEORIA DA TRADUÇÃO

A tradução é uma atividade indispensável para qualquer cultura, relações comerciais entre nações possibilitam que uma ponte seja criada e a comunicação ocorra de forma concisa. Manuais de instrução, contratos, discursos, livros, textos científicos, rótulos e brinquedos passam pelo processo de tradução. Segundo o tradutor e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio) Paulo Henrique Britto (2012), a tradução é tão antiga quanto a própria humanidade, pois, antes mesmo da invenção da escrita, as comunidades se comunicavam através de intérpretes. Ao longo dos séculos, a tradução passou por diversos processos e diferentes perspectivas sobre como deve ser desempenhada. Segundo a renomada teórica da Literatura Comparada e dos Estudos da Tradução Susan Edna Bassnett (2002), a tradução foi vista como um mero ramo da literatura comparada durante muito tempo, já que se entendia como uma transferência de um texto originalmente escrito em uma língua, denominada como língua de partida (LP) para a língua de chegada (LC). Bassnett explica que essa visão implica duas problemáticas na área da tradução: primeiro, que os significados vão ser iguais em ambos os textos e, segundo, que a estrutura do texto original será mantida na tradução, mas não a ponto de distorcer gravemente a estrutura da língua de chegada.

Durante muito tempo, como a ênfase era projetada na sintaxe da língua e em como a tradução era a ferramenta que liga duas línguas distintas, o seu papel era visto apenas como um processo de transferência, uma relação de senhor-servo com a obra original.

Embora no princípio do século XIX a tradução ainda fosse encarada como um método sério e útil de ajudar o escritor a explorar e a moldar o seu estilo natural, essa época também testemunhou uma viragem no estatuto do tradutor, com trabalho de um número crescente de tradutores ‘amadores’ (entre os quais muitos diplomatas ingleses) para quem o objetivo das traduções tinha mais a ver com a divulgação dos conteúdos de uma determinada obra do que com a exploração das propriedades formais do texto. A transformação ao nível dos conceitos de nacionalismo e de língua nacional agudizou as barreiras interculturais e o tradutor acabou gradualmente por ser visto, não como artista criador, mas como um elemento na relação de senhor-servo que mantém com o texto da LP⁸ (BASSNETT, 2002, p.22, tradução de Vivia de Campos Figueiredo)

A tradução é muitas vezes invisível aos olhos do público. Leitores e até mesmo alguns eruditos ainda têm dificuldades em reconhecer que a tradução é central para qualquer pessoa que pretende trabalhar com a interpretação de uma obra literária. De fato, se um leitor acredita

⁸ No original: But although in the early nineteenth century translation was still regarded as a serious and useful method for helping a writer explore and shape his own native style, much as it had been for centuries, there was also a shift in the status of the translator, with an increasing number of ‘amateur’ translators (amongst whom many British diplomats) whose object in translating had more to do with circulating the contents of a given work than with exploring the formal properties of the text. Changing concepts of nationalism and national language marked our intercultural barriers with increasing sharpness, and the translator came gradually to be seen not as a creative artist but as an element in a master-servant relationship with the SL text.

que lerá a obra estrangeira após adquirir a sua tradução, por mais fiel que seja, sem dúvida ficará surpreso em saber que não a está lendo de fato. As diferenças se iniciam pelo próprio idioma, combinar diferentes palavras com o mesmo nível léxico em outro idioma é um processo difícil de se cumprir. É fato que cada idioma tem na sua própria cultura um elemento que pode causar estranheza em outra cultura, por exemplo, o termo em inglês *brunch* não dispõe de uma tradução compatível no português. Culturalmente, o almoço e o café da manhã são refeições importantes no cotidiano brasileiro, já o *brunch* é uma combinação das palavras *breakfast* (café da manhã) e *lunch* (almoço), uma refeição servida entre as duas refeições, de modo que os britânicos costumam substituir ambas as refeições a favor do *brunch*. Esse exemplo tem como intuito mostrar como às vezes é impossível para o tradutor estabelecer uma conexão de ambos os termos entre a língua de partida e língua de chegada e, por isso, acreditar que a tradução é uma equivalência entre idiomas é afirmar desconhecer a complexidade que é a linguagem humana.

Britto (2012) diz que a tradução como disciplina acadêmica é algo bem recente, foi somente nos anos 1970 que começou o processo dos Estudos da Tradução. Nas primeiras pesquisas, a tradução era estudada no âmbito da linguística, quando se depararam com a tradução técnica, enquanto a tradução literária era vista como uma disciplina de literatura comparada, e foi o teórico norte-americano James Holmes quem propôs o termo “correspondência” entre original e tradução, como modelo para substituir o termo “equivalência”. Tal proposta chamou atenção para o fato de que a tradução é mais do que um processo realizado sobre estruturas gramaticais, é sobre o cerne do texto. Consequentemente, alguns teóricos da tradução começaram o que se denomina “a virada cultural” dos estudos da tradução, que passam a pregar que, para um texto ser compreendido e traduzido, ele precisa ser visto como um fenômeno cultural

4.1 Invisibilidade e a intermediação do tradutor

No presente subcapítulo, pretendemos comentar as propostas de Paulo Henrique Britto e Lawrence Venuti sobre o papel e a invisibilidade do tradutor na literatura universal. Os estudos da tradução ainda ocupam uma posição desprivilegiada nas áreas relacionadas à crítica literária, pois o ato de traduzir instiga discussões referentes à fidelidade da tradução e a liberdade do tradutor. Depois da virada cultural, novas propostas foram publicadas no campo dos Estudos da Tradução, como a identidade e a intermediação do tradutor, os processos ideológicos e culturais no processo tradutório e, como a tradução é vista como “uma difícil negociação entre uma transparência ideal e a tentação de enganar o leitor que não tem acesso ao texto original” (ASLANOV, 2015, p.11). Os tradutores são, por vezes involuntariamente, ocultados em seus

trabalhos, e têm suas vozes descartadas em favor da voz do autor. O teórico Aslanov faz julgamentos de valor às decisões exercidas por tradutores, transformando a imagem da tradução em um pária, com quem é preciso lidar em algum momento. Segundo Venuti (1992), o tradutor é constantemente confrontado com questões problemáticas relacionadas a sua tarefa – esse apagamento da prática de tradução é nomeado “invisibilidade do tradutor”. Alguns fenômenos são responsáveis em tornar o tradutor um ser invisível, sendo o primeiro deles a própria reação do leitor ao lidar com traduções. Ao lerem uma obra estrangeira traduzida, eles acreditam, na maioria das vezes, que a obra foi de fato escrita em sua língua materna, e desprezam todo o processo tradutório feito por um profissional da área. Outro caso é como revisores e leitores parabenizam uma tradução “bem-feita” quando a leitura é fluente, quando construções não idiomáticas são implementadas para lidar com uma expressão do texto original. De acordo com esses leitores, essa estratégia transmite na tradução a personalidade e desejos do autor original, o significado real da obra, ou seja, uma “boa tradução” é quando o leitor esquece que está, de fato, lendo uma obra traduzida. Venuti explica que essas duas atitudes apagam o papel crucial que o tradutor exerce sobre o texto, e quanto mais bem sucedida é a tradução, maior será a sua invisibilidade e, conseqüentemente, maior será a visibilidade do autor e do texto original. No geral, os tradutores são alienados de seu próprio trabalho, o que é perceptível quando não se encontra o nome do tradutor na capa do livro, ou quando tradutores não são citados em resumos ou críticas literárias.

De acordo com Britto (2012), o tradutor de uma obra literária não pode se contentar em transportar para a sua tradução apenas os significados no texto original, uma vez que fatores como a sintaxe, o vocabulário, a formalidade, entre outros aspectos fundamentais exercem e conduzem o processo criativo da área literária. Britto cita o caso poético, mas também vale como complemento para a tradução de quadrinhos, em que a literariedade é muito importante para o processo tradutório, no qual estão a sonoridade das palavras, o número de sílabas e como vogais e consoantes aparecem em determinadas posições, além da aparência final do texto no papel. Por isso, não se trata apenas de traduzir informações que estão armazenadas no original, mas sim de reproduzir no leitor da tradução um efeito estético similar ao reproduzido no leitor do texto original. Sabemos que uma tradução não consegue ser igual ao texto original, mas Britto (2012) argumenta que o tradutor, por mais que não alcance uma fidelidade absoluta e perfeita, não deverá renunciar a ela, pois vai precisar ser seletivo quanto às suas escolhas por um momento ou outro. A primeira pergunta que ele propõe é: devemos tentar recriar as características mais importantes do texto? E a segunda: podemos recriar as principais características do texto original? Essa análise faz com que o tradutor não perca elementos cruciais para o desenrolar do original, perdas que invalidariam toda a tradução futuramente,

mas que também validam qual desses elementos ele consegue recriar na tradução. Britto ainda reflete que a tradução é, acima de tudo, uma leitura minuciosa, em que o tradutor precisa ter consciência de seu objetivo, afinal, existe uma história a ser contada, e em português é preciso contar essa mesma história. O crítico afirma que é importante se concentrar nos itens que estão no topo da hierarquia, pois são eles que geralmente fazem a diferença entre uma tradução de qualidade e uma tradução falha. Por isso, “ao traduzir um texto universalmente elogiado pela sua capacidade de fazer o leitor rir, é preciso privilegiar as passagens que contêm piadas, jogos de palavras, mal-entendidos, paródias, independentemente das fontes de humor do original” (BRITTO, 2012, p.54).

Ao pensarmos na tradução como um processo de recriação e como um fenômeno cultural, devemos questionar o que seria fidelidade, quais critérios devemos utilizar para avaliar a fidelidade de um texto traduzido, se deveria ele ser fiel ao autor ou fiel ao leitor. Desde o século XX, é discutido se a tradução deveria causar estranheza no leitor, para lembrá-lo de que está de fato lendo uma obra estrangeira, ou se o texto traduzido deveria parecer natural para o leitor. Identificação e naturalização são conceitos bastante utilizados na área da tradução, e como base será utilizado o artigo “Tradução e práticas político-culturais”, de Cristina Carneiro Rodrigues (1994) para explicar esse fenômeno na área da tradução. Em uma tradução “identificadora”, adota-se na língua-alvo as características linguísticas e culturais do texto original, zelando por toda a estranheza que pode conter no texto e distanciando o leitor do texto; o segundo caso pretende suprir as diferenças culturais e convertê-los para a cultura de chegada e, conseqüentemente, aproxima a obra do leitor (RODRIGUES, 1994). Rodrigues explica que, nesse cenário, “seria difícil encaixar tanto o resgate às intenções do autor em seu contexto de produção, quanto à similaridade de efeitos nos leitores” (1994, p.50). Embora escolher um desses caminhos tenha valor ideológico, o contexto da obra original pode exigir a preferência de um dos dois. O tradutor pode, se preferir, escolher uma posição neutra durante o processo tradutório. Contudo, essa tomada de decisão depende do objetivo, se ele está lidando com um texto mais criativo, conseqüentemente, ele exigirá adaptações, caso contrário, não há necessidade para tal modificação.

Rodrigues analisa algumas teorias da tradução e afirma que os teóricos Meschonnic (1973) e Venuti (1986) criticam o método de tradução naturalizadora. Para Meschonnic, essa é uma maneira de anular a distância entre as culturas, e ele afirma que é uma ideologia que se infiltra no meio da tradução. Um episódio que ocorreu na França do século XVII, as chamadas “Belas infieis”, envolve esse método de manipulação e ideologia política. Segundo Venuti, a tradução naturalizadora é um método que torna o tradutor invisível e apaga os traços culturais do texto estrangeiro. Contudo, para Veemer (1985), o texto é quem comanda a necessidade de

qual estratégia tomar. O traduzir é uma arte que envolve manipulação, não com a intenção de enganar o seu leitor, mas, por estar em um dilema sobre o seu papel como intermediador, questões como ser fiel ou criar algo que satisfaça seu público-alvo, sobre ser invisível ou ser reconhecido em seu trabalho, considerar todas essas ambiguidades que ocorrem durante o processo tradutório faz com que o tradutor ainda pondere sobre as impossibilidades e possibilidade da tradução.

4.2 Projeto de tradução

Como fundamento teórico, serão utilizados os artigos de Olga Kempinska (2014), Jeroen Vandaele (2019) e Maria Paula Frota (2005) para refletir sobre as principais dificuldades tradutórias encontradas nas tiras cômicas *The Outbursts of Everett True*. A leitura de um quadrinho humorístico é um procedimento muito objetivo e rápido, mas, apesar de ser uma leitura fluida, podemos comparar a tradução do humor com a intraduzibilidade, em que a complexidade do texto se manifesta através de aspectos culturais e linguísticos do idioma de partida. Como um quadrinho de origem do século XX, *The Outbursts of Everett True* traz como proposta temas do cotidiano com ênfase no humor gráfico, mas também traz um vislumbre da contextualização histórica e socioeconômica dos EUA, é uma tirinha que propõe diversos desafios em seu processo tradutório. Por isso, proponho no presente trabalho o maior desafio tradutório: como contar piadas de uma língua estrangeira do início do século XX para um público contemporâneo brasileiro? São fartos os desafios a serem pautados para que o quadrinho arcaico norte-americano não provoque estranheza no leitor brasileiro.

O que na época de um autor pôde ser uma tendência da sua linguagem poética, pode mais tarde tornar-se obsoleta e tendências imanentes se renovam a partir do pré-formado. O então jovem pode mais tarde soar desgastado, o então corrente soar arcaico. [...] Pois como a tonalidade e o significado das grandes obras literárias mudam por completo com os séculos, assim também muda a língua materna do tradutor. Precisando: enquanto a palavra do poeta permanece na própria língua, mesmo a melhor tradução está destinada a integrar-se no crescimento da sua, está destinada a perecer na sua renovação. (BENJAMIN, 2008, p.55-56, tradução de Karlheinz Barck)

Os quadrinhos não são tão simples quanto aparentam ser e, para conseguir traduzir uma tira cômica, é preciso primeiro compreender os mecanismos linguísticos e o efeito estético dela. Segundo Frota (2005), a proposta de um texto humorístico é trazer uma leitura que provoque risos em seus leitores; então, para o tradutor conseguir alcançar essa funcionalidade ele vai precisar adotar o método de transcrição, ou seja, será necessário modificar conscientemente os aspectos linguísticos e culturais do texto de partida em favor do leitor de chegada, o tradutor assume não apenas o papel de mediador, mas também o de recriador do texto. Sobre o humor,

Kempinska observa que ele está “longe de ser um elemento supérfluo ou meramente acessório, uma componente branda e leve, o humor, virtualmente presente em um texto literário é capaz de suscitar o riso do leitor, é responsável pela produção de um efeito estético único” (KEMPINSKA, 2014, p. 48). Segundo Frota, o tradutor que assume os riscos de traduzir o humor terá que lidar com as expectativas dentro dos “jogos sociais” de uma determinada cultura. Por isso, ao levarmos em conta a traição exercida no texto de partida, o tradutor conseguirá apenas estabelecer uma relação próxima entre o texto original e o texto traduzido, mas jamais elas serão similares em favorecer do propósito de obter uma risada de seu receptor, e naturalmente “qualquer falha na tradução será, portanto, muito visível: é óbvio que o tradutor falhou quando ninguém ri do humor traduzido” (VANDAELE, 2019, p. 332).

Alguns fatores humorísticos apresentados em tiras cômicas são os estereótipos, o politicamente correto, a ironia, frases sem sentido, etc. fatores que moldam a base para o efeito humor do quadrinho, que é o responsável em fazer o leitor gargalhar. e estão bastante presentes no quadrinho de *The Outbursts of Everett True*. Como a tira apresenta diálogos com muitos detalhes, que às vezes não sabemos se contêm ironia ou se são apenas um monólogo do personagem, sendo preciso ter prudência durante a tradução. Ainda temos os fatores culturais e linguísticos, como a ambiguidade fonética e a ambiguidade sintática, que servem para o benefício do efeito estético.

Sobre o efeito estético, a autora Kempinska explica que ele é a particularidade que está atrelada ao efeito humorístico, sendo um dos poucos elementos ficcionais capazes de produzir uma reação física, como a risada, no leitor. O efeito humorístico ser encarado como uma dificuldade tradutória advém muito da dificuldade em desempenhar o efeito estético; não executar o efeito estético significa interromper uma rara conexão física entre a ficção e realidade, e, com isso, a recepção do texto de chegada sofre com a incompatibilidade causada pelo “excesso transformado em estranhamento, a tensão, em opacidade, e o prazer da cumplicidade, em distanciamento.” (KEMPINSKA, 2014, p. 49).

Visto que o senso de humor de um indivíduo é ensinado através do seu ambiente histórico e cultural, é crucial levarmos isso em conta durante o percurso da tradução do humor. O aspecto humorístico do ser humano é moldado conforme a sua própria época e local, ou seja, ao longo dos séculos, o senso de humor das pessoas se altera, de modo que o tradutor se encontra em mais um contratempo, em que terá que escolher entre manter a piada “velha” ou adaptá-la para o “gosto” humorístico do leitor-alvo.

Perante esse enraizamento do humor no contexto histórico e cultural – o fato de que em diferentes épocas e em diferentes lugares as pessoas não riem espontaneamente da mesma maneira e das mesmas coisas – impõe-se com força o problema de sua tradução e das condições da preservação de seus efeitos na passagem de uma cultura para outra. Tanto na travessia das fronteiras temporais quanto espaciais, a perda do efeito humorístico faz que surja em seu lugar um discurso experimentado como difícil e bizarro. (KEMPINSKA, 2014, p. 52).

Por isso, a tradução do efeito humorístico de qualquer obra trará grandes dificuldades para o tradutor, pois, para transportar o humor de uma cultura para outra, será necessário obrigar o tradutor a escolher entre os processos de domesticação e estrangeirização de Venuti. – a domesticação nesse caso em específico sendo um modelo indispensável, já que a tira *The Outbursts of Everett True* apresenta traços de diálogos antiquados para o senso de humor brasileiro atual. A domesticação é o processo tradutório utilizado neste trabalho, utilizada com base nos argumentos supracitados, em que o tradutor de tiras cômicas deve prezar pela leitura acessível e preservar o efeito humorístico no texto, mas também permite que a emoção que o leitor da língua original sentiu seja também transportada para o leitor da língua traduzida.

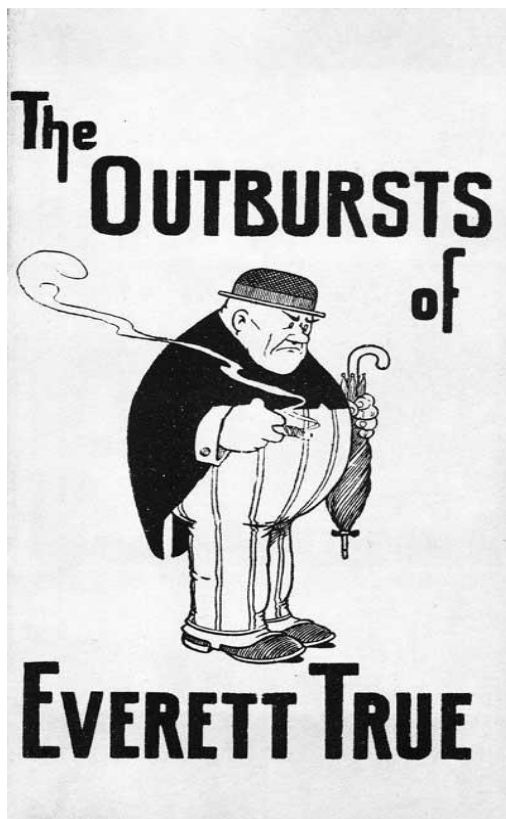
Levando em conta a análise das teorias de Venuti, Britto e Benjamin, além das propostas de tradução mencionadas anteriormente, a seguir será justificado o processo tradutório das tiras cômicas *The Outbursts of Everett True*, de A. D. Condo. Escolhemos para este projeto de tradução a compilação de 1907 que contém 80 páginas, uma obra que está atualmente em domínio público e pode ser encontrada facilmente em repositórios digitais. Utilizamos dicionários como *Collins English Dictionary Online* e *Cambridge Dictionary Online* para entender o significado de algumas gírias e expressões antigas dos EUA, e o *Dicionário Informal Online* para encontrar algumas gírias e expressões linguísticas comumente utilizadas no Brasil. Como tentativa de transpor o humor do inglês para o português, estabelecemos durante a tradução a adaptação e domesticação de alguns elementos linguísticos e culturais do texto original como a oralidade, marcas culturais e expressões idiomáticas.

O termo oralidade refere-se aos contextos socioculturais de uma nação, nele manifestam-se a fala, o ritmo e a entonação. A oralidade do texto foi um desafio durante a tradução, uma vez que, desde o título às primeiras páginas, é possível se deparar com a sonoridade das palavras, as rimas, além das gírias e expressões que hoje não são usadas ou entendidas tão comumente, mesmo em seu contexto original.

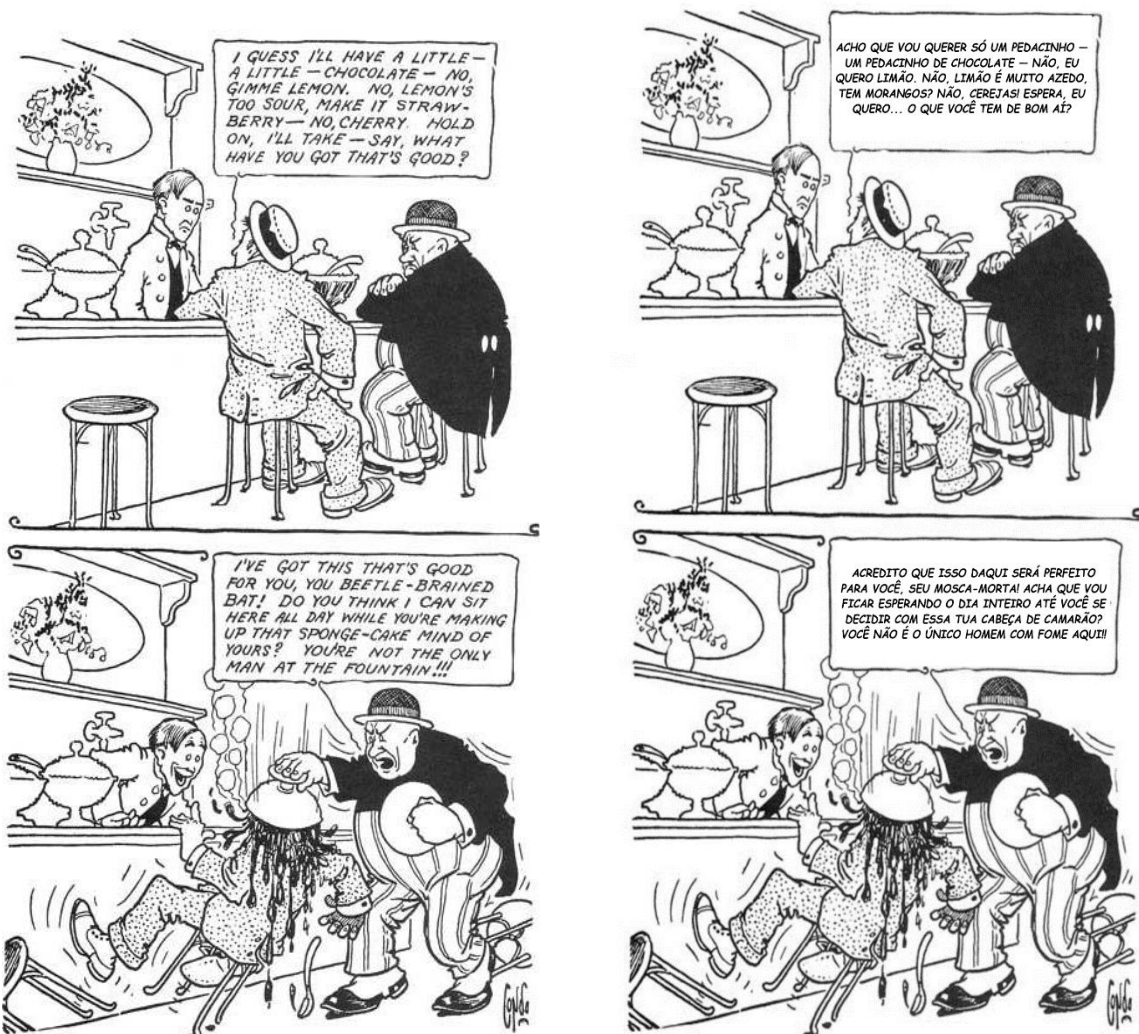
A primeira questão tradutória a ser comentada é o título da tirinha. O processo tradutório optou por adaptá-lo adaptado para o português. No original, “*The Outbursts of Everett True*”, foi traduzido para o português como “Os arroubos de Severo Siso”. Uma das motivações para essa tomada de decisão o fato de que é uma prática comum entre os tradutores no Brasil adaptar nomes estrangeiros em quadrinhos cômicos. Citamos como exemplos “Calvin and Hobbes”, de Bill Watterson, que foi traduzido para “Calvin e Haroldo”; “Chip 'n Dale”, de Tad Stones e

Alan Zaslove, transformado em “Tico e Teco”. Nesse contexto, mudar os nomes dos personagens centrais visa transformar a possível estranheza em algo memorável para o leitor. As estratégias aplicadas para alcançar o resultado tradutório deste título são como segue:

Primeiramente, o modo de articulação [t], oclusiva alveolar surda, *The Ou/t/bursts/t/s of Evere/t/ /t/rue*, o título contém o som [t], que pode ser reproduzido ao ler em voz alta. Durante o processo tradutório, houve a intenção de aproximar essa reprodução no título com o modo de articulação fricativo alveolar surdo [s] em “Os arroubos de Severo Siso” e assim manter a característica sonora do título, já que o modo de articulação produzido no original não seria possível em português. Por fim, o nome Everett True é um trocadilho que, se traduzirmos literalmente, soarão como “sempre certo/correto/verdadeiro”. Por isso, foi buscada uma solução que mostrasse de forma direta esse trocadilho, e propõe-se nesse momento o nome Severo Siso, sendo a “Severidade” uma atitude que o personagem está sempre desempenhando contra os outros personagens. Quanto a “Siso”, a escolha pode ser justificada com o apoio de um dicionário: conforme o dicionário Houaiss, ‘Siso’ define-se como “1 boa capacidade de avaliação, bom senso; juízo, tino; 1.1 qualidade de sensato; circunspeção, prudência, sensatez”. Sendo uma palavra com quatro letras, e ainda com significado bem próximo ao termo “True” no original, ‘Siso’ também significa o último dente molar, um dente que geralmente incomoda e causa desconforto no sujeito, caso não procure uma solução rápida. Acredito que seja uma boa analogia para descrever o caráter do personagem principal durante toda a obra. Outros personagens, como os filhos de Everett True, também foram adaptados.



Outro exemplo importante de ser comentado são os insultos, que, aliás, são bem criativos, e explicar alguns cuidados que precisaram ser tomados ao traduzi-los, como, por exemplo, na figura abaixo um homem não sabe o que escolher para comer e fica mudando o pedido a todo momento, até a frase final, em que ele ainda não sabe o que pedir e pede a opinião do garçom. A demora e a indecisão do personagem fazem Everett ficar irritado e, durante a primeira frase, ele faz um jogo de palavras para a pergunta do homem. Logo em seguida, ele utiliza a frase “*Beetle-brained bat*”, percebe-se a aliteração na frase para descrever o ato do homem, é uma frase que sem dúvida não faz muito sentido e até proporciona um trava-língua divertido ao ser dito em voz alta, mas que tem o intuito de ser um insulto. Então ele utiliza a frase “*Sponge cake-mind*” para insultar a inteligência do rapaz. Embora esses insultos não sejam comuns nos Estados Unidos, Condo usou esses insultos para serem ditos em voz alta, e eles são fatores centrais para a piada. Nota-se que são insultos não agressivos, logo, essas frases traduzidas não poderiam exercer uma violência verbal que fosse além da proposta original. Essa é uma técnica que aparece frequentemente no quadrinho, e por isso foi necessária muita cautela durante a tradução dos insultos.

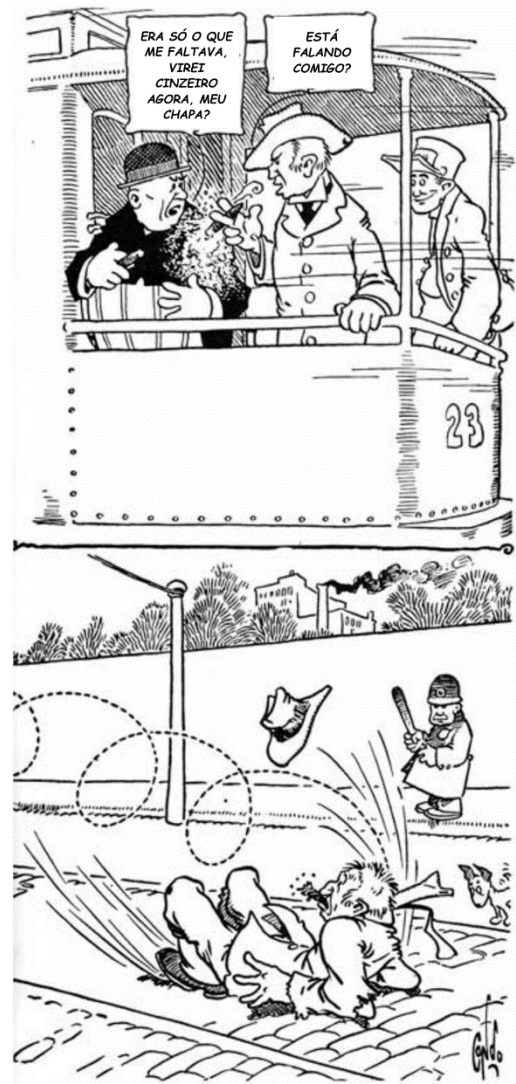
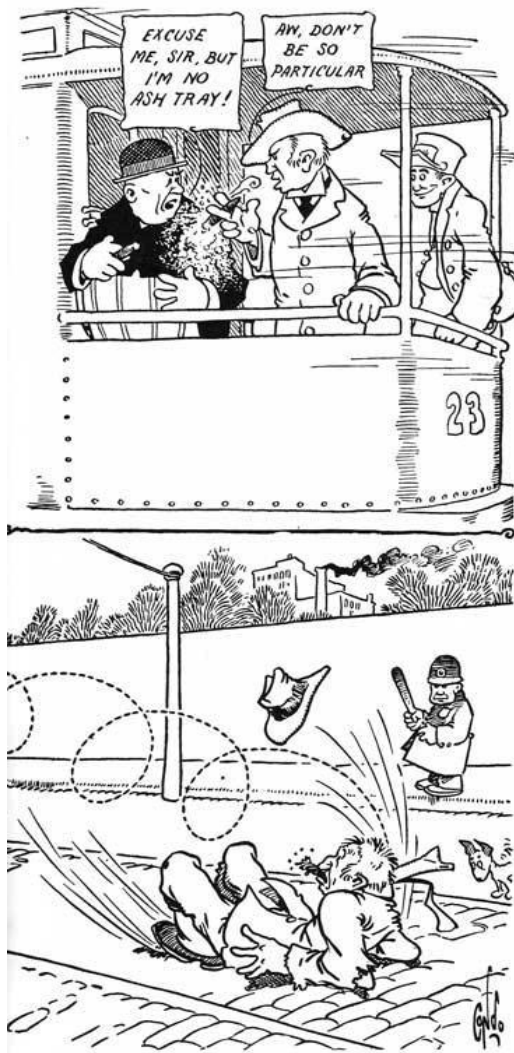


Na tradução, procuramos transpor a ideia da aliteração e o uso de animal como um insulto e, por sorte, há insultos similares em português como “mosca-morta”, que foi utilizado para traduzir o termo “*bettle-brained bat*”, o insulto “*sponge-cake mind*” foi traduzido para a frase “cabeça de camarão”. A ideia de utilizar esses insultos em português, e não apenas traduzir literalmente, foi graças ao aspecto criativo que existe em alguns termos em específico na tira cômica *The Outbursts of Everett True*, alguns termos que contêm recursos fônicos como a aliteração ou rimas, e algumas sequências de palavras foram domesticados. A domesticação, como dito anteriormente, é um recurso utilizado na tradução que visa adaptar uma frase que poderia futuramente causar estranheza ou dificuldade de compreensão no leitor do texto traduzido. Neste trabalho, não foi utilizada a estratégia de domesticação no texto por completo, apenas alguns termos específicos foram adaptados, como pode ser visto na frase em inglês “*you’re not the only man here at the Fountain*”. Nessa oração, podemos observar que ele diz o nome do estabelecimento, mas, como não é possível identificar que tipo de serviço oferece essa loja na tira apenas pela nome ou pela imagem – que poderia ser um bar, ou um restaurante, ou uma sorveteria, pelos potes que estão em cima da bancada na imagem –, foi optado em retirar o nome e traduzir para “você não é o único homem com fome aqui”, no intuito de esclarecer a motivação de Everett para atirar o pote no homem em um momento de fúria, mas sem mudar completamente o sentido da frase.

Neste projeto de tradução, foram analisados alguns aspectos nas frases, entre eles, a aliteração, os insultos, as expressões idiomáticas e, principalmente, o uso na sequência de palavras, como o que foi dito ou se algum balão responde ao balão anterior, etc. Na maioria das vezes, existe um padrão nas falas de Everett, ele é o juiz, o júri e o carrasco nesse momento, portanto, os diálogos dele geralmente são uma resposta ao personagem anterior, e essa foi uma das dificuldades durante o processo tradutório. O trecho “*I’ve got this that’s good for you*” é uma resposta direta à fala do homem no primeiro balão, mas, para a tradução, foi reescrita como “eu acredito que isso seja perfeito para você”, pois o termo “*good*” em inglês não teria a mesma intensificação e sentido que poderia ter em português, caso fosse traduzido literalmente. Por isso, o termo “perfeito” foi utilizado de maneira que não tornasse a frase incoerente com o contexto de fala do personagem em português, que no caso está irritado com a demora do homem em escolher o que vai comer.

Já outros diálogos foram totalmente adaptados visando ao aspecto humorístico: na tira a seguir, há um homem jogando as cinzas do seu charuto em cima de Everett; com razão, o personagem principal se irrita e questiona a atitude do homem. Por isso, em vez de “senhor”, o vocativo utilizado foi traduzido para “criatura”, como uma maneira de mostrar a indignação de Everett. Logo no segundo balão, a frase original “*wa, don’t be so particular*” seria

correspondente à frase em português “por favor, não se incomode com isso”; entretanto, se essa frase fosse utilizada na tradução, ela se tornaria incoerente com imagem, já que a maneira como o segundo personagem responde ao comentário de Everett não seria proporcional ao golpe que ele recebe no segundo quadrinho. Assim, a frase foi adaptada para algo que uma pessoa rude diria em uma situação parecida com essa, traduzida como “Está falando comigo?” com o objetivo de tornar o diálogo e a imagem mais harmônicos em português.



Para expressões idiomáticas e aliteração, o quadrinho a seguir foi um desafio durante a tradução devido ao diálogo do primeiro balão, da senhora que se encontra no transporte público enquanto conversa com seu cachorrinho. Para traduzir a frase “*good baby, little tootsie wootsie*” primeiro precisamos fazer o procedimento técnico de compensação “que consiste em deslocar um recurso estilístico, ou seja, quando não é possível reproduzir no mesmo ponto, no TLO, um recurso estilístico usado no TLO, o tradutor pode usar o [...] efeito equivalente, em outro ponto do texto” (BARBOSA, 2020, p.75). “*Good baby*” é uma forma carinhosa de se dirigir a algo ou

Neste quadrinho, atrevo-me a dizer que a tradução propôs uma comicidade melhor do que o diálogo original, mas antes de aprofundarmos nesse comentário, gostaria de ressaltar alguns pontos sobre a oralidade presente na tira abaixo. No presente projeto de tradução, o diálogo da tira a seguir foi um dos poucos casos em que foi adaptado e domesticado completamente. O texto original está utilizando todo o espaço do quadrinho, ou seja, é um texto bastante grande para realizar uma tradução palavra por palavra, por isso, os procedimentos de modulação na frase “*you ought to have thirty days in the workhouse*”, foram traduzidos para o português como “você tem sorte de não estar preso”, “*on bread and water*” foi omitido por não haver espaço no balão e por ser uma das frases descritivas possíveis de serem removidas.

No que se refere à tradução sair-se comicamente melhor do que o original: nesse quadrinho não optamos pela sonoridade ou transferência textual, mas sim pelo contexto gráfico. Pode-se observar que, na tira, Everett testemunha um homem cometendo assédio contra uma mulher. Ele olha para os pés da moça e, pela imagem, podemos observar qual seria a sua intenção; logo em seguida, Everett insulta o homem com a frase “*windy corner rubber-necks*”, que não é possível traduzir, mas é uma referência ao comportamento imoral do homem. Em português, a expressão “rabo de saia” foi utilizada visando o contexto da imagem, tornando o *timing* da tirinha mais preciso do que em sua forma original. Na frase “*contemptible pub*” foi traduzido para “tarado de uma figa”, ainda que a frase “cachorro desprezível” também seja uma opção de tradução e concorde com o sentido da frase original, e seja um insulto utilizado no Brasil para se referir a alguém desprezível. No entanto, “tarado de uma figa” ainda é uma solução satisfatória para o contexto em questão, é utilizada na fala dos brasileiros e torna o texto mais engraçado também.



Nesse último exemplo, podemos observar no primeiro balão um homem gritando sobre as notícias, entretanto, muito do que ele fala são frases sem contexto e sem sentido – o que se pode afirmar após diversas pesquisas sobre as frases entre parênteses. Como eram frases sem sentido, foi tomada a liberdade de torná-las mais cômicas brincando com o seu estilo, utilizando algumas palavras como base para desenvolver rimas, trocadilhos e algumas adaptações como na frase “*don't pester mother on a washday*”, no intuito de transmitir a sonoridade de “*pester mother*” a frase foi modificada para “não perturbe o pai em pleno sábado”.



Outro ponto a ser discutido sobre as dificuldades tradutórias é o uso de palavras que complementam o diálogo anterior. Como se pode ver na tira a seguir, o segundo balão utiliza uma frase do primeiro balão para confrontar a personagem. Na frase original, há “*Don’t you think Ethel looks sweet today?*” que foi traduzido para o português como “A Esther não está uma graça hoje?”. Entre as mudanças feitas no processo tradutório, está o nome da criança para um nome similar em português, de Ethel para Esther e “*looks sweet*” para “uma graça”. O motivo para essa modificação é em função do que foi dito anteriormente, “*looks sweet today*” é uma frase utilizada por Everett para fazer uma comparação ao estado que a menina se encontra, ele fala no balão seguinte “*She looks as sweet as a cake of ice!*”. De maneira a não perder o uso dessa referência, foi necessário traduzir a expressão para “Eu vejo uma desgraça prestes a acontecer”, pois os termos em português “graça” e “desgraça” fazem de forma eficiente essa referência entre as falas, e não se perde o sentido da frase original, já que “*cake of ice*” é um termo em inglês difícil de traduzir diretamente sem causar estranheza no leitor.



Na coletânea, ocorre apenas uma vez uma forma de dialeto na fala de um personagem. Na tira a seguir, será explicada a motivação pela adaptação dos termos em inglês durante o processo tradutório. Como pode ser observado, o personagem é um homem negro e a maneira que ele fala foi a única, até este ponto, que sofre uma alteração da escrita padrão, como se essa fosse a maneira que ele fala no dia a dia. Contudo, pelo ano de publicação, essa mudança na fala do personagem provavelmente tem uma motivação racista, algo que podemos ver pelo estilo gráfico estereotipado muito utilizado por artistas considerados racistas antigamente. Na fala do personagem, algumas letras são excluídas ou escritas da maneira que são ditas em voz alta “*Scuse me, suh. D’you mind movin’ agin? Jess a minute, suh, till a clean de floah*”. A frase contém muitos erros gramaticais propositalmente, devido ao contexto histórico e motivação racista. Por essa razão, optamos por não aderir por completo esse estilo de escrita. Uma das estratégias para lidar com esse balão foi trazer o aspecto mais informal entre cliente e empregado e o modo não-padrão de algumas palavras, traduzindo como “licença, patrão! Você se importa de sair de novo? É que eu preciso terminar de limpar o chão”. A frase contém muitos erros gramaticais propositalmente, devido ao contexto histórico e motivação racista. Por essa razão, optamos por não aderir por completo esse estilo de escrita. Uma das estratégias para lidar com esse balão foi trazer o aspecto mais informal entre cliente e empregado e o modo não-padrão de algumas palavras, traduzindo como “licença, patrão! Você se importa de sair de novo? É que eu preciso terminar de limpar o chão”.



No geral, as tiras cômicas trouxeram desafios tradutórios similares. Como foi dito anteriormente, o intuito desse projeto de tradução foi domesticar apenas termos problemáticos, como expressões com aliteração, termos específicos que respondem diretamente a uma situação anterior, rimas, ajustar a tradução dentro do balão, preservar o sentido e, se houver, a sonoridade dos diálogos. Por ser uma história em quadrinhos de 1905, com a localização vinda dos Estados Unidos por um quadrinista pouco conhecido atualmente, preferi não domesticar o contexto, localização e fala dos personagens de *The Outbursts of Everett True*. Como tradutora, eu gostaria que os leitores dessa tira cômica soubessem que ele é um personagem norte-americano que vivia o contexto do estadunidense típico do início do século XX, que ele conta os problemas do cotidiano dessa época. Como um tradutor não gosta de ser invisível durante o seu trabalho, talvez seja necessário também não apagar a identidade da tira cômica. Como pode ser visto na tira abaixo, não foi necessário adaptar completamente todos os diálogos dos personagens, em razão de não haver termos complexos nas falas originais; por isso, a domesticação ou a adaptação não foram recursos usados durante todo o processo de tradução.



5. CONCLUSÃO

As histórias em quadrinhos têm um vocabulário próprio que abrange diversas particularidades linguísticas do cotidiano, estão sempre se desenvolvendo junto ao leitor, trazendo novas expressões e gírias que agregam tanto na cultura da língua de partida como na cultura da língua de chegada. Por isso, as tiras cômicas “*The Outbursts of Everett True*” trouxeram diversos desafios durante o processo tradutório, como traduzir e expressar o humor gráfico e traduzir gírias e insultos arcaicos, além de agregar uma reflexão sobre o papel da tradução como ferramenta transformadora. Os estudos da tradução relacionados às tiras cômicas ainda são escassos, porém, com o crescimento contínuo de histórias em quadrinhos, acredito que essa realidade mudará no futuro. Como ainda não existem procedimentos técnicos da tradução específicos para quadrinhos humorísticos, foi necessário utilizar um modelo de tradução para poemas – ambos os gêneros textuais têm qualidades quase que intraduzíveis, por isso, o presente trabalho tomou liberdades para adaptar o texto para o humor brasileiro, com base na estratégia de domesticação de Lawrence Venuti. Foram oitenta páginas traduzidas, com tiras previamente selecionadas pelo criador A.D. Condo. Porém, por se tratar de uma obra de domínio público, muitas outras tiras estão disponíveis para futuros tradutores que se interessarem em traduzir a obra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Josué Jadaí Orrico De. Os primeiros quadrinhos brasileiros: tradução da obra de Angelo Agostini. 2014. 64 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Inglês) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/9588>>. Acesso em: 25 jun. 2023
- A TRADUÇÃO DE QUADRINHOS NO BRASIL: princípios, práticas e perspectivas/organizadores: Kátia Hanna, Dennys Silva-Reis. - São Paulo: Lexikos, 2020. 316 p.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, 3ª edição.
- BASSNETT, Susan. Estudos de tradução. Tradução: Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. 140 p.
- BRANCO, Lucia Castello. A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. **Belo Horizonte: Fale/UFMG**, 2008.
- BRITTO, Paulo Henriques. A tradução literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMPOS, Geir. O que é tradução. 1.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CARNEIRO, M. C. DA S. R. Quadrinhos em tradução: Pensando a escrita como imagem. **Cadernos de Tradução**, v. 42, p. e87450, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ct/a/PDVMtNjkbtgq9sFBDshysyq/#>>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- CARVALHO, Beatriz Sequeira de. O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos. 2017. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-31102017-123128/pt-br.php>>. Acesso em: 21 jun. 2023
- CARVALHO, C. F. A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor; orientadora: Maria Paula Frota. – Rio de Janeiro: PUCRio, Departamento de Letras, 2005. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=6613@1>>. Acesso em: 20 jun. 2023
- CLÁSSICOS EM HQ. organizado por Renata Farhat Borges. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- COELHO, Jaqueline Santos. Masterpiece Comics: a colisão entre quadrinhos e Literatura. 2021. 112 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42641>>. Acesso em: 20 jun. 2023
- DIAS, A. L. A. HQtrônicas: uma análise semiótica. 2010. 14 p. Artigo (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Amazonas, São Paulo. Disponível em: <<https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/04/Anielly-Laena-Azevedo-Dias.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2023

EISNER, Will. Arte seqüencial. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. Tradução: Leandro de Ávila Braga. **Translatio**, n. 3, p. 3-3, 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/34674>>. Acesso em: 20 jun. 2023

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. Tradução: Luís Fernando Marozo, Carlos Rizzon, Yanna K. Cunha. **Revista Translatio, Porto Alegre**, n. 18, p. 1-21, 2018.

FONSECA, Joaquim da. Caricatura: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FROTA, M. P. Tradução do humor: transcriando piadas. **Tradterm**, [S. l.], v. 11, p. 323-328, 2005. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2005.49693. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49693>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

GENTZLER, Edwin. Teorias contemporâneas da tradução. Tradução: Marcos Malvezzi. 2. ed. rev. São Paulo: Madras, 2009.

GOMES, Ivan Lima. Histórias em quadrinhos em jornais, revistas e livros: um panorama transatlântico. **Transatlantic Cultures**, 2022. Disponível em: <<https://transatlantic-cultures.org/landing/the-many-roles-of-a-language-a-transatlantic-panorama-of-the-publication-of-comics-in-newspapers-magazines-and-books>>. Acesso em: 10 mai. 2023

HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS (1918-1945). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_Estados_Unidos_\(1918-1945\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_Estados_Unidos_(1918-1945))>. Acesso em: 06 mai. 2023

HISTÓRIA DOS QUADRINHOS: ERAS DE BRONZE E FERRO. **Abra**. s/d. Disponível em: <<https://abra.com.br/artigos/comics-bronze-e-ferro/>>. Acesso em: 1 jun. 2023

HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO BRASIL. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_em_quadrinhos_no_Brasil>. Acesso em: 06 mai. 2023

HÜBNER, L.; Wink, G. W. A tradução de histórias em quadrinhos: teoria e prática pelo exemplo de dois romances gráficos brasileiros vertidos para o alemão. **Santa Barbara Portuguese Studies**, n. 3, p. 1-38, 2019. Disponível em: <https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/02_Lea_Georg.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2023

KEMPINSKA, Olga Donata Guerizoli. A tradução do efeito humorístico. **ITINERÁRIOS–Revista de Literatura**, n. 39, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/7214>>. Acesso em: 01 jul. 2023

KNUDDE, Kjell. A. D. *Condo*. **Lambiek Comicipedia**. 2022. Disponível em: <https://www.lambiek.net/artists/c/condo_ad.htm>. Acesso em: 05 mai. 2023

LISTA DE PRÊMIOS DE QUADRINHOS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em:

- <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista_de_pr%C3%AAsios_de_quadinhos&oldid=64077136>. Acesso em: 11 mai. 2022.
- MACHADO, Bernardo de Mendonça. Traduzindo quadrinhos: Em busca de um mundo mais calmo. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28708>>. Acesso em: 22 jun. 2023
- MARINO, Dani. Quadrinhos não são literatura e está tudo bem. **Blog Unicamp**. 2022. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mindflow/quadrinhos-nao-sao-literatura-e-esta-tudo-bem/>>. Acesso em: 11 mai. 2023
- MONTEIRO, Matheus da Costa Silva; SANTANA, Rodrigo Braga Lima de. Não está no gibi: a influência das especificidades da HQ sobre o processo tradutório. 2020. 237 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Inglês) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/27298>>. Acesso em: 25 jun. 2023
- OLIVEIRA CAETANO, M. Aslanov, Cyril. A tradução como manipulação. São Paulo: Perspectiva, 2015. Revista da Anpoll, [S. l.], v. 1, n. 44, p. 401–407, 2018. DOI: 10.18309/anp.v1i44.1152. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1152>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- PESSOA, Alberto Ricardo. A linguagem das histórias em quadrinhos: definições, elementos e gêneros. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.
- PIMENTEL, Carol. Tradução de histórias em quadrinhos: teoria e prática. **Belfort Roxo, Rio de Janeiro: Transitiva**, 2018.
- RAMOS, Paulo Eduardo. Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04092007-141941/pt-br.php>>. Acesso em: 19 jun. 2023
- RAMOS, P. Piadas e tiras cômicas: semelhanças entre gêneros. **Revista USP**, [s. l.], n. 88, p. 50-59, 2011. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i88p50-59. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13851>>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- REVISTA EM QUADRINHOS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: Acesso em: 07 mai. 2023
- RODRIGUES, C. C. Tradução e Práticas Político-culturais. **Tradterm**, [S. l.], v. 1, p. 49-56, 1994. DOI: 10.11606/issn.2317-9511. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49946>>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- RODRIGUES, Eliete Millen. Histórias em Quadrinhos: Narrativa Visual e sua utilização no Ensino. 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9KPQP4>>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- SANDERS, Fred. The Outbursts of Everett True. **The Scriptorium daily**. 2007. Disponível em: <<https://scriptoriumdaily.com/the-outbursts-of-everett-true/>>. Acesso em: 05 mai. 2023

- SANTANA, Ben. As Eras dos Quadrinhos nos Estados Unidos. **Quadripop**. 2014. Disponível em: <<https://quadripop.blogspot.com/2014/08/as-eras-dos-quadrinhos-nos-estados.html?m=1>>. Acesso em 1 jun. 2023
- SCHNEIDER, B. C. T.; LAIÑO, M. J. A tradução de expressões idiomáticas em tirinhas da Mafalda: no es oro todo lo que reluce. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 29-57, set.2018. ISSN 2317-2347. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1142>>. Acesso em: 25 jun. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v7i2.1142>.
- SILVA, Ívens Matozo. Literatura E Violência: Considerações Sobre A Narrativa Brasileira Contemporânea. *Revista Linguagens & Letramentos*, v. 3, n. 2, p. 23-34, 2019. Disponível em: <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/121>>. Acesso em: 15 jun. 2023
- SISO. In: HOUAISS, Antônio. Pequeno dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>> Acesso em: 04 jul. 2023.
- SOUTO, G. B. Desconstruindo Una e A diferença invisível: relação entre as novelas gráficas autobiográficas e o romance de formação. **Sociopoética**, [S. l.], v. 1, n. 22, p. 102–114, 2020. Disponível em: <<https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/267>>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, p. 272-284, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/civitas/a/hpRyww6d63ZJFHPM6nXyRjF/>>. Acesso em: 10 mai. 2023
- THE Outbursts of Everett True. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_Outbursts_of_Everett_True#References>. Acesso em 06 mai. 2023
- UCHA, Francisco. Jornal da ABI: A cronologia dos quadrinhos. **Issuu**. 2009. Disponível em: <<https://issuu.com/ucha/docs/jornalabi349hq-part1>>. Acesso em: 10 mai.2023.
- VANDAELE, Jeroen. O humor na Tradução. Tradução: Tiago Marques Luiz. **Cadernos de tradução**, v. 39, n. 2, p. 326-337, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2019v39n2p326>>. Acesso em: 20 jun. 2023
- VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Tradução de Carolina Alfaro. **Revista PaLavra**, p. 111-134, 1996.
- VENUTI, Lawrence. Estratégias de tradução. Tradução: Carolina Paganine e Renata Lopes. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Ed. Mona Baker. London: Taylor & Francis, 2001. p. 240-244.
- VERGUEIRO, Waldomiro. Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2017.
- VERMEER, H. J. Esboço de uma teoria da tradução. Porto, Asa, 1985.

VERGUEIRO, W. O humor gráfico no Brasil pela obra de três artistas: Ângelo Agostini, J. Carlos e Henfil **Revista USP**, [S. l.], n. 88, p. 38-49, 2011. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i88p38-49. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13850>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VERÍSSIMO, T. A. dos S. TRADUÇÃO E CRÍTICA: A TAREFA DO TRADUTOR E SEUS COMENTADORES. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 3, n. 2, p. 155–164, 2015. DOI: 10.26512/belasinfiéis. v 3. n 2. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11288>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

YUGE, Claudio. Conheça a Era de Prata, a era mais científica dos quadrinhos. **Canal tech**. 2019. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/quadrinhos/conheca-a-era-de-prata-a-era-mais-cientifica-dos-quadrinhos-154521/>>. Acesso em: 10 mai. 2023

OS ARROUBOS
DE
SEVERO SISO



OS ARROUBOS
DE
SEVERO SISO

POR

A.D.CONDO E J.W.RAPER



reprinted by
The Vestal Press Ltd
Vestal NY 13850 USA



UM MINUTO DE ATENÇÃO —

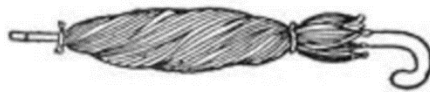
Estamos todos pisando em ovos, mais ou menos.

Desfrutamos de momentos valiosos, principalmente quando alguém decide falar sobre os pepinos da vida. Ficamos contentes por conversar com o vizinho sobre as genialidades dos pequeninos. Permitimos que o homem diga as boas novas sobre questões políticas, à medida que o jantar esfria sob a mesa. Toleramos o incômodo e o aborrecimento, e às vezes sorrimos ao invés de ressentirmos as intrusões e as insolências.

Tudo em nome da paz.

Severo Siso não tem a nossa deficiência em lidar com a peste humana. Sua conduta é um protesto contra os chatonildos que estão ao nosso redor. Ele não é um reformador, mas sim um carrasco, infligindo punição onde quer que se depare com os pilantras dignos do tratamento penal.

As vítimas do Sr. Siso chama-o de sisudo, na prática, ele é um humanitarista.

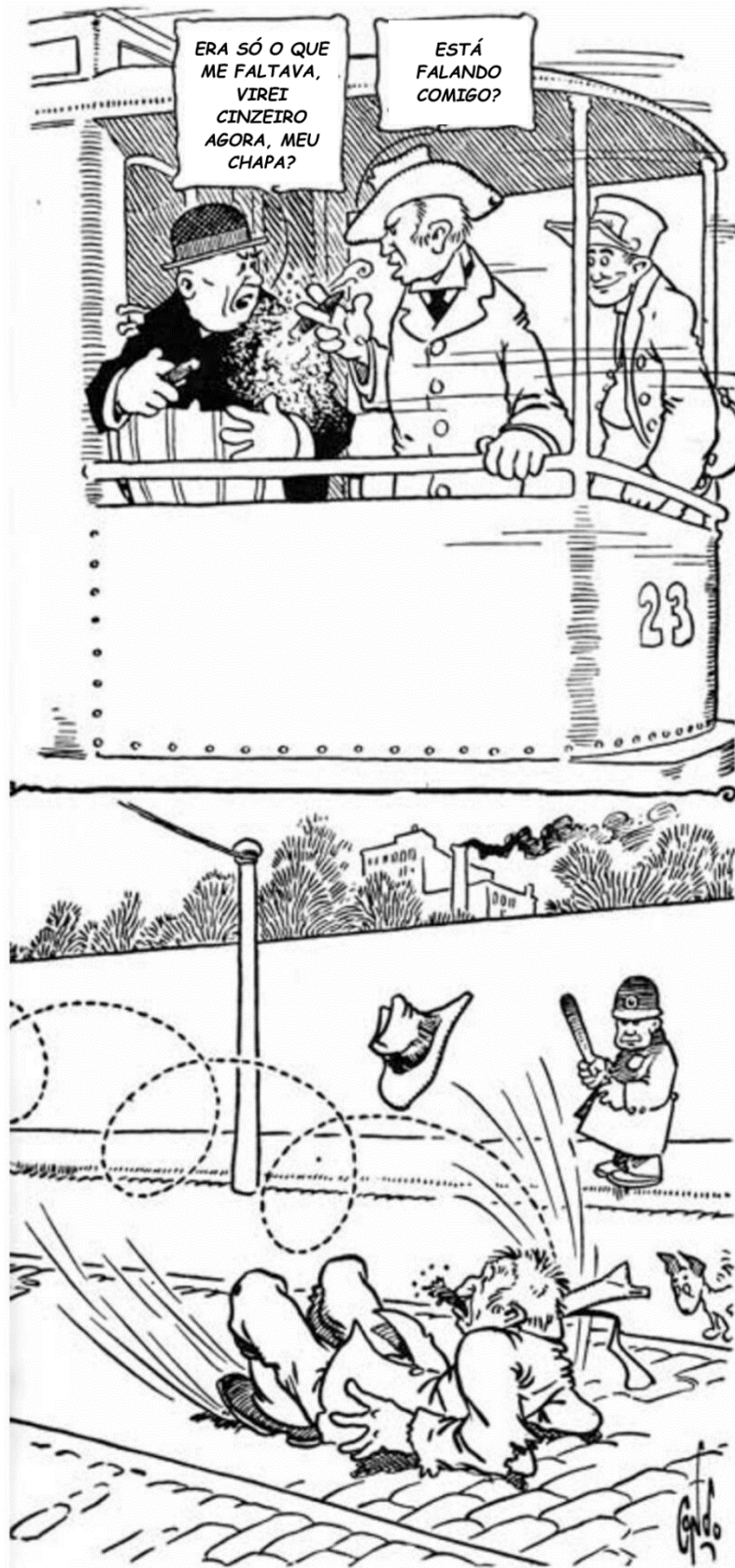








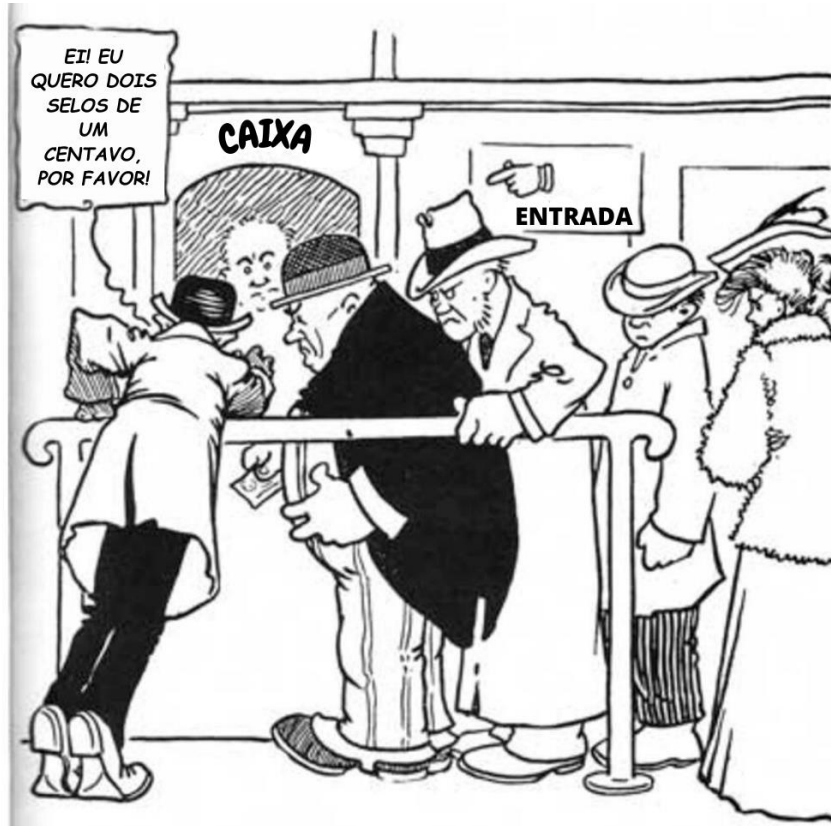






O QUE EU MAIS ODEIO NO MUNDO É ENCONTRAR UM PORCALHÃO NO MEU VAGÃO! CHISPA DAQUI!!!



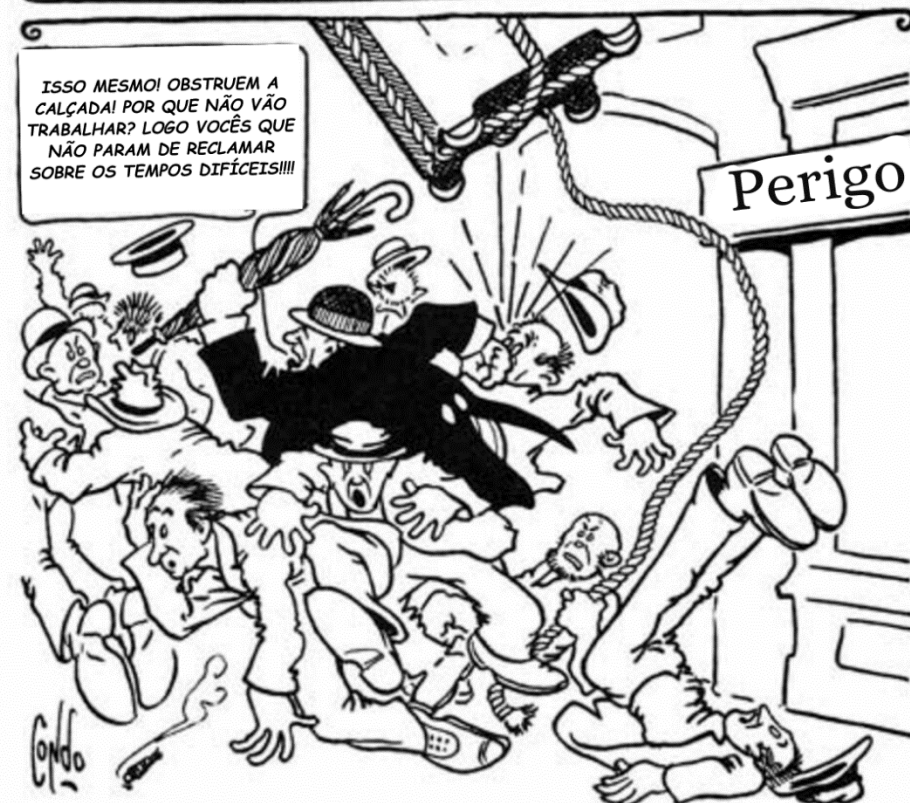


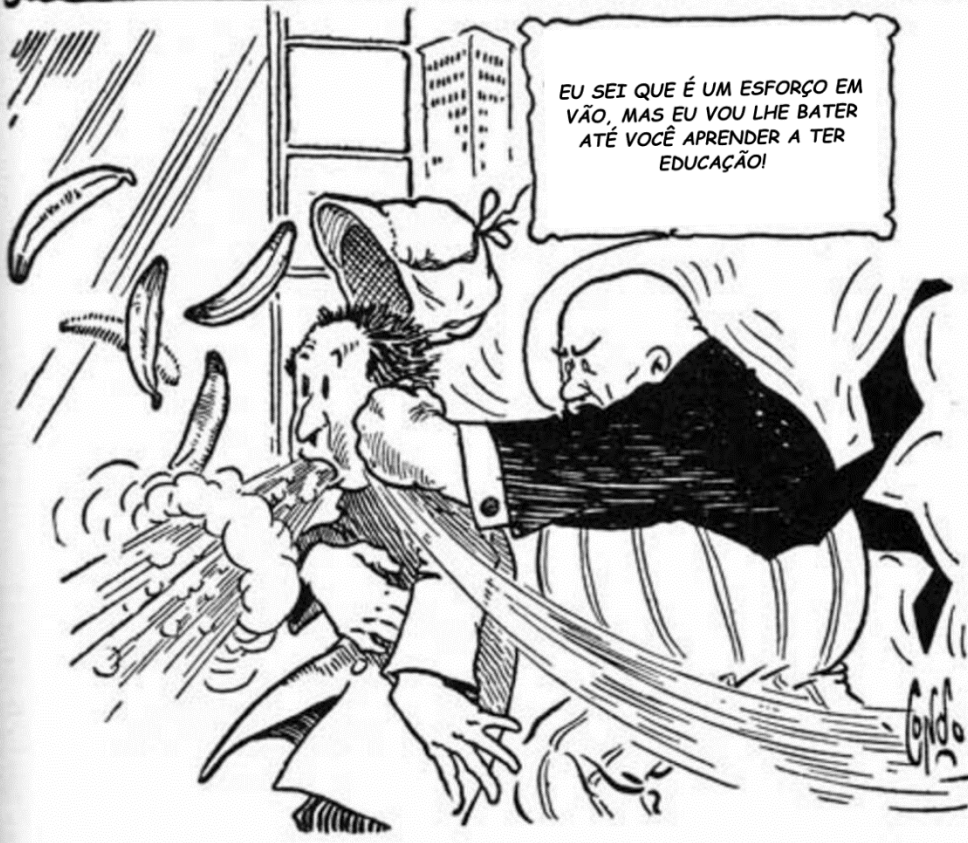


















VAI COMEÇAR UM
BELO DIVÓRCIO
NESSA CIDADE, SE
A SENHORA...



POR QUE VOCÊ CONTINUA
AGARRANDO A MINHA BOCA
DESSE JEITO ASSIM? VAMOS,
ME RESPONDA AGORA, SEU
FOFOQUEIRO!!! SE VOCÊ NÃO
PARAR DE FAZER ESSAS COISAS,
EU VOU TE MORDER E TE
PASSAR RAIVA, GRRR!!!









EU QUERO ALUGAR O
SEGUNDO ANDAR QUE
FOI DESOCUPADO
ONTEM.

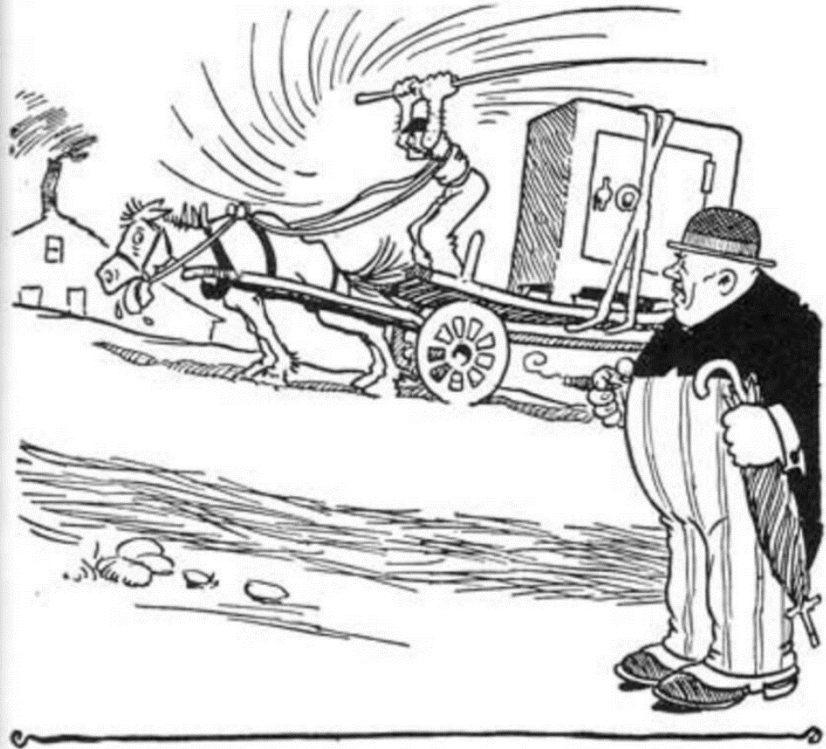
O SR. SISO É UM CAVALHEIRO ADMIRÁVEL,
E COM SEU EXTRATO SERIAS UM BOM
INQUILINO, MAS VOCÊ TEM DUAS
CRIANÇAS E EU NÃO POSSO ALUGAR



ENTÃO VOCÊ É UM DESSES QUE EMBIRRA COM
CRIANÇA?! NÃO É UMA PENA QUE OS MEUS
FILHOS NASCERAM, HEIN? EU DEVERIA ME LIVRAR
DELES, NÃO É? MAS VOCÊ TEM RAZÃO, JÁ FAZ UM
TEMPO QUE EU QUERO ACABAR COM A RAÇA DE
ALGUNS MOLEQUES COMO VOCÊ!!!





















IRMÃO SISO GOSTARIA DE SABER SE VOCÊ E SUA FAMILIA VIRÃO PARA O PIQUENIQUE DA ESCOLA DOMINICAL. VOCÊ DEVERIA DEIXAR PELO MENOS OS SEUS FILHOS PARTICIPAREM.

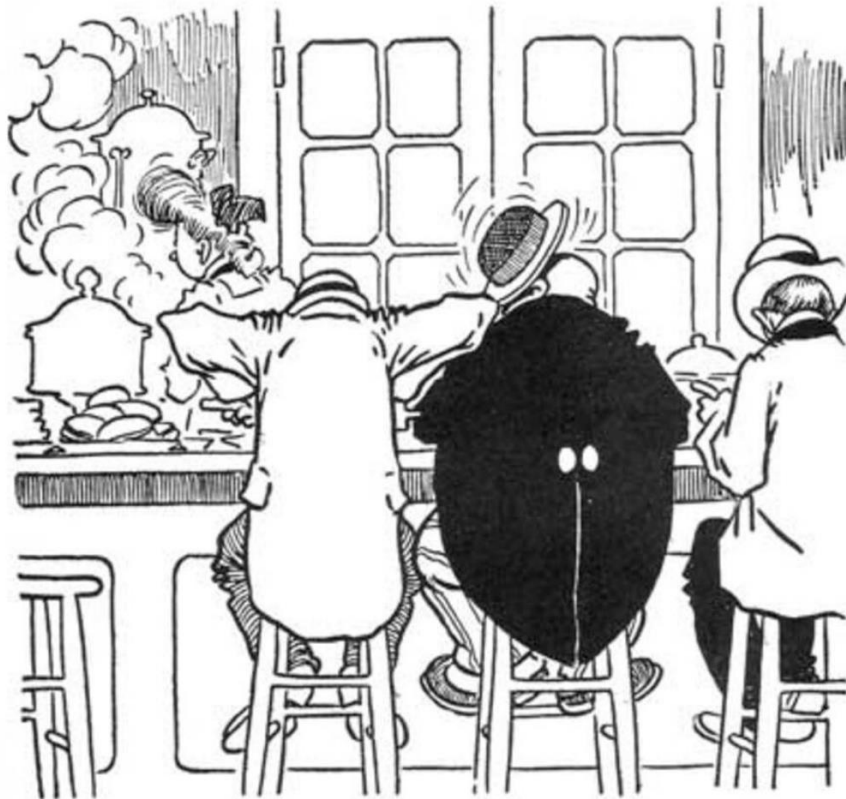


SEREI BEM CLARO COM VOCÊ, O PIQUENIQUE DA ESCOLA DOMINICAL É UM PERIGO À QUALQUER UM QUE VÁ. EU NÃO QUERO VER OS MEUS FILHOS SENDO ATROPELADOS, E NEM QUE SE AFOGUEM NO LAGO!!!

E MAIS UMA COISA PASTOR, NA PRÓXIMA VEZ QUE VOCÊ ME CHAMAR DE "IRMÃO" SISO DE NOVO, EU VOU DE BATER!!!

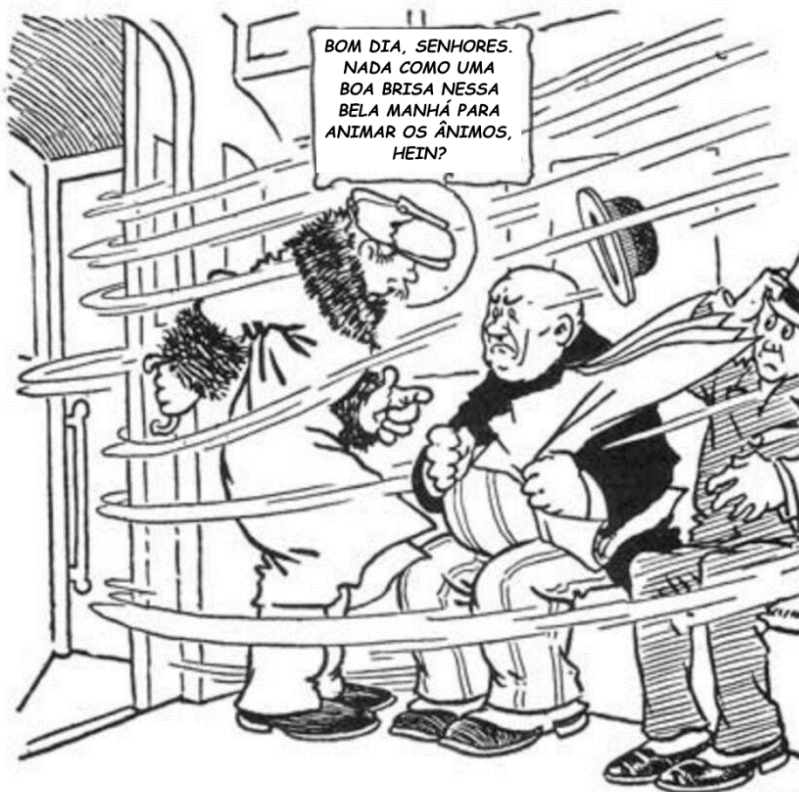




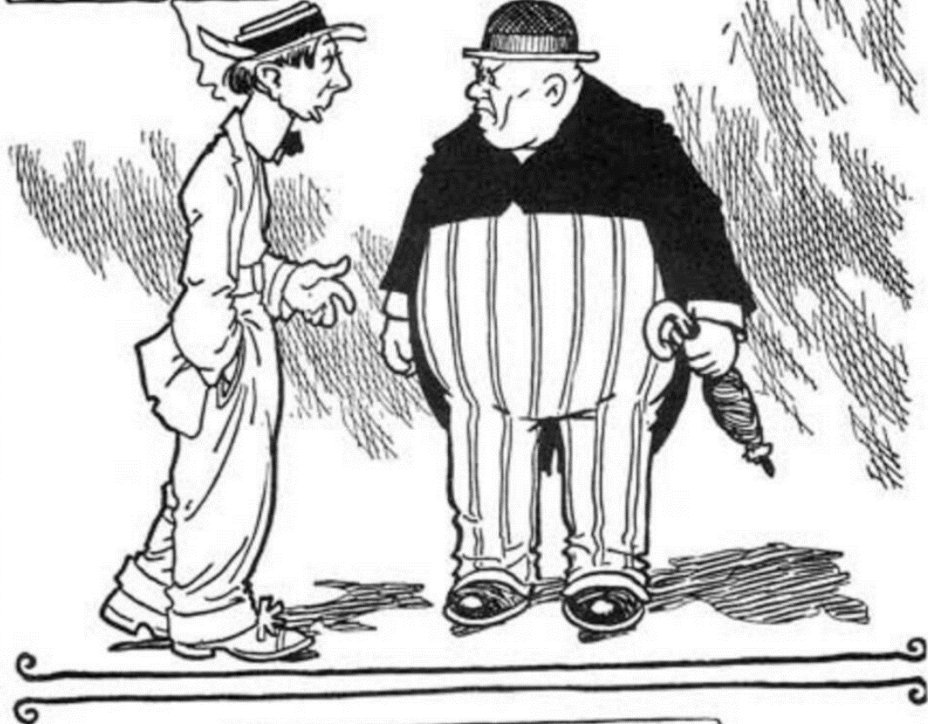




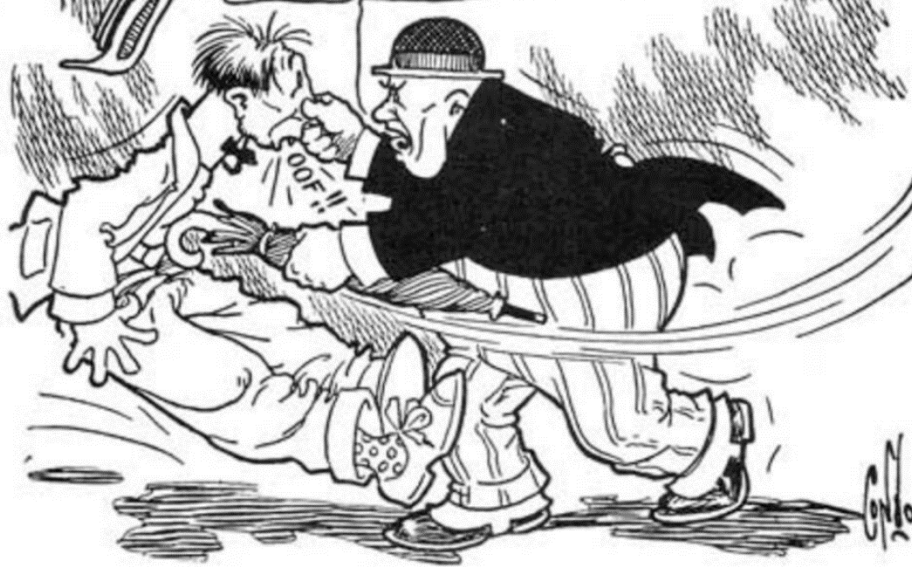


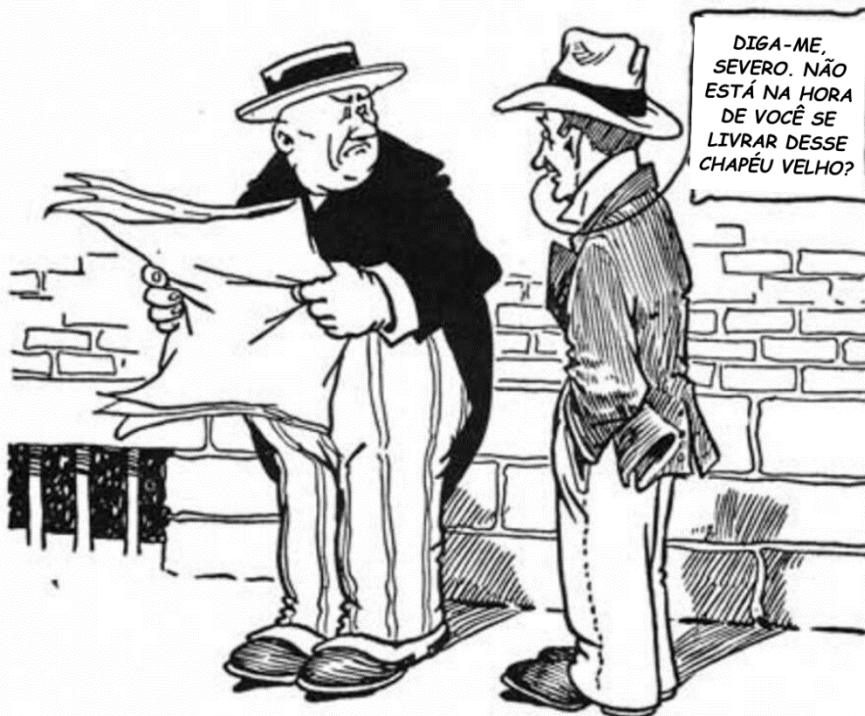


DIGA-ME, SISUDO,
VOCÊ TEM UM
CIGARRINHO DA BOA?

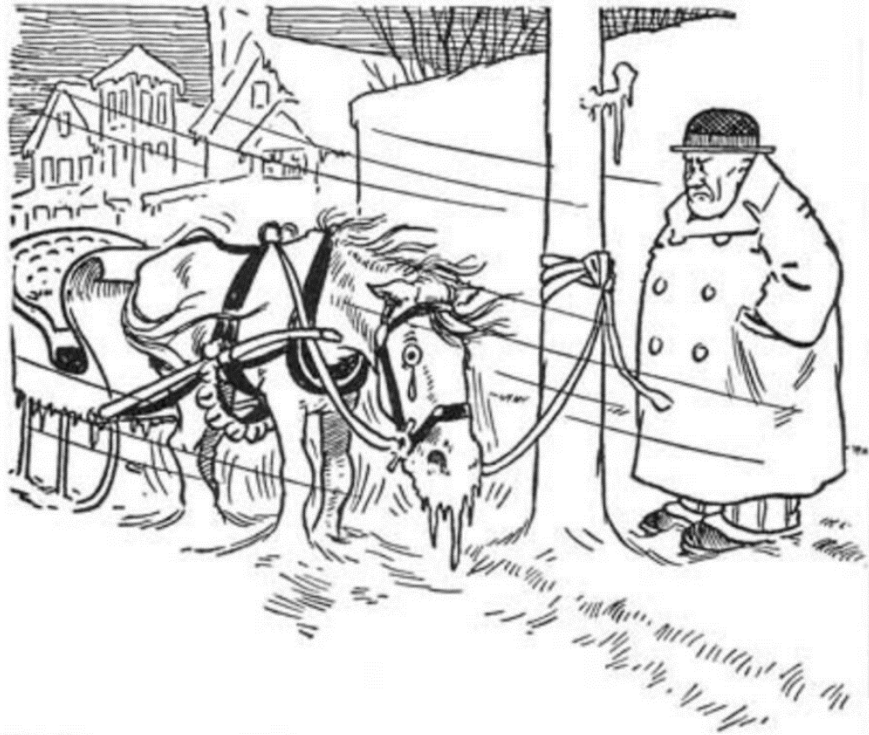


VOCÊ ME RESPEITE, QUE EU NÃO SOU
HOMEM DE FUMAR CIGARRINHO, E SE FALAR
DESSE JEITO COMIGO NOVAMENTE VOCÊ VAI
SE ARREPENDER DE TER NASCIDO!

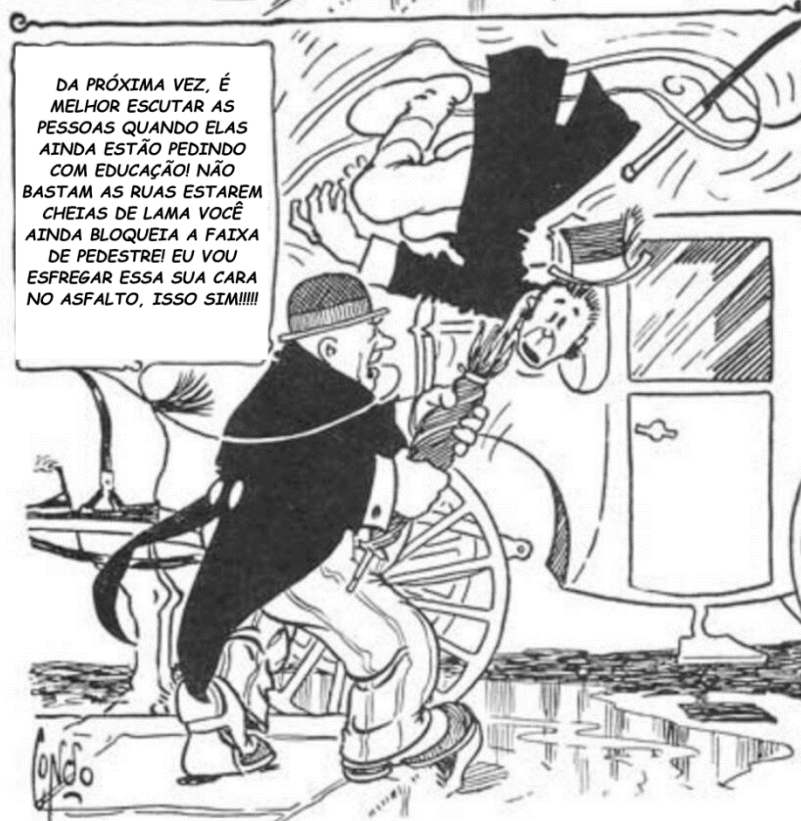


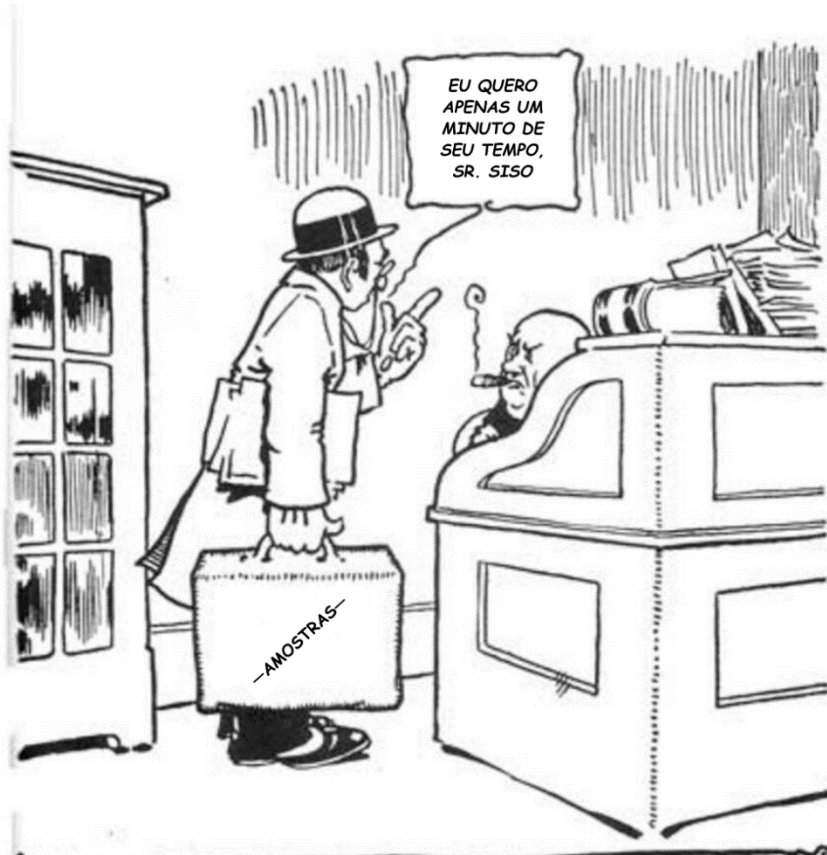






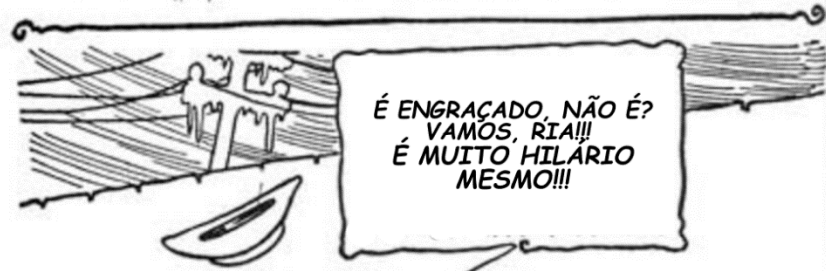




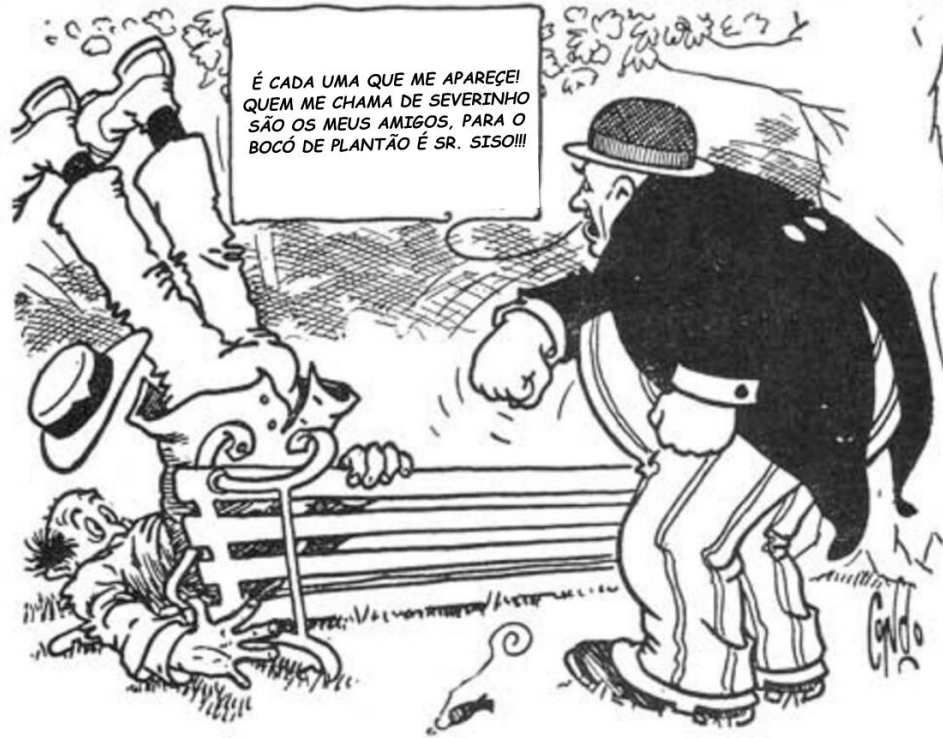
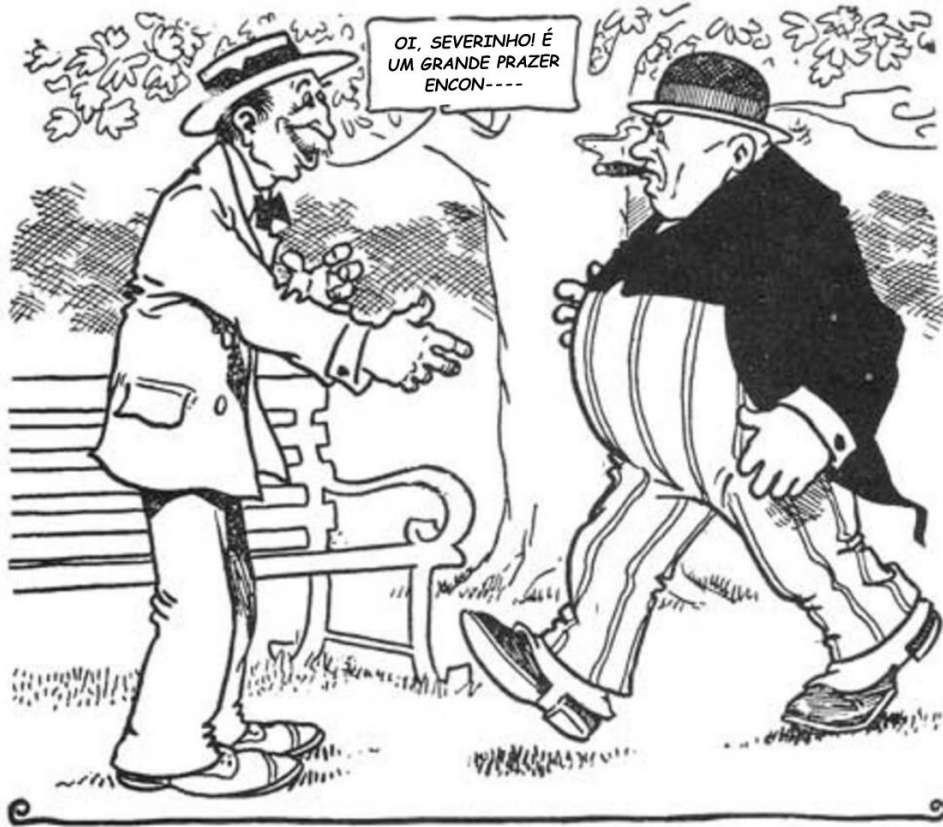








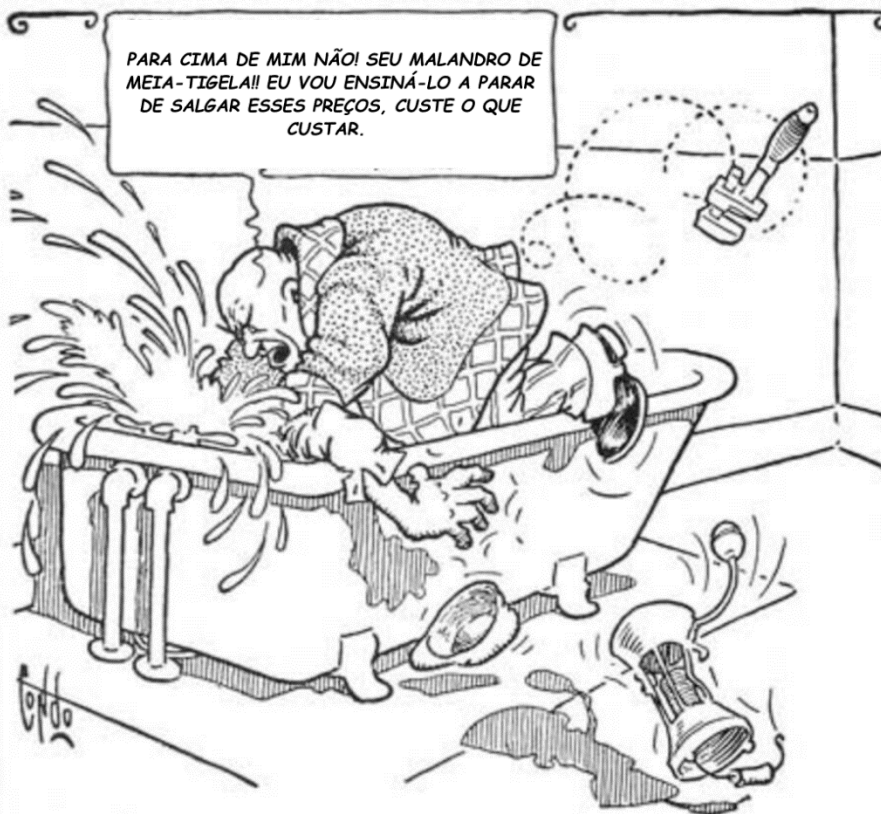




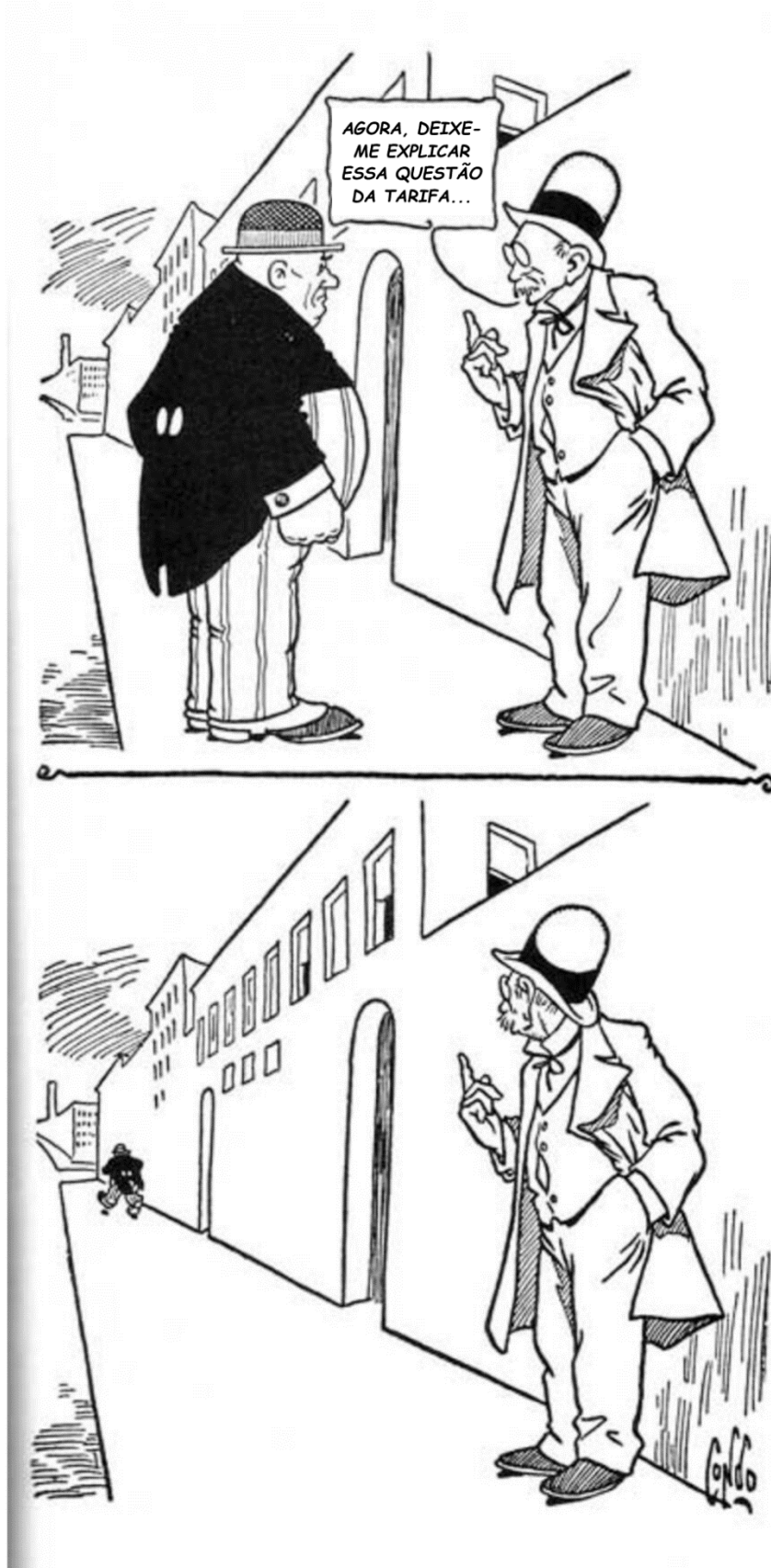
AÍ ESTÁ, SR. SISO, ESTÁ
TUDO CERTO. ISSO VAI
LHE CUSTAR R\$9,82 - 82
CENTAVOS PELAS PEÇAS E
R\$9 PELA MEIA HORA DE
SERVIÇO-----



PARA CIMA DE MIM NÃO! SEU MALANDRO DE
MEIA-TIGELA!! EU VOU ENSINÁ-LO A PARAR
DE SALGAR ESSES PREÇOS, CUSTE O QUE
CUSTAR.







A SRA. SISO DÁ UMAS BRONCAS.











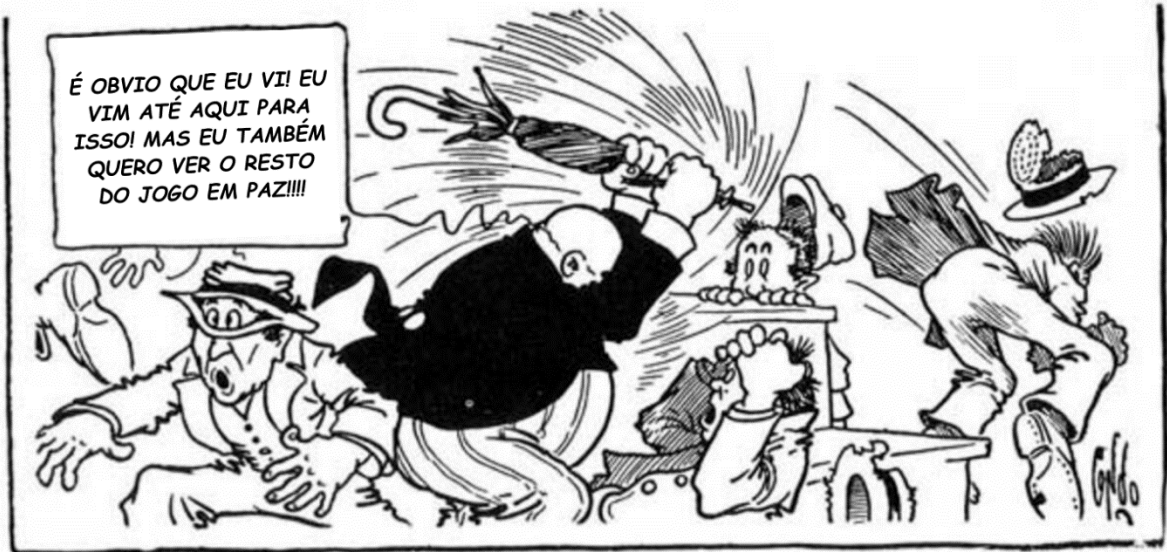




SEVERO SISO VAI AO JOGO DE BEISEBOL

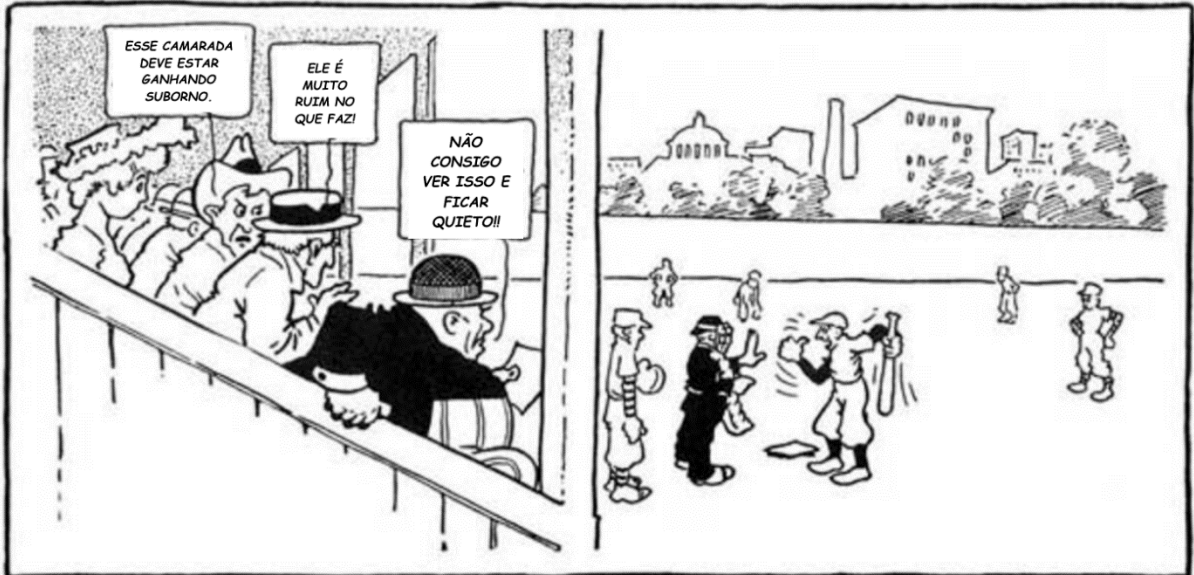










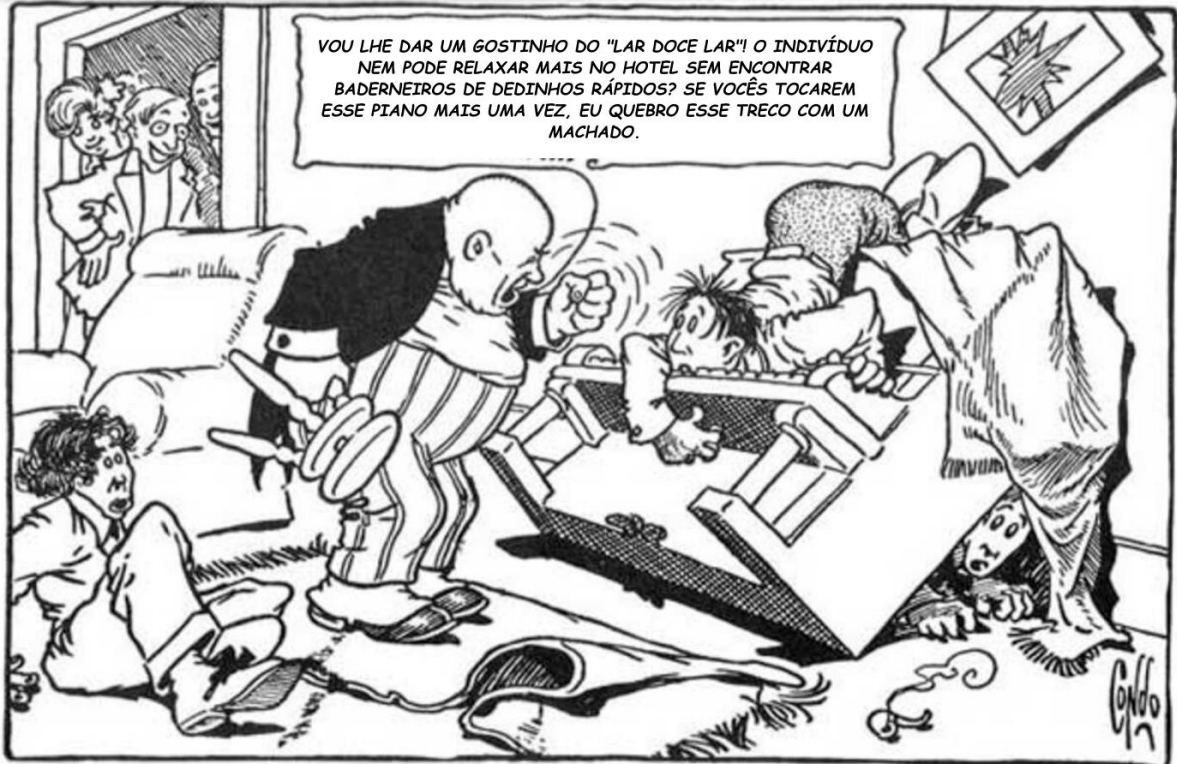


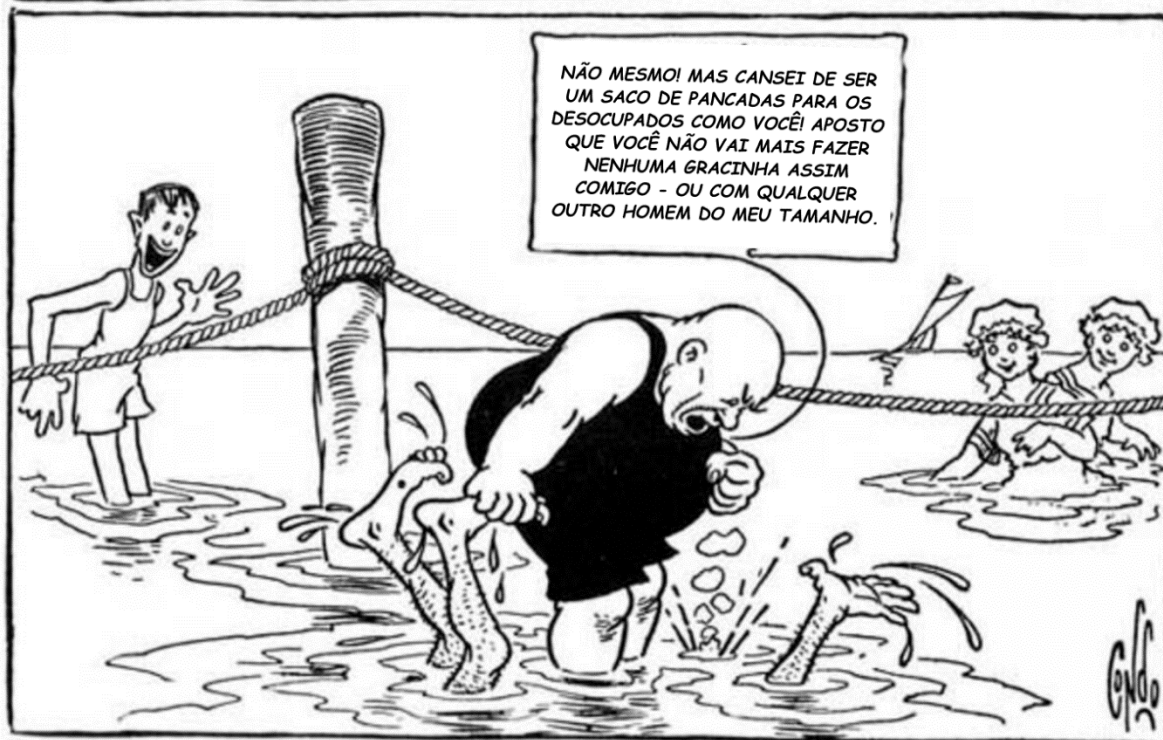
AS FÉRIAS DE SEVERO SISO

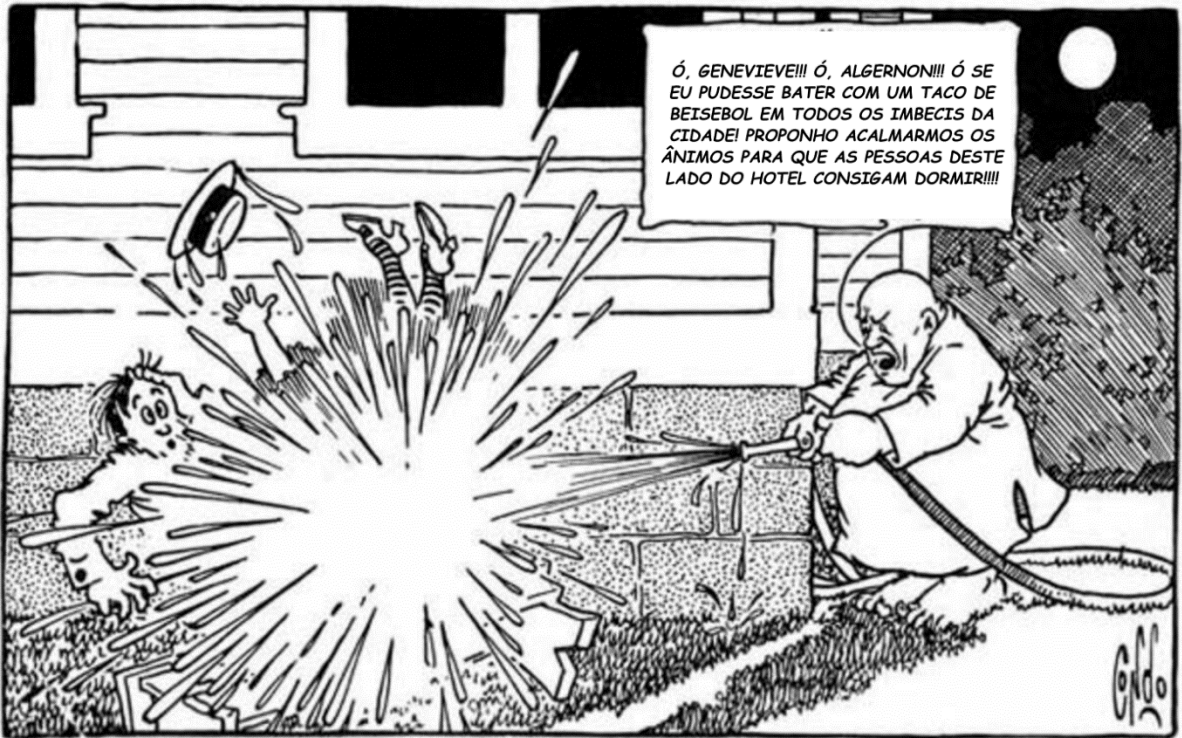
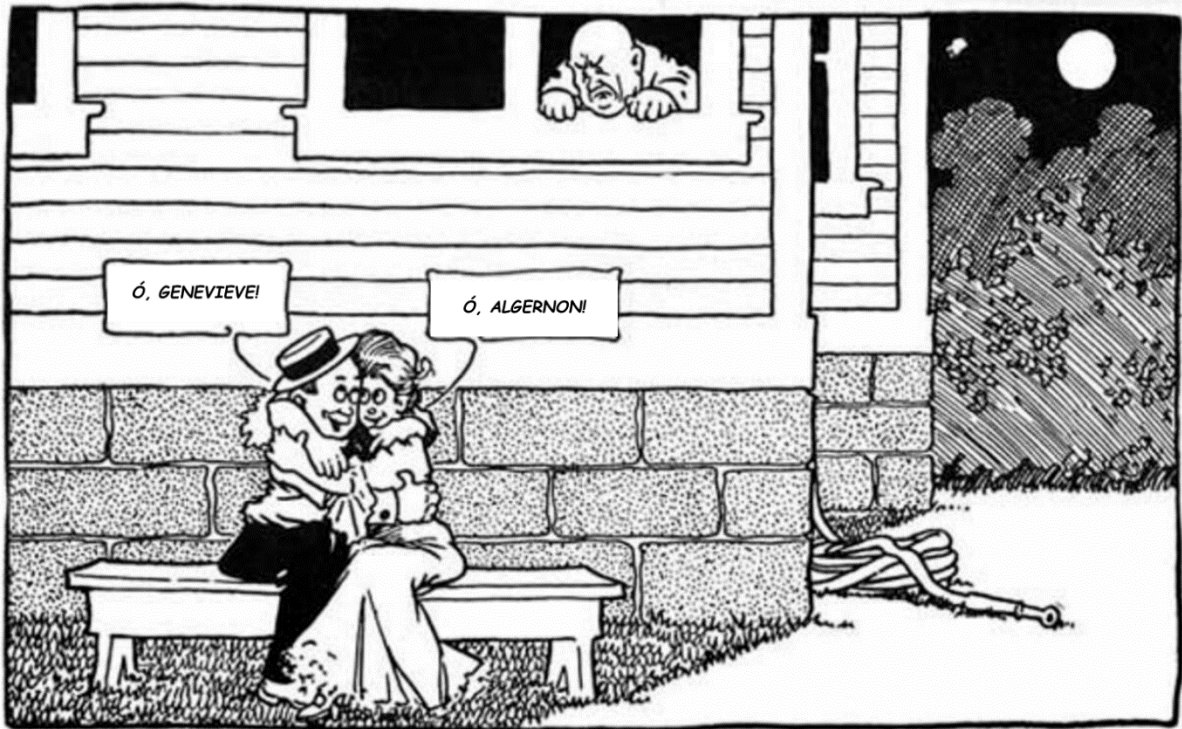




VOU LHE DAR UM GOSTINHO DO "LAR DOCE LAR"! O INDIVÍDUO NEM PODE RELAXAR MAIS NO HOTEL SEM ENCONTRAR BADERNEIROS DE DEDINHOS RÁPIDOS? SE VOCÊS TOCAREM ESSE PIANO MAIS UMA VEZ, EU QUEBRO ESSE TRECO COM UM MACHADO.



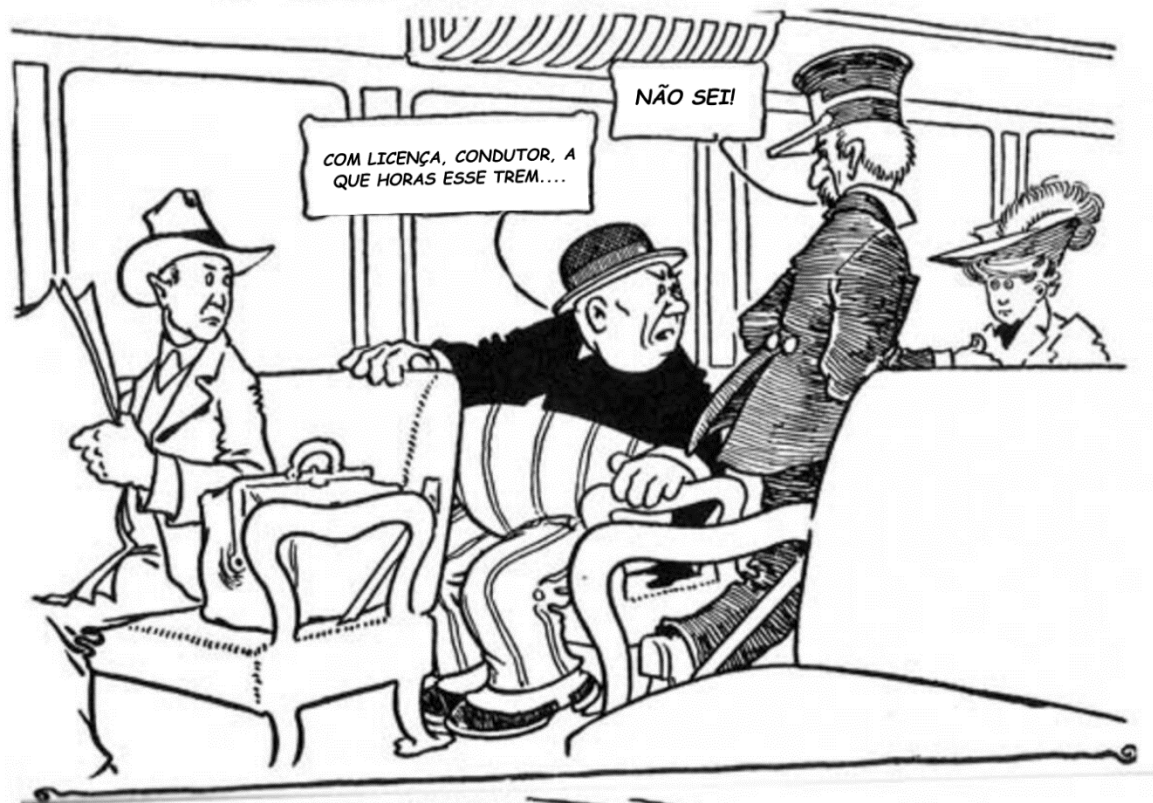






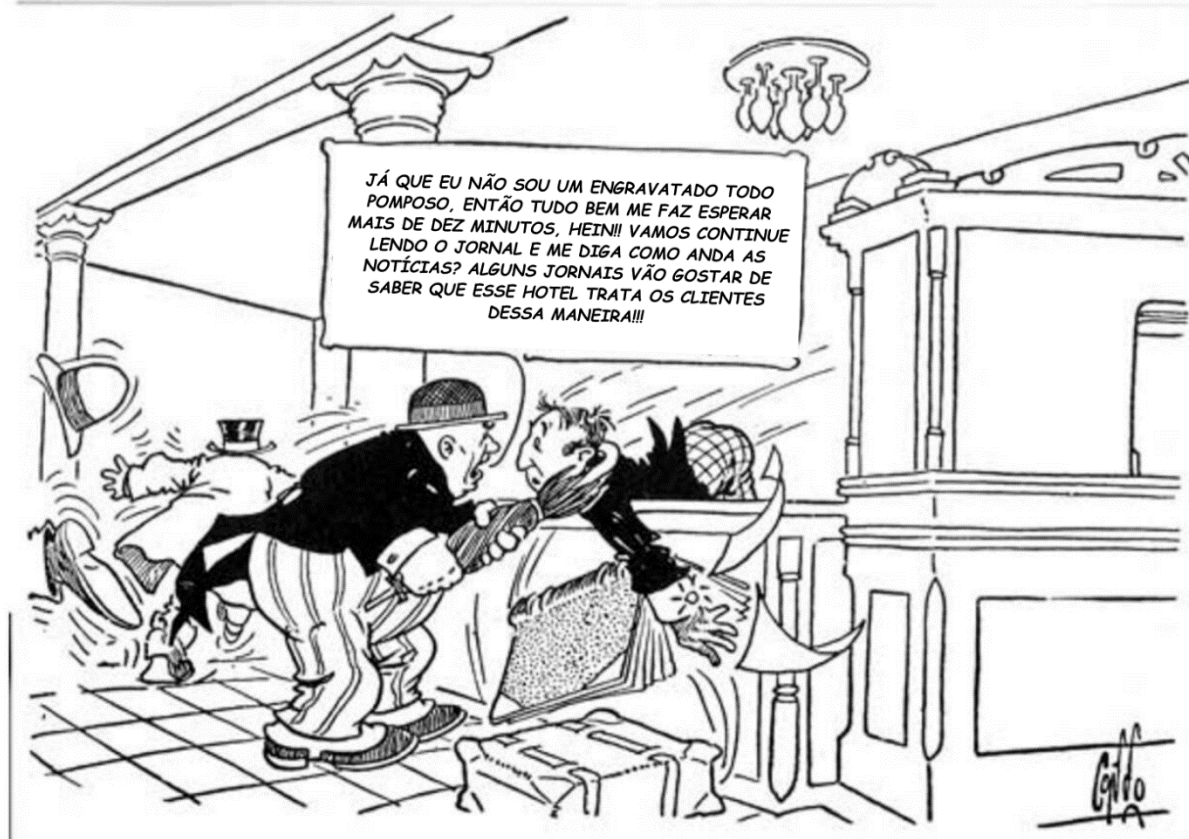


SEVERO SISO VIAJA PARA NOVA YORK













-FIM-



The
OUTBURSTS



of

EVERETT TRUE

THE
OUTBURSTS
OF
EVERETT TRUE

BY
A. D. CONDO AND J. W. RAPER



reprinted by
The Vestal Press Ltd
Vestal NY 13850 USA



Just a Minute —

We're all of us mollycoddles — more or less.

We have a valuable hour which somebody wearies away in recitals of his troubles with his furnace. We look pleasant when a neighbor hurls at us the "bright sayings" of his little Willie. We graciously permit a man to give the hot air treatment to some question of politics — and dinner growing colder every minute. We tolerate the nuisance and the boor, even smiling, at times, instead of resenting intrusions and impertinences.

And all for the sake of peace.

Everett True lacks our weakness in treatment of the human pest. He is a living protest against the incarnate irritants that are with us always. He is not a reformer, but rather an executioner, inflicting punishment where he comes in contact with fit subjects of penal treatment.

Mr. True's victims call him a "grouch". In reality he is a humanitarian.







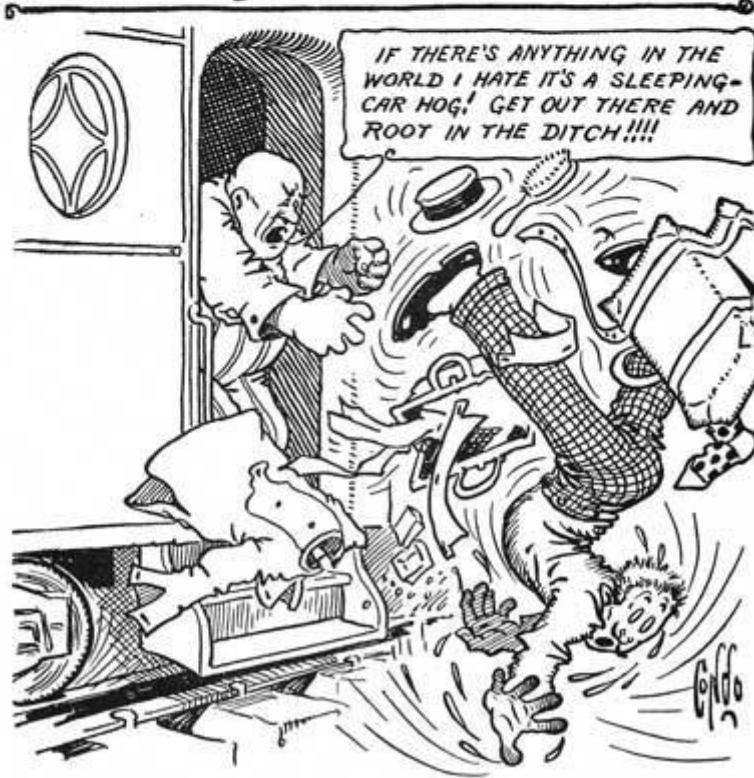


CAN'T A MAN COME INTO THIS TOWN WITHOUT BEING CHEWED TO PIECES BY YOU SHARKS? SOME OF THESE DAYS I'LL GET REAL ANGRY AND PERFORM A FEW SURGICAL OPERATIONS THAT'LL MAKE THIS PLACE LOOK LIKE A SAUSAGE FACTORY!!!!

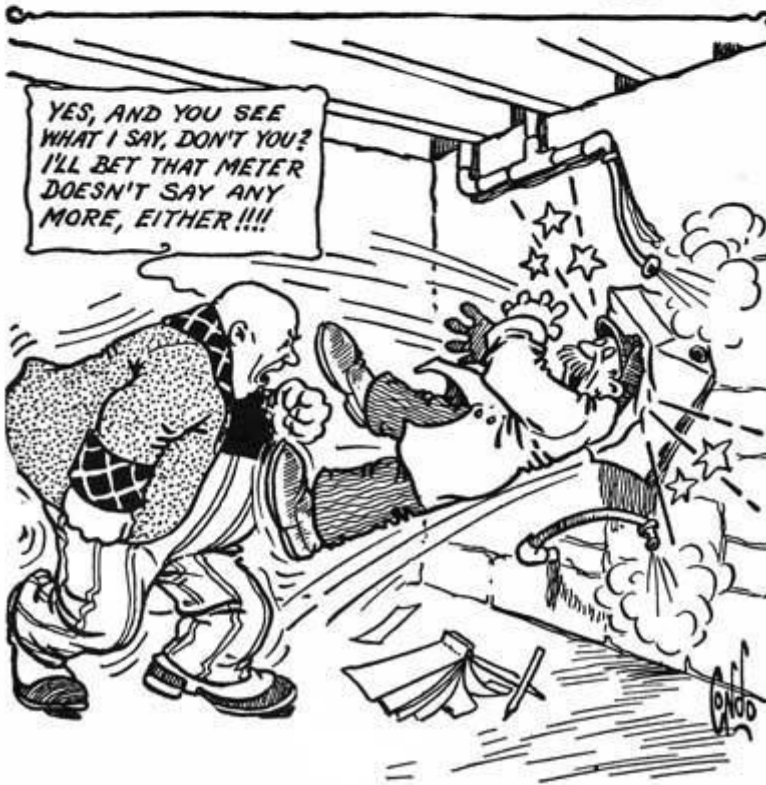








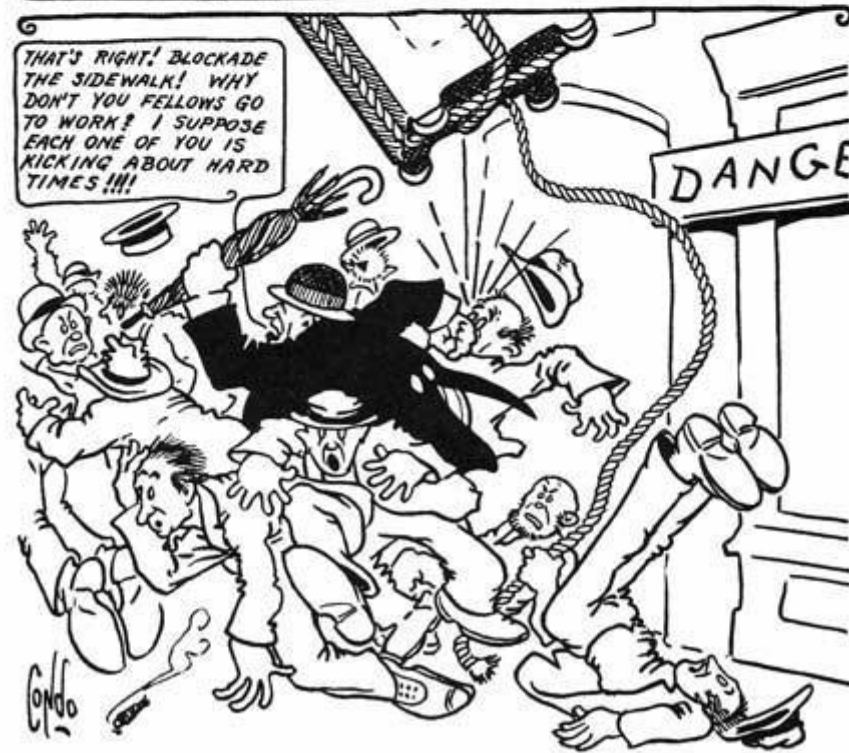




















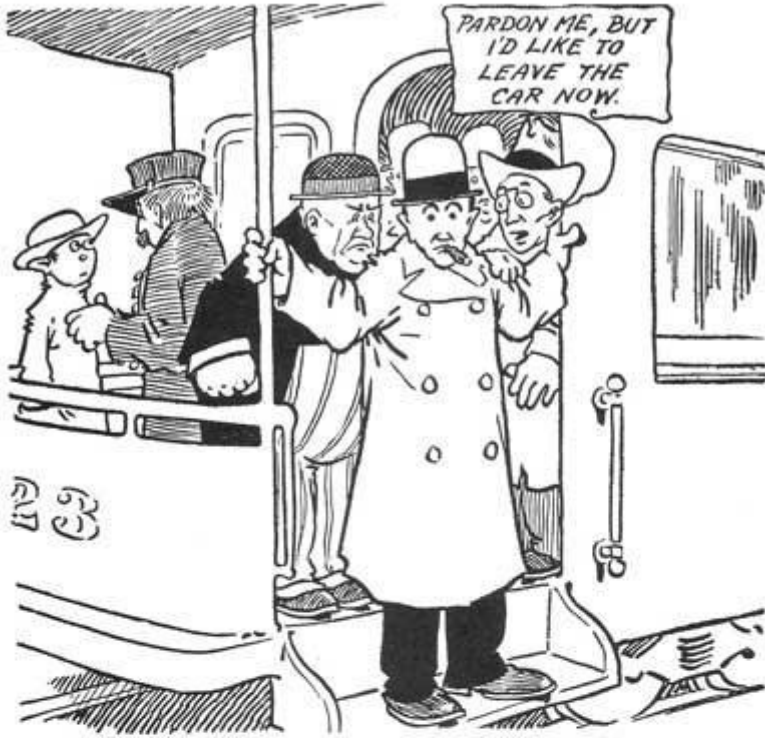


THERE'S GOING TO BE A SWELL DIVORCE SUIT IN THIS TOWN IF MRS. —



I'M TIRED OF HAVING YOU RAM YOUR FINGERS INTO MY MOUTH, YOU GOSSIPY LOBSTER!! IF YOU DON'T STOP IT I'LL BITE 'EM OFF SOME DAY AND GIVE YOU HYDROPHOBIA!!!!

6/20

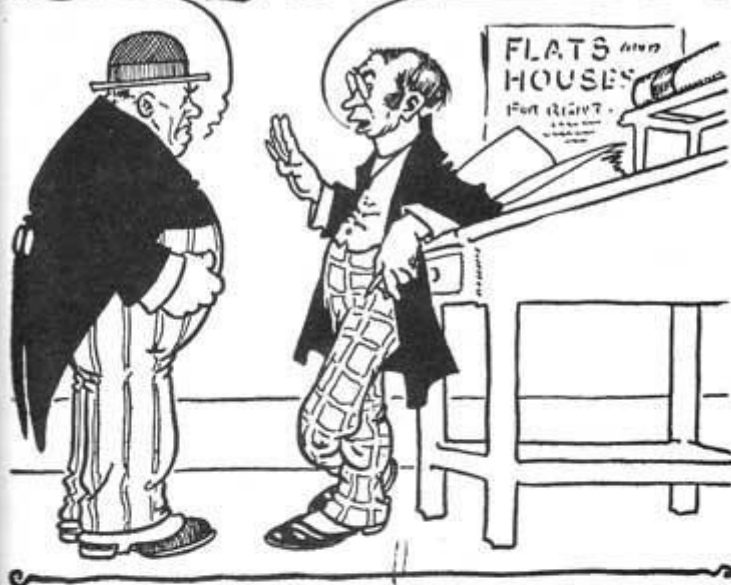




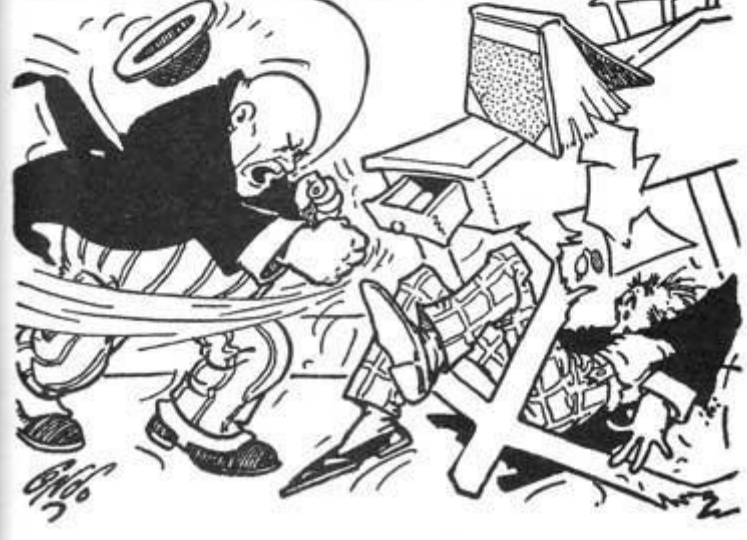


I WANT TO RENT THAT SECOND-FLOOR FLAT THAT WAS VACATED YESTERDAY.

YOU ARE A MOST ESTIMABLE GENTLEMAN, MR. TRUE, AND YOU'D MAKE A MOST DESIRABLE TENANT, BUT YOU HAVE TWO CHILDREN AND, REALLY, I CAN'T RENT



YOU'RE ONE OF THOSE RACE SUICIDE PEOPLE, ARE YOU?! TOO BAD MY CHILDREN HAD TO BE BORN, ISN'T IT? I'LL HAVE 'EM BOTH PUT TO DEATH RIGHT AWAY, WILL I? GET UP OUT OF THAT SO I CAN TAKE ONE MORE PUNCH AT YOU !!!!

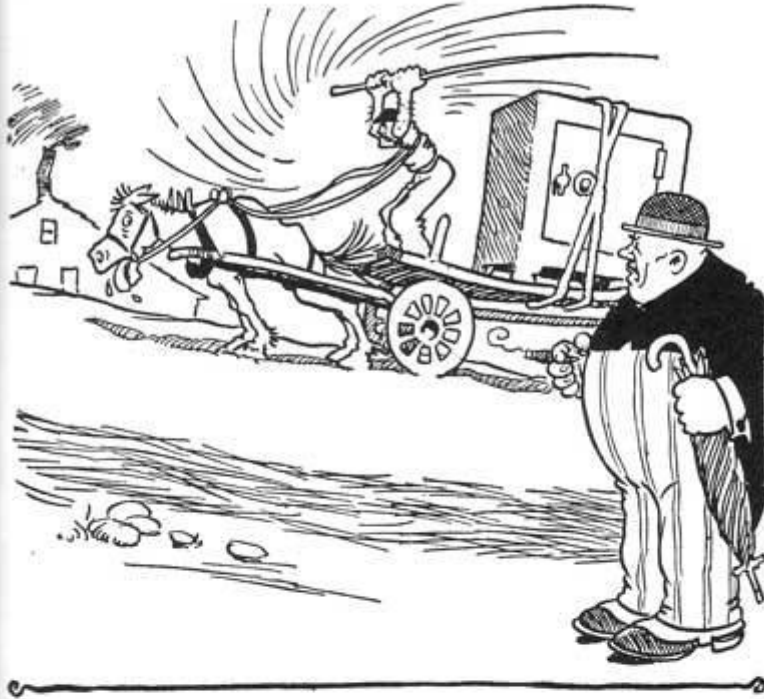


ALL TH' LATEST POPULAR, COMICAL, SENTIMENTIC SONGS UV TH' DAY!! "ONLY A SLAB UV WHITE MARBLE"! "MY SWEET-HEART'S AN AMAZON QUEEN"! "PASS ME A NAPKIN, THERE'S EGG ON MY CHIN"! "TEDDY'S TEETH ARE BRIGHTLY GLEAMING"! "HER PICTURE'S IN THE ATTIC"! "DON'T PESTER MOTHER ON A WASHDAY"! "WILLIE LAYS BENEATH TH' SOD"!



YOU'LL "LAY BENEATH THE SOD" WHEN I FINISH WITH YOU!! IF THE POLICE CAN'T SUPPRESS YOU I'LL TACKLE THE JOB MYSELF!!!! !!!



















BROTHER TRUE, I DROPPED IN TO SEE IF YOU WERE COMING TO THE SUNDAY SCHOOL PICNIC. AT ANY RATE YOU MUST LET YOUR CHILDREN COME.

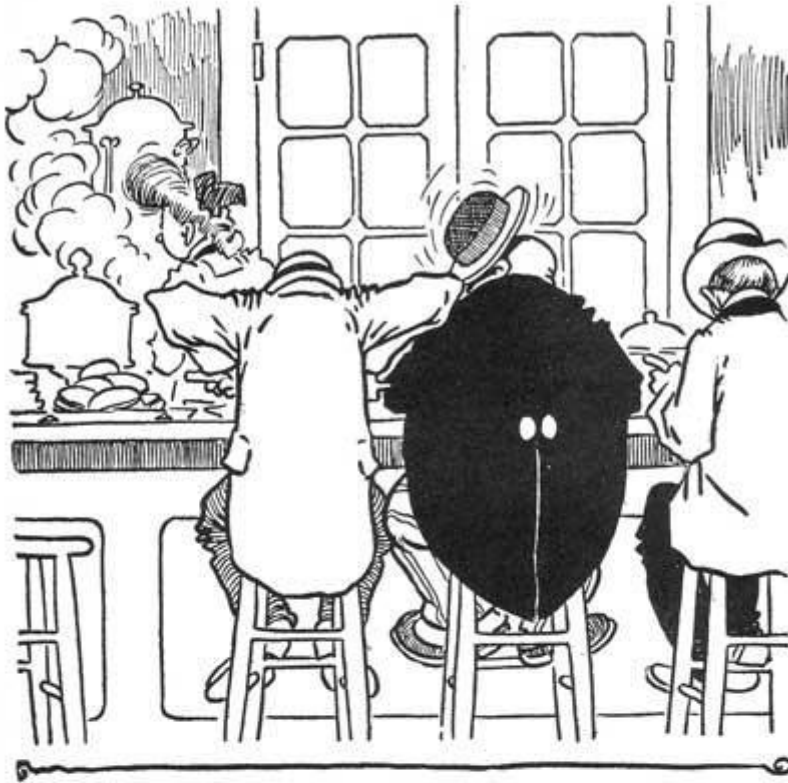


LET ME TELL YOU RIGHT NOW, AND ONCE FOR ALL TIME, THAT I CAN'T UNDERGO THE HORRORS OF A SUNDAY SCHOOL PICNIC. AND I DON'T WISH MY CHILDREN GROUND TO PIECES UNDER CAR WHEELS, NOR DROWNED IN A POND!! AND IF YOU CALL ME "BROTHER" TRUE AGAIN I'LL FORGET YOU'RE A MINISTER!!!!



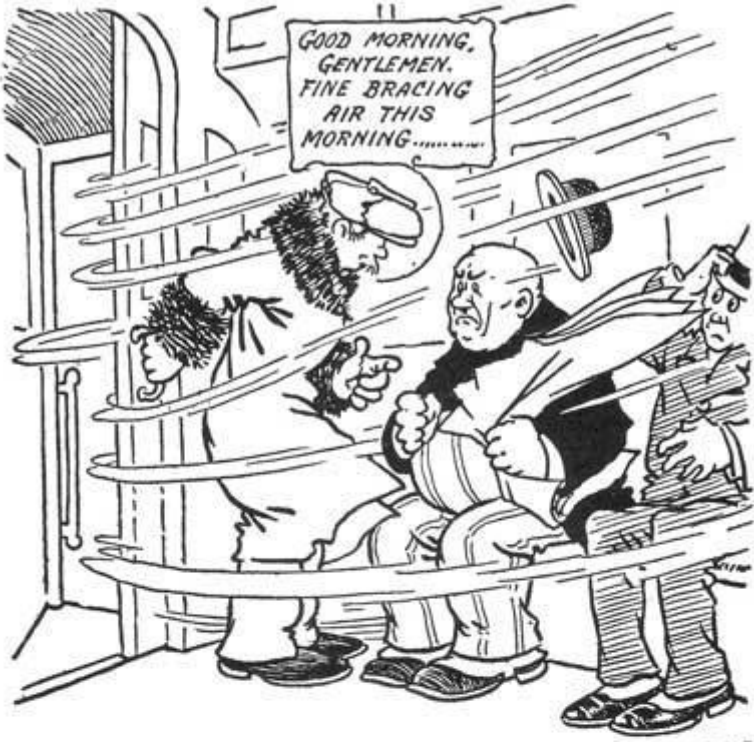
Condo



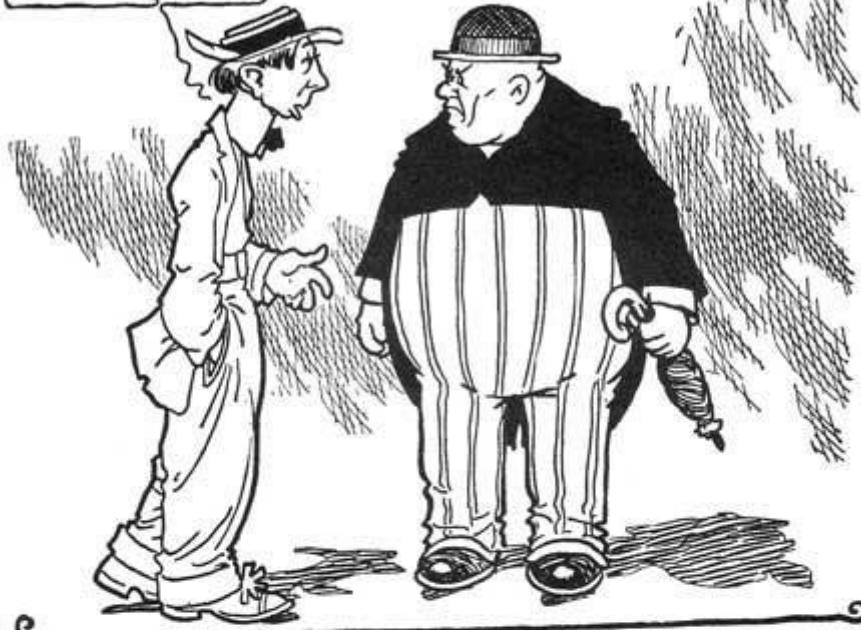








SAY, FELLOW,
GOT THE
MAKIN'S?—

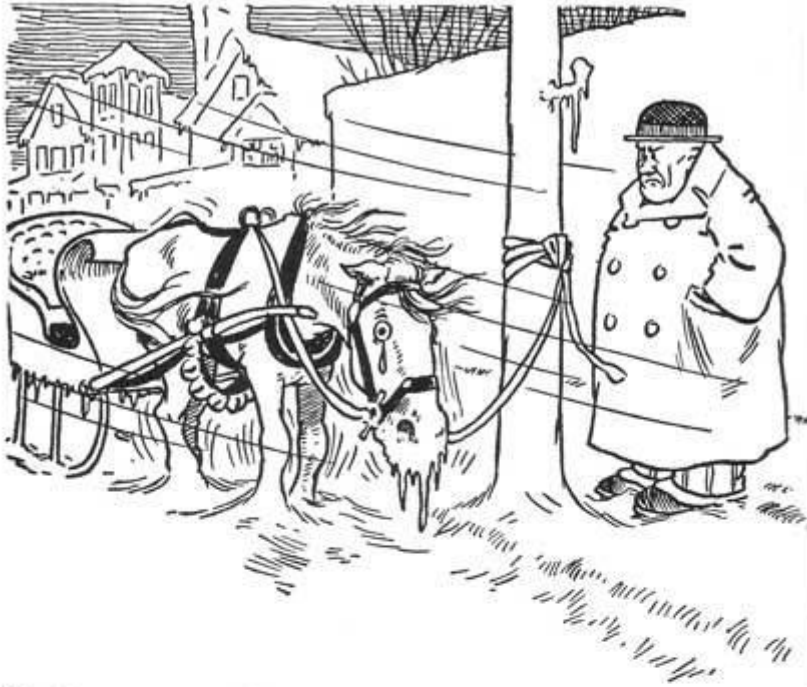


I'VE GOT "THE MAKIN'S" FOR A
FIRST CLASS FUNERAL, AND
YOU'LL BE THE LATE DEPARTED
IF YOU EVER INSULT ME THAT
WAY AGAIN!!!!













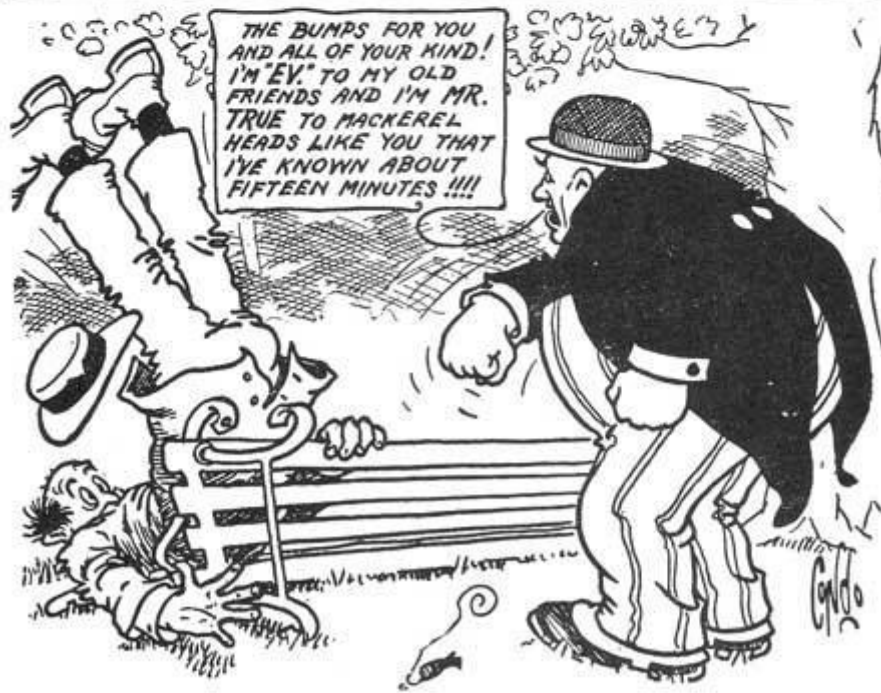
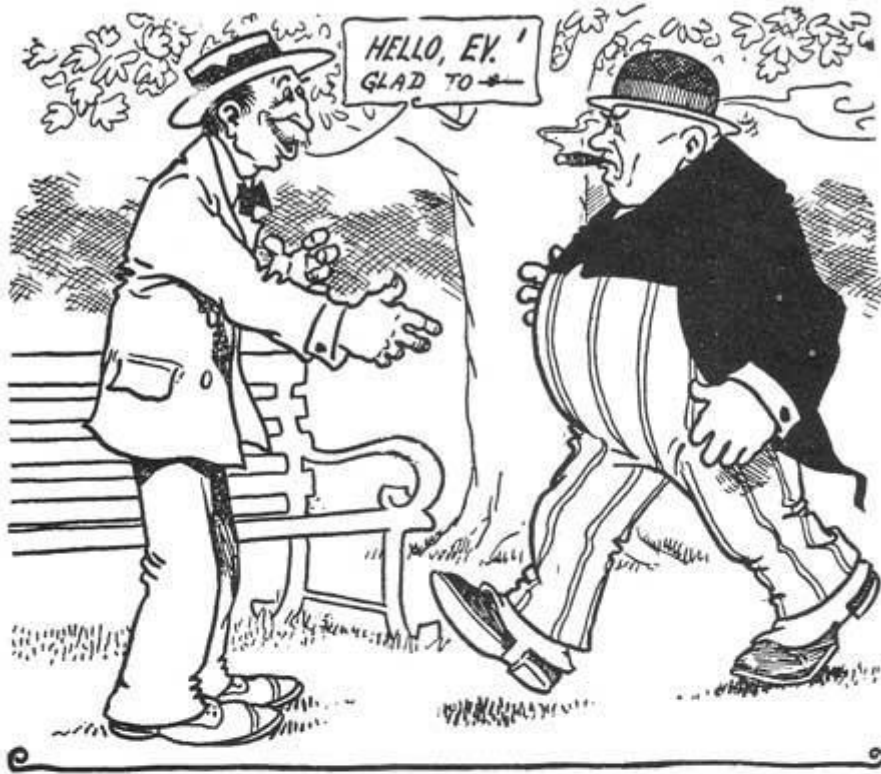


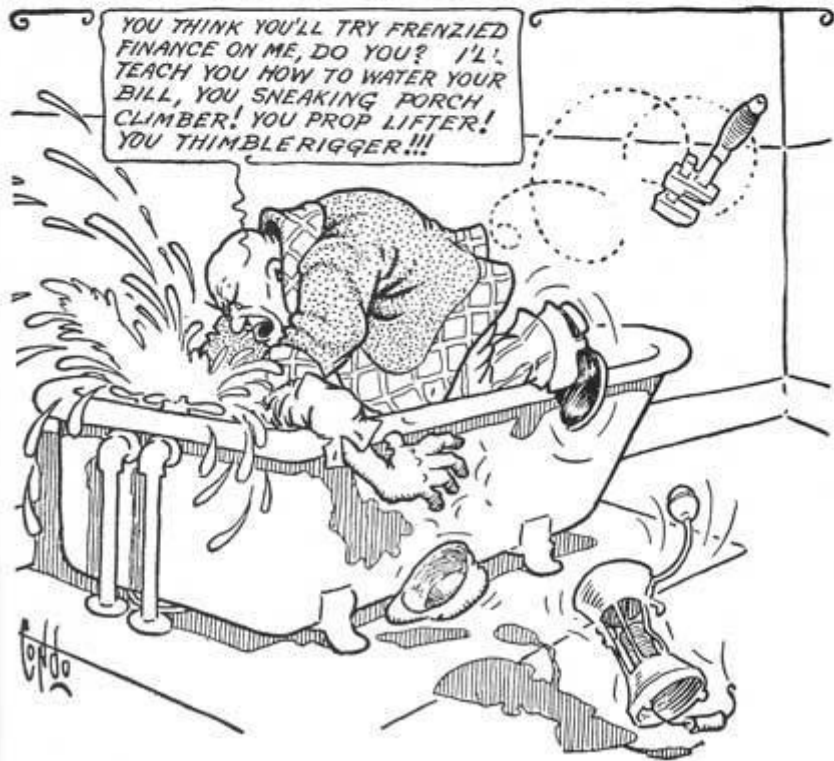
















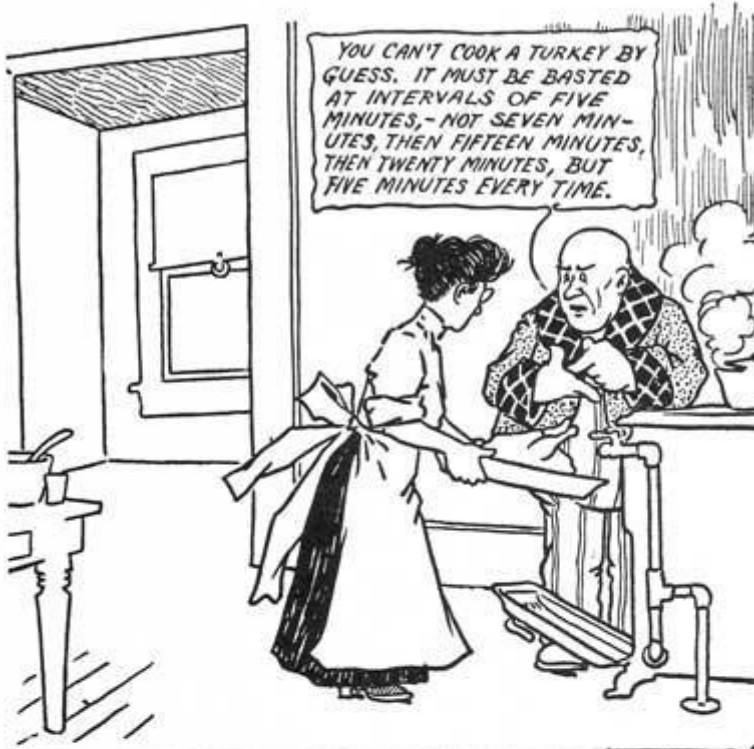
MRS. TRUE HAS A FEW OUTBURSTS.

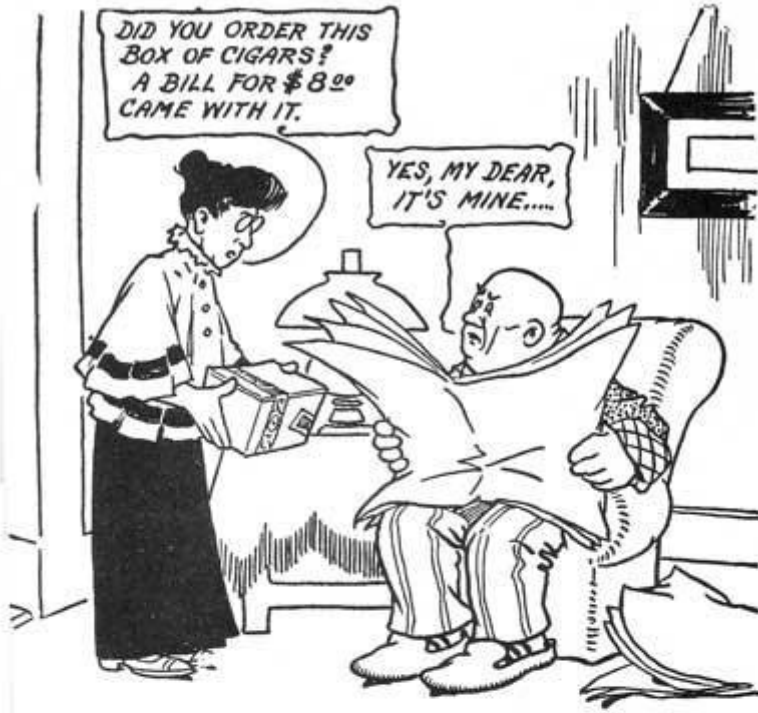










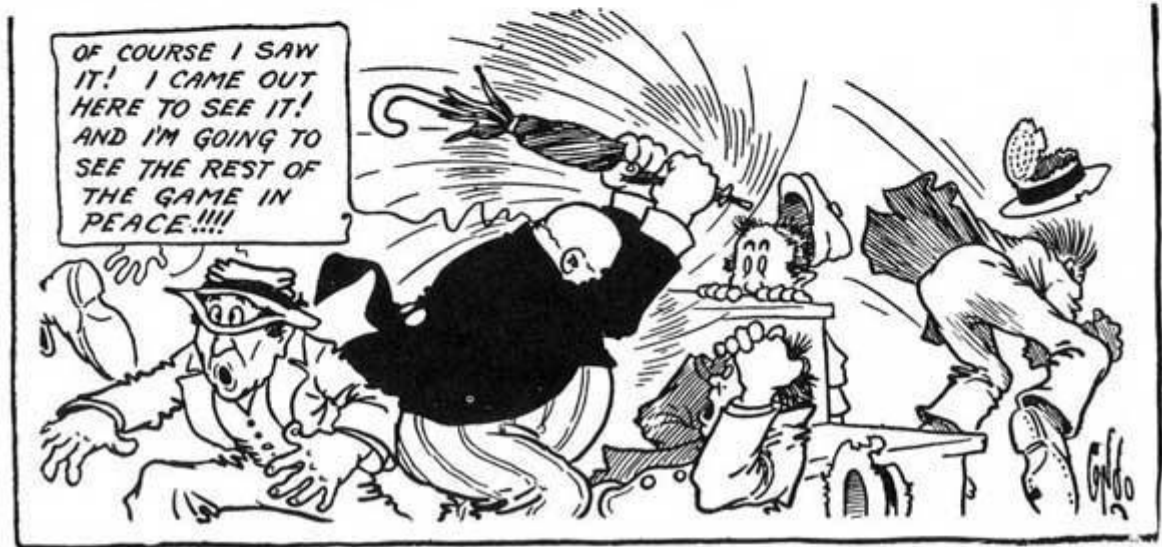




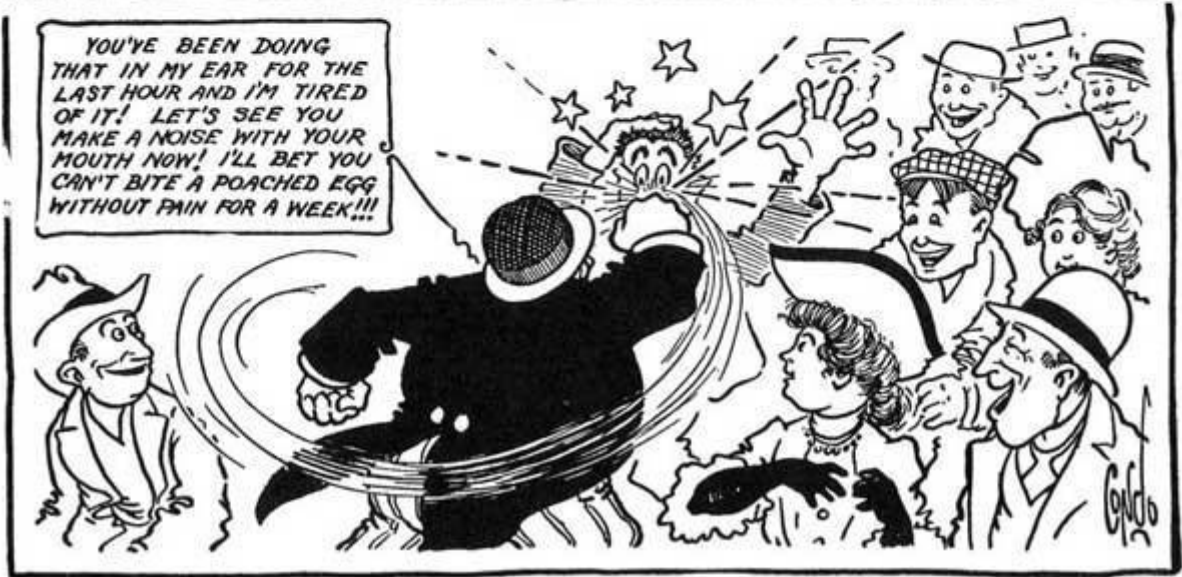
EVERETT TRUE AT THE BALL GAME.

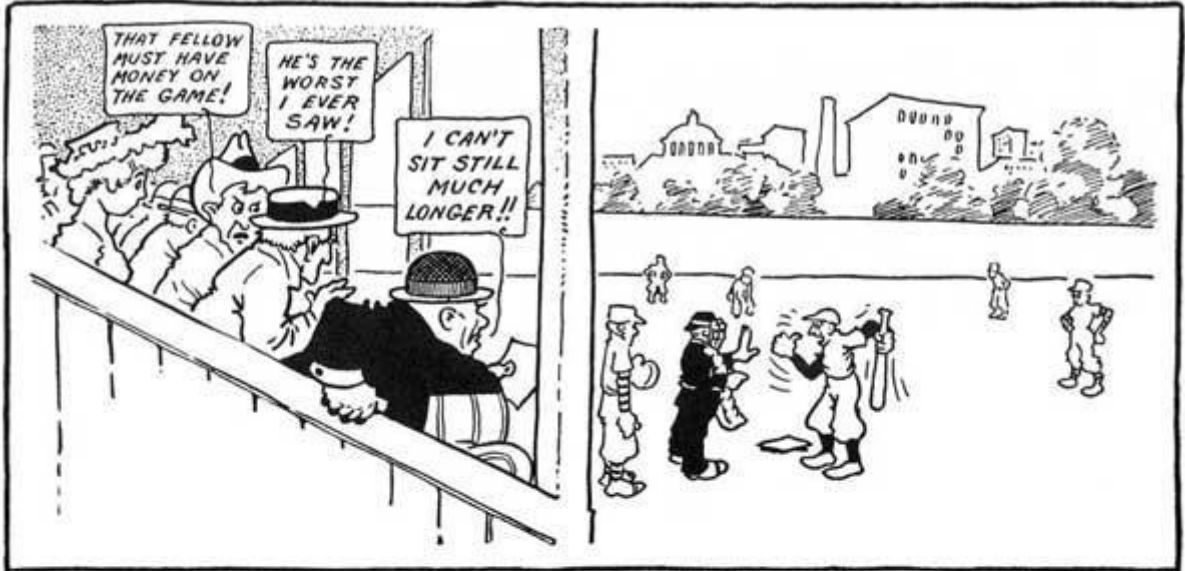




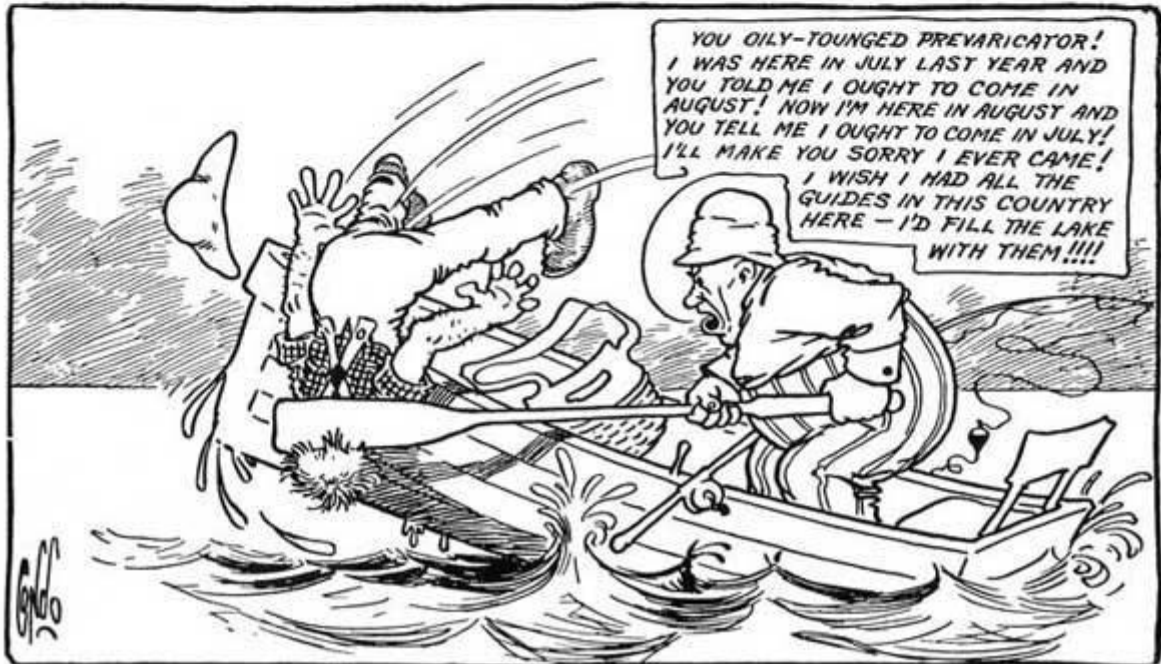


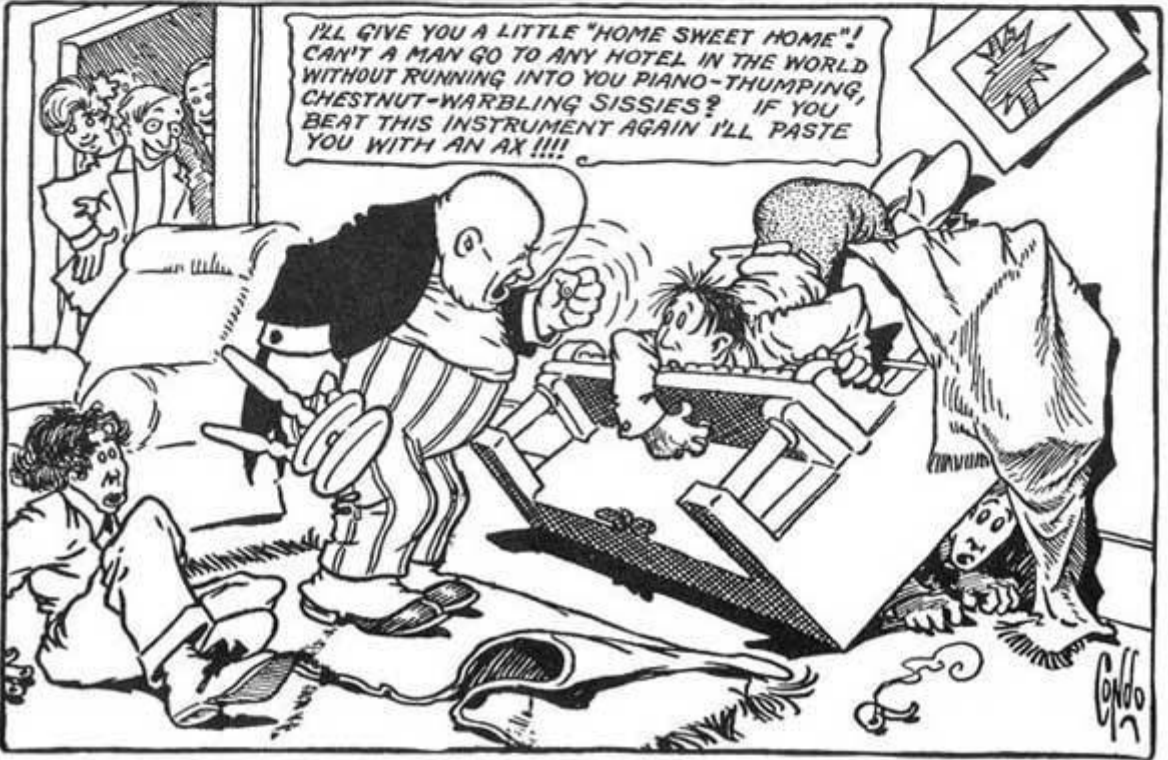


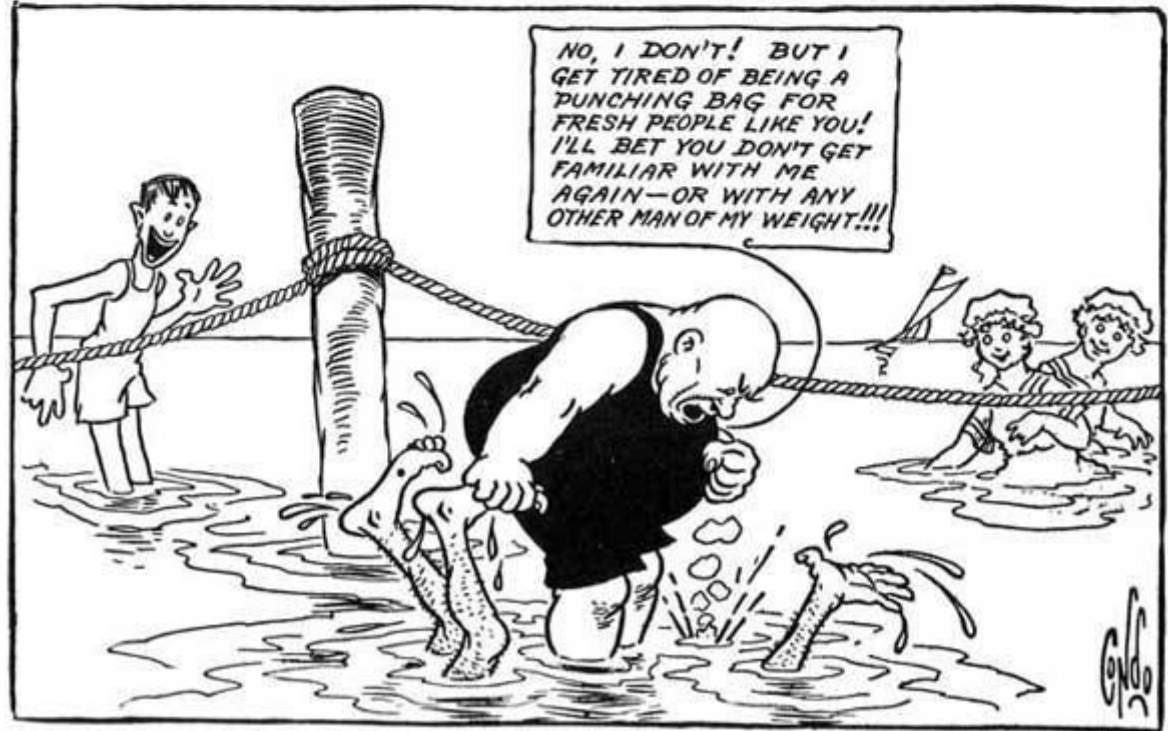


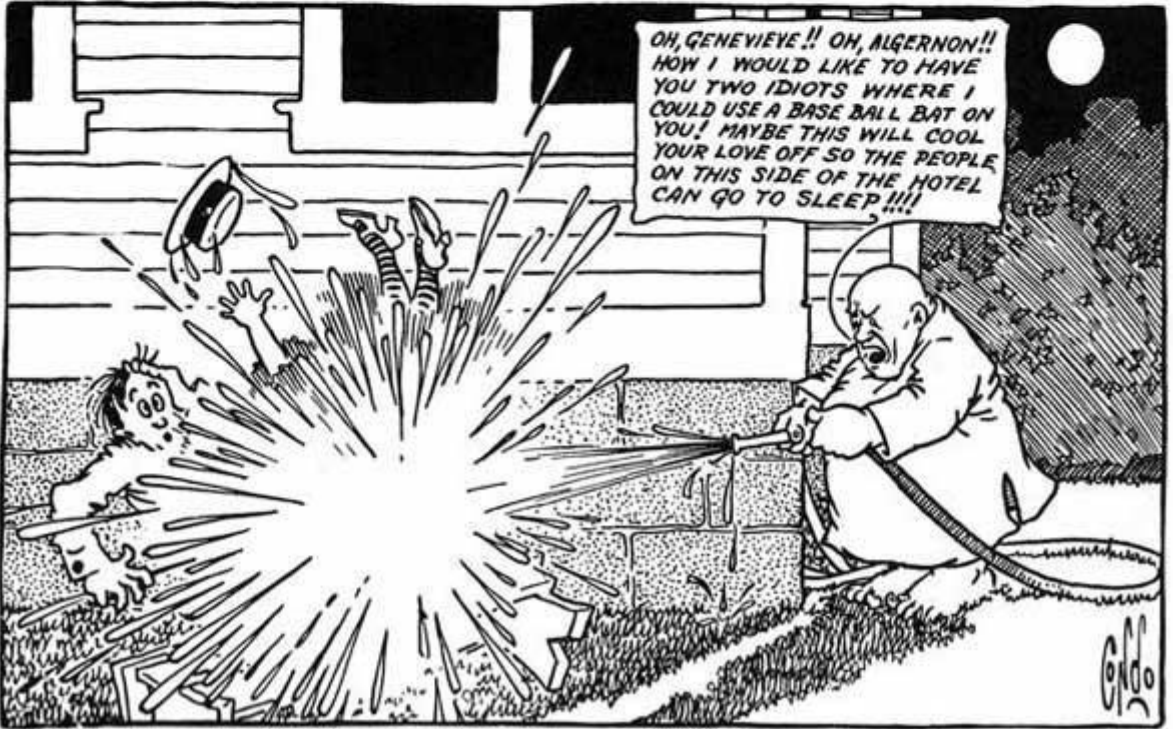


EVERETT TRUE ON HIS VACATION.









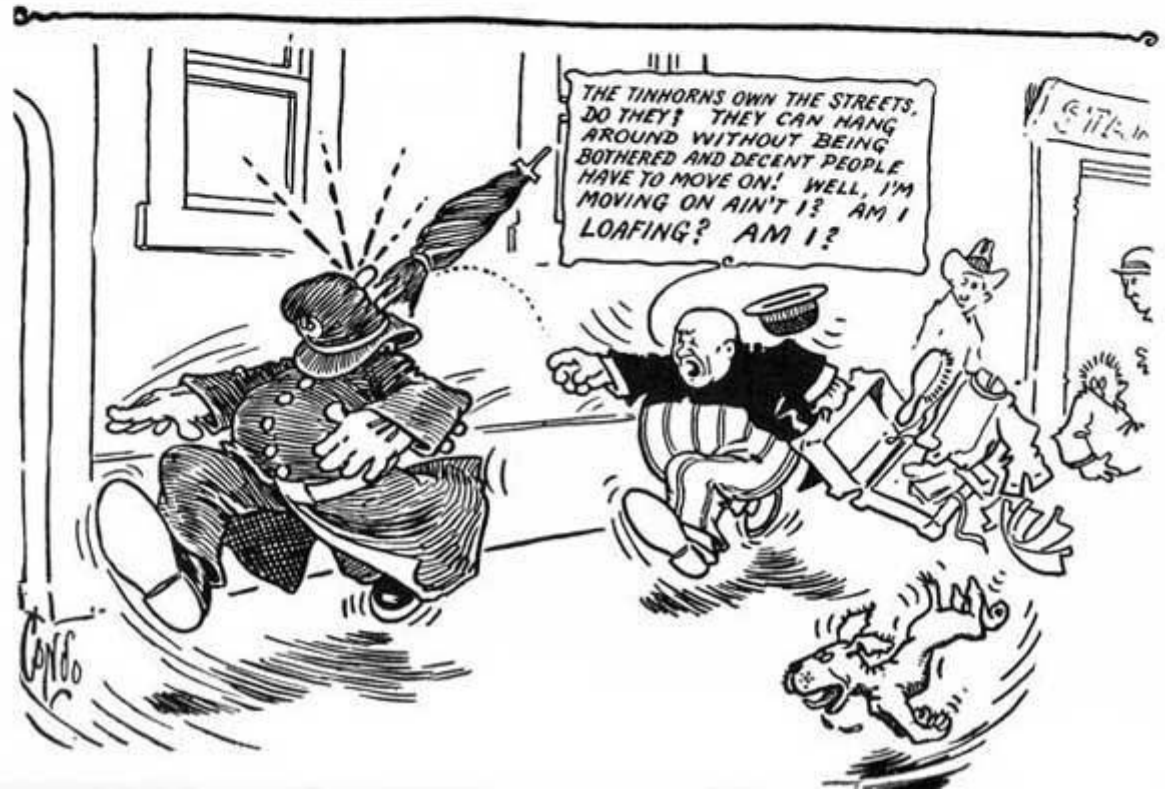




EVERETT TRUE'S TRIP TO NEW YORK.













—FINIS—

